

NÃO EXISTE MORTE



A OUTRA PORTA PARA DEUS

Hugh Lynn Cayce

Tradução: Amadeu António

NÃO EXISTE MORTE

A OUTRA PORTA DE DEUS

Hugh Lynn Cayce e Edgar Cayce Compilado e editado por Graham L. McGill

Direitos de autor © 1998

Association for Research and Enlightenment, Inc.

6.ª impressão, março de 2007

ÍNDICE

Prefácio...
Introdução...
Experiências fora do corpo...
Vibração...
O Corpo Mais Fino A Luz...
O Cordão de Prata...
O Sono...
A Outra Porta de Deus Fantasmas...
Pensamentos...
Amor...
O Intermédio...
Comunicação da Alma
Orações pelos Mortos
As Fontes de Edgar Cayce
Possessão...
Anjos, Guias, Ideais e o Cristo
Halaliel...
Miguel
Reencarnação
Sugestões para os Vivos
Sonhos...
Oração...
Meditação
Serviço...
Luz...
A Continuidade da Vida

PREFÁCIO

No final da década de 50, quando *A Outra Porta de Deus* foi escrito pela primeira vez, Hugh Lynn Cayce não tinha muito tempo para trabalhos literários. Estava constantemente na estrada, a falar em todos os estados sobre qualquer tema relacionado com Cayce. A Association for Research and Enlightenment, Inc. (A.R.E.), que Hugh Lynn tentava construir e manter viva mais de dez anos após a morte do pai, contava apenas com alguns milhares de membros. Ainda assim, criou um pequeno livro clássico sobre a morte e os reinos para além da morte.

Revisar e ampliar um livro destes, utilizando outros materiais de Hugh Lynn, representou um enorme desafio, percebi eu. Durante as primeiras semanas, reuni materiais relacionados – lendo transcrições da A.R.E. Press, transcrevendo histórias de fitas áudio e tomando notas de outros livros de Hugh Lynn Cayce. Mas quando comecei realmente a pôr palavras no papel, deparei-me com um obstáculo.

Sentia-me hesitante, incerto, intimidado, sobrecarregado. Perguntava a mim mesmo: «Será que Hugh Lynn usaria esta palavra, ou aquela?» «Como posso adicionar material de transição sem pôr palavras na boca de Hugh Lynn?» «Como posso gerir uma revisão e, ainda assim, permanecer coerente com a versão original de Hugh Lynn?» Parecia estar constantemente a coçar a cabeça, a morder o lábio e a ir buscar café.

Afinal, eu não crescera como filho de Edgar Cayce. O meu encontro com os materiais de Cayce fora meu, não de Hugh Lynn. Passara a minha vida adulta como editor de jornal, não como administrador da A.R.E. ou conferencista sobre o mundo da psique.

Enquanto chefe da A.R.E., Hugh Lynn fora para mim uma figura imponente; por vezes, até parecia intimidante e severo. No entanto, sabia que muitos membros da A.R.E. o veneravam profundamente e ainda falavam dele com carinho. Dolorosamente, comecei a perguntar-me se teria aceitado mais do que podia suportar.

Então tive um sonho.

Hugh Lynn estava sentado a uma mesa comigo, a rir e a conversar. Descontraído e animado, de mangas curtas, inclinava-se para trás na cadeira, gargalhando e gesticulando. Concordou comigo que *A Outra Porta de Deus* precisava de ser revisto. Estava certo, disse ele, de que eu era «o tipo»

indicado para o fazer. Não tinha computador quando o escreveu em 1958, muito menos um CD-ROM, e achava que eu poderia adicionar muitas leituras que ele não tivera tempo de localizar no início. Estaria lá para me ajudar quando precisasse, assegurou-me. Para confirmar a sua crença na minha capacidade, deu-me «o seu número secreto de código» para todo o sistema informático da A.R.E., que, disse a mim mesmo no sonho, por uma questão de honra, não iria recordar. E, pensando nisso mais tarde nessa manhã, verifiquei que não conseguia!

Ao acordar, sorrindo, senti como se tivesse recebido uma palmada nas costas do Além. «Obrigado, Hugh Lynn, por apareceres no meu sonho», disse eu.

A revisão de *A Outra Porta de Deus* tornou-se mais fácil depois disso.

Graham L. McGill

INTRODUÇÃO

QUEM FOI EDGAR CAYCE?

O «adormecido» Edgar Cayce era um diagnosticador médico. Durante a sua vida (1877-1945), ajudou milhares de pessoas com doenças que iam desde furúnculos até à loucura. Muitos acreditam que ele lhes salvou ou mudou a vida quando tudo parecia perdido. Continua a ajudar pessoas hoje em dia através das mais de 14 000 leituras preservadas e distribuídas pela Association for Research and Enlightenment, Inc. (A.R.E.).

Muitos livros contam esta história – *There Is a River, Many Mansions* e *The Sleeping Prophet* – para mencionar apenas alguns. O «adormecido» Cayce é bem conhecido através destes livros. Eu, seu filho, vou falar do Edgar Cayce que conheci enquanto ele estava acordado.

Exteriormente, por vezes, podia parecer bastante comum. Gostava de pescar percas num lago do Kentucky e de pescar espadins na costa da Florida. Gostava de jogos – damas, bowling, croqué, golfe – embora fosse um dos piores golfistas que alguma vez vi.

Era um homem de muitos talentos.

Como fotógrafo naqueles tempos, não só tirava fotografias, como as revelava, imprimia, montava e emoldurava. A mãe ajudava neste negócio

pintando à mão algumas das primeiras. Por vezes usava a mãe e a mim como modelos para as suas fotografias. Pais traziam crianças de todo o Alabama para ele, e acabou por ficar conhecido como um excelente fotógrafo de crianças. A sua fotografia de uma planta de algodão em flor ganhou muitos prémios.

Onde quer que vivêssemos, o pai tinha uma oficina. Conseguia consertar qualquer coisa. Era um bom carpinteiro. Quando tínhamos idade suficiente, ensinou ao meu irmão e a mim a trabalhar com ferramentas (uma conquista em si mesma). A família estava sempre a acrescentar ou a remodelar a casa – a pintar, a fazer betão, a construir paredes com ripas e estuque. Crescerá numa quinta, como sabem, e nunca esqueceu completamente as competências que aí adquirira. Orgulhava-se dos seus jardins – a variedade de árvores no nosso quintal e os arbustos de bagas que cultivava com cuidado e devoção.

Também fazia compotas, geleias e vinhos, muitas vezes em grandes quantidades. Durante a Proibição, foi investigado, não como vidente, mas como potencial contrabandista de álcool, porque comprava quantidades tão grandes de açúcar! Por vezes, a mãe ia a Hopkinsville visitar parentes e voltava para uma despensa cheia de pêssegos em aguardente, geleias, figos e tonéis de vinho. Durante a sua vida, ofereceu milhares de frascos de compota.

À medida que crescíamos, o meu irmão e eu éramos encorajados a levar amigos a casa. A mãe arranjava sempre algo para eles comerem, e o pai era descontraído e sociável com pessoas de todas as idades. Após a nossa mudança para Virginia Beach, incentivou-me a ajudar no grupo local de escuteiros. Construímos uma cabana de escuteiros na Baía de Linkhorn, uma área arborizada ainda por desenvolver na altura. Um dos pais escuteiros conseguia perfurar poços, mas só encontrava água salobra. Quando mencionei isso ao pai, ele insistiu que fôssemos imediatamente.

Pelo caminho, cortou um ramo de pessegueiro em forma de «Y». No local da cabana, segurou o «Y» à frente do peito e andou para trás e para a frente até o ponteiro se virar para baixo. Por fim, cravou uma estaca e disse-me que encontraríamos boa água a dez metros e trinta e dois centímetros. O perfurador de poços cavou e obteve boa água a dez metros e trinta e cinco centímetros. O pai, ao que parece, também era rãdomante.

Passava algum tempo todos os dias, durante o bom tempo, a pescar percas no pequeno lago atrás da nossa casa. Construiu um cais sobre a água e colocou um assento confortável na ponta. Plantou um pequeno salgueiro numa caixa forrada a alcatrão cheia de terra, e prendeu-lhe uma corda para poder puxar a árvore flutuante e se proteger do sol nos dias quentes.

Incentivados pelo pai e pela mãe, o meu irmão e eu tivemos muitos animais de estimação enquanto crescíamos. Incluíam cães — toda uma série deles — todos os quais adoravam o meu pai; também coelhos, canários, peixes dourados e um papagaio. O papagaio adorava pousar no ombro do pai e tocar-lhe suavemente na orelha. Todos nós tínhamos visto aquela ave esmagar um lápis de grafite com o seu bico afiado, por isso observávamos aquilo com reverência. Digo «o seu» bico afiado, mas nos últimos dias connosco, «ele» construiu um ninho com pedaços de jornal e pôs um ovo, passando depois a ser «Miss Polly».

O pai era um grande contador de histórias. O meu irmão e eu adorávamos especialmente as suas histórias sobre o feroz cão pastor que tivera na quinta em Hopkinsville, no Kentucky. Segundo ele, o cão pastor lutara e matara vários outros cães que atacaram as suas ovelhas.

O dinheiro era muitas vezes uma preocupação na nossa família. Ou havia muito pouco (durante longos períodos) ou muito (durante curtos períodos). Por vezes, o pai gastava dinheiro como se a reserva fosse inesgotável. Depois ficava preocupado. Comprava frascos, fruta e açúcar para uma grande sessão de conservas, mesmo que isso nos deixasse sem muito para comer além de pão e compota. Se por acaso visse uma boa oportunidade de comprar uma árvore que queria, a despesa por vezes ficava bastante vazia durante algum tempo. Mas era generoso com o seu tempo e o seu dinheiro — generoso com a família, os amigos e as pessoas para quem trabalhava.

Também tinha um temperamento vivo, que tentou controlar ao longo de toda a vida. Sofria de extremos emocionais — muito feliz ou muito abatido, muito falador ou muito silencioso, muito otimista ou muito pessimista. Era frequentemente melancólico e sentimental. Quando ria, o mundo ficava leve e arejado; quando franzia o sobrolho, o mundo ficava muito sombrio. Confiava em toda a gente e muitas vezes era enganado por amigos. Perdoava facilmente os outros; era mais duro consigo próprio.

O meu pai irradiava preocupação e amor. Estas atitudes manifestavam-se no seu desejo de ajudar as pessoas através das suas leituras, na sua

bondade para com as crianças, na sua atenção para com os criados. A sua paciência com os jovens foi importante no seu sucesso com grupos. Quando viajava, depressa estabelecia relações amistosas com todas as pessoas que conhecia. Nunca vi o pai mostrar irritação com um empregado de mesa ou uma empregada de mesa.

Ao longo da vida, manteve um horário completo de atividades na igreja — zelador de uma pequena igreja rural aos dez anos, mais tarde professor de escola dominical, líder de sociedades de Esforço Cristão, diácono, líder de classe bíblica para adultos. Em Hopkinsville, Louisville, Bowling Green e Selma, incentivou os membros da igreja no seu trabalho com prisioneiros. Ofereceu pessoalmente muitas Bíblias a prisioneiros. Era um professor de escola dominical muito popular; a sua classe em Selma chegou a ser considerada a maior do Alabama. Durante esses anos pertenceu aos Discípulos de Cristo. Quando nos mudámos para Virginia Beach, juntámo-nos à Igreja Presbiteriana.

Tanto quanto consigo lembrar, Edgar Cayce lia a sua Bíblia todos os dias. Recordo também a sua constância na oração, os seus momentos de silêncio a sós. Poderia verdadeiramente dizer-se dele que orava «sem cessar». Penso que foi assim que alimentou a iluminação que tivera, para que esta permanecesse uma base firme para as experiências mais complexas que vieram depois, experiências que mantinham todo o seu ser em sintonia com a Benevolência Infinita que procurava servir.

Crescer como seu filho foi uma aventura constante. Quando era pequeno, comecei a perceber que nunca conseguiria enganar o meu pai, nunca lhe conseguiria mentir sobre nada.

Desobedeci ao meu pai uma vez, enquanto vivíamos em Selma, no Alabama. Fui nadar nu com amigos no rio Alabama. Quando cheguei a casa, ele deteve-me no patamar enquanto eu subia as escadas a correr.

«Onde estiveste?», desafiou-me.

Menti.

Ele franziu o sobrolho, semicerrando os olhos, abanou a cabeça e depois contou-me exatamente onde eu estivera — um sítio novo que tínhamos escolhido naquele dia —, precisamente o que eu estivera a fazer, como um dos rapazes cortara o pé e voltara a coxear para casa a sangrar.

Aquilo assustou-me imenso.

Noutra ocasião, tentei convencê-lo a jogar bridge. Apanhei-o logo depois do almoço — ele tinha entrado para descansar uns minutos. Eu estava sentado à mesa de bridge e tinha dado quatro mãos. Disse: «Pai, porque é que não gostas de jogar bridge? Jogas todos estes outros jogos — pitch, rook, Parcheesi, 500 — porque é que não gostas de bridge?»

Ele respondeu: «Bem, no bridge tens de concentrar-te tanto que é fácil lerem-te a mente.»

Eu disse: «Oh, vá lá. És bastante bom quando estás a dormir. Mas não te vi fazer esse tipo de coisa quando estás acordado. Não consigo imaginar que consigas ler uma mão de bridge.»

«Ah, sim?» E isto irritou-o — que eu duvidasse dele. «Levanta essa mão que tens à tua frente!», ordenou.

Tentei acalmá-lo: «Oh, agora esquece, está bem, esquece.»

«Levanta essa mão!»

Levantei-a, e ele disse todas as treze cartas corretamente, levantou-se, resmungou e disse: «É por isso que não gosto de jogar bridge!» E saiu.

Nunca mais lho pedi.

Hugh Lynn Cayce

EXPERIÊNCIAS FORA DO CORPO

Em 1927, quando eu era caloiro na Universidade Washington and Lee, estava a ter problemas com um estudante do segundo ano, Gus Elias. Gus era um intelectual brilhante que tomara para si a tarefa de nos endireitar — a mim e ao meu colega de quarto Tom Sugrue, caloiros ignorantes — quanto ao que devíamos acreditar. Gus era agnóstico, Tom era católico, e eu estava sempre a contar histórias sobre Edgar Cayce. A visão de Gus era que, quando se morre, está-se morto, e ele tentava livrar Tom das suas fortes crenças católicas e livrar-me a mim de qualquer coisa psíquica.

Fomos aos correios ao meio-dia, depois das aulas, buscámos o correio, sentámo-nos nos degraus dos correios e discutimos durante várias horas, saltando o almoço. Depois disso, Gus foi para um baile em Natural Bridge, na Virgínia, um complexo turístico perto de Lexington. E Tom e eu, como era suposto fazerem os caloiros, voltámos para a residência, estudámos e fomos dormir.

Enquanto dormia, tive uma experiência estranha. Encontrei-me sentado na cama, mas o meu corpo continuava deitado. Comecei a perceber que estava a ter uma experiência fora do corpo, capaz de me mover para fora do corpo, para trás e para a frente.

Comecei a fazê-lo simplesmente pela vontade. Conseguia deslizar para fora e voltar a entrar no meu corpo. Tinham-me dito que era preciso entrar pela boca ou por um dos orifícios do corpo. Não é assim. Pode-se entrar por cima, por baixo ou de lado. Entrei e fiz uma aterragem em três pontos, atravessei o colchão e voltei ao corpo. Tinha uma enorme sensação de liberdade — era fascinante! O corpo continuava a ressonar calmamente na cama. E de repente consegui pensar-me até ao friso da parede. Ainda hoje consigo fechar os olhos e recordar vividamente o pó naquele friso. Era impressionante a percepção que tinha.

Depois, enquanto me movia pelo quarto — não tentei afastar-me muito do corpo —, o quarto começou a encher-se de uma nuvem luminosa. Estava completamente escuro no quarto, mas eu via perfeitamente graças à luz daquela nuvem. O meu corpo estava na cama, mas a minha consciência deslocou-se para o chão, no meio do quarto. Não era um quarto grande e ficou apinhado com aquela nuvem. De repente, da nuvem surgiu a mão de

Gus Elias e a sua voz: «Cayce, vem cá acima. Vem cá acima. Isto é fantástico. Tenho de te mostrar!» A mão recuou e eu movi-me, levantei-me para tentar seguir a mão e contactar com Gus. Tudo estava desfocado, mas eu tentava seguir a sugestão dele. Ao tocar na nuvem, senti frio. Fiquei assustado. Voltei bruscamente ao corpo e acordei — acordei mesmo desta vez, todo eu, corpo e consciência juntos. O corpo estava frio e pegajoso. Sentei-me e acendi a luz.

Eram duas da manhã. Comecei a perguntar-me que sonho louco e esquisito teria tido. Então alguém bateu à porta e disse: «Cayce, levanta-te e vai para o hospital. Estão a trazer o corpo do Gus Elias. Morreu num acidente de automóvel por volta da meia-noite. Foi a essa hora que os relógios do carro pararam ao embater.»

O que teria acontecido? Será que, naquele estado sensível de sono, eu sabia tudo sobre a morte do Gus e depois, de alguma forma, estabeleci contacto? Vou dizer-vos o que penso: o Gus continuava o nosso debate! Continuava a pensar e a falar sobre o que tínhamos discutido toda a tarde, e eu recebi uma demonstração que resolveu a questão para mim — quando se morre, não se está morto!

Isto aconteceu há muito tempo. Ofereço-o apenas como uma experiência pessoal, não como prova, não como evidência de nada. Não estou a tentar convencer ninguém de coisa alguma. Não consegui explicar na altura e ainda hoje não tenho a certeza absoluta, mas pensei muito nisso e tenho algumas teorias. Histórias semelhantes são contadas por muitas pessoas.

Crescer como filho de Edgar Cayce era como ter um poderoso microscópio ou telescópio na sala de estar. Permitia perceber objetos que de outra forma passariam despercebidos. Tornei-me consciente de que o mundo é muito mais complexo do que a maioria das pessoas acredita ou do que é discernível pelos nossos cinco sentidos.

Enquanto viajava pelo país, a falar das minhas experiências com o meu pai, outras pessoas aproximavam-se para partilhar as suas experiências. Eis um exemplo:

Depois de uma palestra em Sacramento, uma mulher aproximou-se e disse: «Eu estava aqui na Califórnia e a minha filha, no Oregon, tinha tido um bebé. Queria ir ver a criança. Tinha falado com ela ao telefone, o bebé

nascera e tudo estava bem. Queria ir, estava a planear ir, mas ainda não o tinha feito.

«Uma noite estava a preparar o jantar, à espera que o meu marido chegasse a casa, e fui deitar-me na cama — ainda com o avental da cozinha. Adormeci num estado semiconsciente» (entre a vigília e o sono; chamam-lhe hipnagógico), «e de repente estava de pé na casa da minha filha no Oregon. O marido dela chegara do trabalho e estava a segurar e a falar com o bebé. De repente, ambos olharam para cima e viram-me à porta. Ficaram muito surpreendidos. E a surpresa deles, suponho, assustou-me e trouxe-me de volta ao corpo, de volta ao sítio onde estava na Califórnia.

«Poucos minutos depois tocou o telefone. A minha filha queria saber onde eu estava — se estava bem. Pensaram que eu estava morta! Tinham-me visto no Oregon! A parte engraçada era que não me viram com o avental; viram-me com o meu melhor vestido, aquele que acabara de comprar e planeava usar quando fosse ao Oregon. Parecia que o vestira e fui!»

Eu disse: «Quer dizer que ambas estas pessoas a viram no Oregon enquanto estava aqui na Califórnia?»

Ela respondeu: «Sim. A minha filha está aqui. Pode falar com ela sobre isso.»

A filha confirmou. Perguntei: «Quer dizer que o seu marido também viu a sua mãe?»

Ela disse: «Sim.»

«Posso falar com o seu marido?»

Ela disse: «Sim.» E fui imediatamente ao telefone e liguei-lhe em interurbana.

Não lhe disse que sabia alguma coisa, pedi-lhe apenas que contasse a história. Sem qualquer influência, contou-me essencialmente o que a mãe e a filha me tinham dito.

Outro exemplo: Depois de uma palestra em Pittsburgh, um homem aproximou-se e disse:

«Hugh Lynn, tenho um problema. Há algum tempo, na oficina elétrica onde trabalhava, agarrei num fio errado e ele queimou-me e deixou-me inconsciente. Pensando que eu estava morto, levaram-me às pressas para o

hospital. Mas eu não fui para o hospital. Fui para casa, para a minha mulher. Encontrei-a sentada à mesa, a falar com uma vizinha, a beber uma chávena de café. Eu estava lá. Estava de pé mesmo ali a olhar para elas. Mas aparentemente elas não me viam. Ouvi o telefone tocar, ouvi-as a serem informadas de que eu estava no hospital, que deviam ir imediatamente. Vi a minha mulher ficar histérica; vi a nossa vizinha. Correram para o carro, entraram — tive de correr para as acompanhar. Mas saltei para o banco de trás. Continuei a tentar chamar a atenção da minha mulher, mas todas as vezes que tentava tocar-lhe, a minha mão atravessava-a. Continuei a tentar dizer-lhe que não estava no hospital; estava ali mesmo no banco de trás. Como sempre, ela não me prestou atenção.

«Quando entraram no hospital, senti de repente um puxão e voltei ao meu corpo, com dores da queimadura e do choque.

«Agora, isso não é o que me preocupa. Verifiquei isto com a minha mulher e a vizinha. Sei que aconteceu exatamente como vi. Mas desde então, cerca de uma vez por mês, encontro-me de pé, enquanto ainda estou a dormir, a olhar para baixo para o meu corpo.

«O que quero saber é como ficar lá dentro! Ainda não estou pronto para ir!»

Numa leitura de 8 de junho de 1937, em Virginia Beach, para um advogado de 43 anos que perguntou se realmente deixava o corpo por vezes para ir a diferentes lugares, Edgar Cayce respondeu:

Sim, deixa.

(Q) Com que propósito, e como posso desenvolver e usar este poder de forma construtiva?

(A) Tal como já foi dado sobre como entrar em meditação.

Cada alma deixa o corpo enquanto este descansa no sono. Quanto a como isto pode ser usado de forma construtiva — seria como responder como se poderia usar a voz para fins construtivos. Tem a mesma ou semelhante importância, compreende; isto é, é uma faculdade, é uma experiência, é um desenvolvimento do eu em relação às coisas espirituais, materiais, mentais. (853-8)

As experiências fora do corpo são semelhantes à mudança de consciência em que entramos na transição que chamamos morte. Temos um

corpo que viaja, tal como o Gus Elias viajou, como a mulher do Oregon viajou, como o homem de Pittsburgh viajou — um corpo que sobrevive independentemente da carne. Faz parte do corpo físico, está integrado nele, move-se com ele e dentro dele, mas mais depressa.

Foi assim que Edgar Cayce o expressou numa leitura sobre comunicação espiritual em 17 de março de 1927, em Virginia Beach:

Primeiro, compreenda que existe o padrão no plano material ou físico de cada condição que existe no plano cósmico ou espiritual, pois as coisas espirituais e as coisas materiais não são senão as mesmas condições elevadas a uma vibração diferente do mesmo elemento — pois toda a força é como uma só força. (5756-4)

És uma alma; tens um corpo, dizia Edgar Cayce.

VIBRAÇÃO

As coisas comuns do dia a dia não são visíveis ao olho humano. Movem-se demasiado depressa para a perceção.

Alguns exemplos:

Durante a Segunda Guerra Mundial, eu costumava sentar-me em aviões com hélices, quatro grandes hélices. As pás interferiam com a minha visão de tudo o que estava para lá delas. De repente ligavam o motor, as pás começavam a mover-se, depois ficavam desfocadas e desapareciam! Moviam-se tão depressa que eu já não as via. Conseguia ver o terminal do outro lado das pás. As hélices desapareciam mesmo à minha frente. Vemos exemplos disto o tempo todo — pás de ventoinha, vedações de estacas quando passamos depressa de carro.

E esquecemo-nos de que a nossa perceção consciente é tão limitada.

O vapor é outro exemplo. Ferve-se água, mas ela não desaparece; transforma-se em vapor e dispersa-se no ar. Muda de forma. Mas continua lá, como sabemos. Podemos fazê-la passar por uma máquina a vapor e produzir trabalho. Ou podemos assobiar com ela. Ou podemos condensá-la novamente na janela, onde não a alcançamos tão facilmente. Quando a água ferve e evapora, perdemos-lhe de vista, mas ela ainda está lá.

A televisão é outro exemplo — sinais que podem ser transformados em vozes e imagens. A maioria de nós vê televisão. Mas não conseguimos ver nem ouvir esses sinais sem um aparelho de televisão, que está especialmente sintonizado para os captar.

O mesmo acontece com os sinais de rádio — voz e música. Também não os percebemos sem um rádio, que os capta porque está sintonizado para os receber.

Assim, existem padrões de matéria e energia à nossa volta que não conseguimos perceber com os cinco sentidos — hélices a rodar, líquido transformado em vapor, ondas de televisão e rádio — matéria e energia reais, mas a mover-se ou vibrar demasiado depressa para a consciência normal. Por vezes são percebidos inconscientemente. O problema é que as nossas percepções geralmente permanecem inconscientes e negamos a sua realidade porque não as percebemos. É exatamente assim com o que Edgar Cayce chamava o nosso corpo mais fino — ou o «corpo real», como as leituras afirmavam.

Durante muitos anos, observei Edgar Cayce pôr deliberadamente de lado a consciência física para ajudar as pessoas que procuravam a sua ajuda. Parecia dormir; mas nesse estado de sono, a sua mente parecia mover-se em níveis de consciência muito para além do alcance da percepção física. Descrevia esse mundo do sono. Falava com os seus habitantes. Relatava muitas das suas experiências.

Pelo que vivemos com ele durante esses anos, parecia ser um viajante no espaço interior. Todas as vezes que dava uma leitura, parecia partir do seu corpo. A parte dele que sobrevive, tal como a parte de ti e de mim, tal como a parte de todos nós que sobrevive, estava fora do corpo. E as leituras indicavam que este corpo mais fino estava paralelo ao corpo físico, como uma plataforma espacial, de onde ele podia descolar para buscar a sintonia de que precisava.

Isto é ilustrado por uma variedade de observações e comentários que fazia no início ou durante certas leituras físicas. Estes comentários sugerem que Edgar Cayce estava realmente a ver o paciente e o ambiente no exato momento da leitura. Eis alguns exemplos:

- 4687-1: Sim, temos o corpo aqui. Temos de deixar o corpo ficar quieto um minuto.

- 3063-3: Sim, temos o corpo aqui, (3063)... O corpo está a sair agora, a descer no elevador.
- 168-1: (Q) ... este corpo está na cama? (A) Não, ela está sentada numa cadeira grande, a falar com um homem.
- 1713-1: Sim, temos o corpo aqui. Já tivemos antes. Ela ainda não se vestiu, compreende.
- 3433-1: Ela esteve aqui e foi levada! (leitura para um paciente num sanatório)
- 1663-2: Saiu para o passeio e está a entrar agora.
- 531-2: Sim, temos o corpo aqui, (531)—11:47—acabou de pousar o jornal que estava a ler.
- 3653-1: (Q) O que está o corpo a fazer agora...? (A) Sentado na beira da janela aqui. Quinze para o meio-dia.
- 1311-1: Sim. (É onde ele estava ontem (416 CedSt); agora está no 19.)
- 5339-1: Sim, temos o corpo aqui: Meio ocupado! (Estava a atender no balcão de uma loja.)
- 578-1: (Leitura de criança) Sim, temos a mãe a orar.
- 2969-1: Sim — (galo bem bonito!) — temos o corpo aqui, [2969].
- 599-10: Sim — tiveram um acidente mesmo à frente da casa.
- 2185-4: Na beira da colina!
- 3079-1: Sim, pequeno riacho aqui...
- 5196-1: Sim, pijama nada mau!
- 1951-1: Sim — tinta fresca!
- 5499-1: (Demasiada medicação por aí — cheira!)

Indexámos mais de setecentas afirmações deste tipo. Muitas foram confirmadas por correio de volta. Muitas mais estão listadas no meu livro *Venture Inward*. Quando estes comentários eram feitos, o sujeito da leitura nunca estava presente. Pelo menos duas, muitas vezes até cinco testemunhas estavam sempre presentes.

Algumas destas pessoas devem ter ficado chocadas ao saber que Edgar Cayce, embora muitas vezes a centenas de quilómetros de distância, conseguia descrever o seu local ou sabia o que estavam a fazer no exato momento da leitura.

Ao longo dos anos, tornei-me intensamente consciente de que Edgar Cayce conseguia ver e ouvir coisas que o resto de nós não conseguia.

Além disso, a mente do pai parecia não só capaz de transcender o espaço, mas muitas vezes também o tempo. Isto acontecia sobretudo enquanto ele estava num estado alterado, e depois era transcrito pela Gladys Davis, sua secretária, datilografado e registado. Eis um da minha memória:

Eu ia levar um grupo de escuteiros numa viagem de automóvel para o oeste, planeando acampar em vários parques nacionais pelo caminho. Antes de partirmos, tive uma leitura com o pai sobre estes rapazes. O pai disse que um deles ia adoecer no Nevada por causa da água alcalina, e indicou o nome do rapaz. Deu uma prescrição e disse para dar a este rapaz três colheres de chá dessa mistura quando adoecesse, e ele ficaria bem. Assim, mandei preparar a mistura antes de partir e levei-a comigo, mas — sabes como é quando se está responsável por rapazes — esqueci-me dela.

Tínhamos atravessado a fronteira para o Nevada, acampado lá, montado as tendas, preparado o jantar, posto tudo em ordem e fomos dormir.

A meio da noite, outro rapaz veio acordar-me e disse: «O Johnny está doente, doente como nunca. Tens de fazer alguma coisa por ele.» De repente percebi que era o rapaz de que o pai falara. Tirei o meu pequeno frasco de medicamento, prescrito pelo pai antes de partirmos, e dei-lhe três colheres de chá. Em muito pouco tempo, a tensão desapareceu-lhe do rosto e ele relaxou completamente. Voltou logo a dormir e dormiu o resto da noite. Ficou perfeitamente bem.

Ninguém mais adoedeu, e todos bebemos a água alcalina.

Apenas uma proeza impressionante de precognição: alguém que ia adoecer no Nevada por causa da água alcalina. E Edgar Cayce a ver tudo antecipadamente.

Mas como conseguia o pai fazer isso? Como poderia alguém saber da sensibilidade deste rapaz à água alcalina, saber que iríamos para lá, que a

beberíamos, e saber que este rapaz adoeceria, sabê-lo com certeza suficiente para prescrever um antídoto com antecedência? O que se passava aqui?

Eis um exemplo de precognição de Edgar Cayce enquanto estava acordado:

(Quando o biógrafo do pai, Tom Sugrue, estava a escrever *There Is a River*, decidiu omitir este tipo de histórias porque, como ele dizia, as pessoas já teriam dificuldade em acreditar no que Edgar Cayce fazia enquanto dormia. Histórias sobre o que ele fazia acordado, argumentava Sugrue, tornariam o livro inacreditável.)

Um dia, o pai e eu dirigimo-nos ao café do Willard Hotel em Washington, D.C., para tomar o pequeno-almoço. Uma senhora estava à porta, a calçar umas luvas brancas. Passámos por ela e entrámos no café, mas o pai virou-se, voltou atrás, parou à frente dela e disse: «Senhora, se eu fosse a si, não entrava num automóvel nas próximas vinte e quatro horas.»

Ela ficou de boca aberta e parou de calçar as luvas. Mas o pai limitou-se a virar-se e a voltar para o café.

Não consegui que ele me dissesse o que vira. Recusou-se a falar sobre isso. Acabámos o pequeno-almoço e seguimos caminho.

Na manhã seguinte voltámos ao mesmo sítio e, enquanto estávamos sentados a comer, esta mulher entrou pela porta, histérica, a chorar, de olhos esgazeados. Soube imediatamente que procurava o pai. Veio a correr até à nossa mesa. Levantei-me e tentei detê-la, mas ela passou por mim como se eu não existisse e agarrou-se a ele. Ele nem teve tempo de se levantar.

Ela chorava: «Quero agradecer-lhe, oh, quero agradecer-lhe!»

Estava incoerente, aos soluços. Mas acabou por contar a história. Uma hora depois de a termos visto no dia anterior, a irmã pediu-lhe para ir num passeio pela Skyline Drive. Com base no aviso do pai, ela recusou. Trazia na mão um telegrama amarrotado a contar o acidente. O carro ficara destruído. A irmã não ficara muito ferida, mas a mulher que fora no seu lugar partira a anca.

Fiquei atónito.

Mas como era isto possível? Edgar Cayce devia estar simplesmente a ver o futuro, de alguma forma, a mente a ultrapassar os limites não só do espaço, mas também do tempo.

Como poderia ele fazer isso?

Bem, não tenho a certeza de que consiga explicar-vos, mas aqui vai uma explicação que ouvi primeiro do meu irmão, que sugere uma possibilidade.

Vivemos num mundo tridimensional. Se pegarmos num ponto e o movermos numa direção que não está contida nele próprio, obtemos uma linha — uma dimensão. Pode ser infinitamente longa, mas não tem largura. Se movermos essa linha em ângulo reto consigo mesma, obtemos um plano — duas dimensões. Não tem espessura, mas pode ser infinitamente longo e largo. Se movermos esse plano em ângulo reto consigo mesmo, obtemos um cubo — três dimensões — o tipo de mundo em que vivemos.

Se pudéssemos mover esse cubo numa direção que não está contida nele próprio... mas não podemos. Não conseguimos conceber isso. Mas suponhamos que o movêssemos no tempo. Suponhamos que ele existe ontem, hoje e amanhã — passado, presente e futuro — tudo ao mesmo tempo, tudo no presente — mas nós só estamos conscientes das três dimensões e do que parece ser o fluxo linear do tempo. Edgar Cayce parecia conseguir, de alguma forma, mover-se para esta outra dimensão — uma quarta dimensão.

Para ilustrar: Suponhamos que temos um plano — um plano bidimensional. Não tem espessura, mas pode ser infinitamente longo e largo. E temos um inseto bidimensional a rastejar nesse plano. Ele tem livre-arbítrio e memória. Recorda onde esteve e sabe onde está, mas não consegue ver muito à frente. Pode saber muito pouco sobre o futuro. Mas se as nossas mentes pudessem, de alguma forma, mover-se para o que para o inseto seria uma terceira dimensão, poderíamos sentar-nos ali, olhar para baixo para esse plano, ver onde o inseto esteve, onde está e onde é provável que vá. Poderíamos ver tudo o que lhe aconteceu, está a acontecer e pode vir a acontecer no futuro. E poderíamos ver tudo isto ao mesmo tempo.

Ora, este inseto nunca compreenderia como poderíamos ver o seu passado, presente e futuro, tudo ao mesmo tempo, porque não tem conceção desta terceira dimensão. Mas poderíamos olhar para ele e dizer: «Se continuares no caminho que vais, às três da tarde de amanhã estarás mesmo ali.»

E teríamos razão! Mas como o inseto tem livre-arbítrio, poderia decidir ir para outro lado. Contudo, também poderíamos ver tudo o que lhe poderia

acontecer, o que seria mais provável, mas não poderíamos ter a certeza absoluta do que ele iria fazer.

Se o passado, o presente e o futuro existem todos ao mesmo tempo numa espécie de presente eterno quadridimensional, mas o futuro existe como probabilidade, então Edgar Cayce podia ver o que era provável que acontecesse, mas não podia ter a certeza absoluta, porque depende do que as pessoas fazem.

Numa leitura de 28 de abril de 1932, em Virginia Beach, Edgar Cayce disse:

A melhor definição que alguma vez poderá ser dada da quarta dimensão é uma ideia! Para onde se projetará? Para qualquer lado! De onde surge? Quem sabe! Onde terminará? Quem poderá dizer! É tudo inclusivo! Tem comprimento, largura, altura e profundidade — não tem princípio nem fim! Depende daquilo que a alimenta para a sua sustentação, ou pode passar para aquilo tal como um pensamento ou uma ideia. (364-10)

Essa dimensão atemporal e sem espaço acessível a Edgar Cayce é acessível a todos nós durante o sono e a meditação, insistia ele. Está apenas separada da nossa consciência por um véu de esquecimento. Esquecemos quem realmente somos.

3

O CORPO MAIS FINO

Mas não é preciso ser Edgar Cayce para experimentar este mundo sem espaço nem tempo. Tu e eu, todos nós, experimentamo-lo todas as noites durante o sono. Estamos muito ocupados no sono, diz Edgar Cayce. Fazemos muita correria no sono; saímos do corpo, vamos a sítios, fazemos coisas. Mas não estamos conscientes. Esquecemos. Apagamos a memória disso porque perturbaria demasiado a consciência, e talvez a consciência dos outros também. Mas se quiseses e se aplicares alguns procedimentos que Edgar Cayce nos deu, e que pratiquei a maior parte da minha vida e achei úteis e eficazes, podes aprender a recordar. É uma competência. Pode ser aprendida por quase qualquer pessoa. A chave é o desejo.

Na verdade, se seguires dois caminhos que recomendo vivamente — o estudo dos teus sonhos e a prática diária da meditação —, garanto-te que

podes descobrir o teu próprio corpo mais fino. Vais apanhar-te a ir e a vir. Quando experimentares isso, nunca mais serás o mesmo. Saberás que há partes e pedaços de ti que sobrevivem; que podem afastar-se do corpo físico e funcionar independentemente dele.

Se começares a meditar, vais senti-lo e perceber o movimento deste corpo mais fino, pois é ele que se move quando meditas — para trás e para a frente, em círculos; a expansão, a extensão. Vais senti-lo quando aprenderes a meditar. Muitos de vós já podem ter tido essas experiências.

Este corpo mais fino é o corpo de que estamos a falar. É o corpo que sobrevive. É o corpo com que tens perceção nesses momentos estranhos, durante o sono por vezes e após a mudança que chamamos «morte».

O sono, dizia Cayce, é uma sombra dessa intermissão na experiência terrena desse estado chamado morte. A morte é como o sono, num certo sentido, o que, se pensares bem, não é uma afirmação tão louca. Jesus diz o mesmo:

E chegou à casa do chefe da sinagoga, e viu o tumulto, e os que choravam e lamentavam muito.

E, entrando, disse-lhes: Por que fazeis este alvoroço e chorais? A menina não está morta, mas dorme. (Marcos 5:38-39, versão King James)

Depois Jesus pegou-lhe na mão, disse-lhe que se levantasse, e ela levantou-se e caminhou.

Mais tarde, novamente:

... O nosso amigo Lázaro dorme; mas vou, para o despertar do sono.

Então disseram os discípulos: Senhor, se dorme, ficará bom.

Jesus, porém, falava da sua morte; mas eles pensavam que falava do repouso no sono.

Então Jesus disse-lhes claramente: Lázaro está morto. (João 11:11-14, versão King James)

Este corpo mais fino é o que Jesus usou para ressuscitar o Seu corpo físico. A Escritura relata muitas instâncias de pessoas que O viram após a ressurreição — Maria Madalena, quando pensou que Ele era o jardineiro, e Ele disse: «Não me toques; porque ainda não subi para meu Pai...» (João 20:17); depois Cleopas e Simão no caminho de Emaús, que se demoraram com

Ele algum tempo antes de perceberem quem Ele era (Lucas 24:18); depois os discípulos e outros na sala superior (João 20:19; Lucas 24:33); Tomé, que não acreditava até examinar as Suas feridas (João 20:26); mais tarde os discípulos no mar de Tiberíades, quando Jesus os dirigiu aos peixes e perguntou três vezes a Pedro: «Amas-me?» Pedro respondeu: «Sim, Senhor, tu sabes que te amo», e Jesus disse: «Apascenta as minhas ovelhas... apascenta os meus cordeiros... segue-me» (João 21:15-17). Finalmente, aqueles que assistiram à Sua ascensão do Monte das Oliveiras (Atos 1:9). Provavelmente houve outros.

Pessoalmente, não tenho dúvidas sobre estes relatos, porque vi Jesus eu próprio, mais do que uma vez.

A primeira experiência foi quando eu era adolescente. Mudou a minha vida.

Voltei a vê-Lo no final da década de 1940, pouco depois da morte do pai e do meu regresso da Segunda Guerra Mundial. Estava numa digressão de palestras para a A.R.E., que na altura tinha apenas algumas centenas de membros. Estava em Dallas, na casa de Rudolph Johnson — o nosso advogado — e ia falar para um grupo de cerca de quarenta pessoas. Mas adoeci e tive de ir para a cama. Estava delirante e ardia em febre. Chamámos um médico; ele deu-me uma injeção de penicilina. Johnson queria cancelar o encontro, mas as pessoas já estavam lá. Decidi prosseguir.

De alguma forma arrastei-me da cama. De alguma forma comecei a falar. Conseguia sentir a penicilina a fazer efeito. Não faço a menor ideia do que disse, mas de repente uma figura apareceu à minha esquerda. Primeiro pensei que era o meu pai. Mas ao olhar fixamente, vi que era Jesus. Ele sorriu, riu-se mesmo de mim, e disse: «Sou Eu. Não precisas de ter medo.» Estendeu a mão e tocou-me no ombro.

Aquele toque foi como um choque, um raio. Instantaneamente, fiquei encharcado em suor. Parei de falar, não dizia nada, só ali de pé, a olhar embasbacado. E a minha febre quebrou. As pessoas na sala não sabiam o que estava a acontecer, mas algumas disseram mais tarde que sentiram algo elétrico.

Depois Ele sorriu-me e disse: «Agora, ao trabalho.»

A partir daquele momento, não conseguia fazer nada que não funcionasse. Nada! Telefonava às pessoas e pedia-lhes para fazerem alguma

coisa, e elas faziam. Não conseguia dizer nem escrever nada que não funcionasse. Até os meus erros funcionavam! A partir daquele ponto,

nunca mais pensei que trabalhava para a A.R.E. — trabalhava para Jesus.

4

A LUZ

Quando Edgar Cayce dava uma leitura, era necessário que ele visse uma luz interior. Colocava as mãos sobre a testa e, quando via esta luz, movia-as para o plexo solar, cruzava-as e dava duas ou três respirações profundas do diafragma, a partir do abdômen. As pálpebras começavam a tremular, e era preciso falar com ele exatamente nesse momento, enquanto as pálpebras tremulavam. Se não o fizéssemos, ele simplesmente adormecia, e perdíamos a oportunidade. Ele ficava a dormir uma ou duas horas. Parecia aproveitar essas ocasiões em que o perdíamos!

Depois, acordava com fome, pedia uma bolacha e um copo de leite, sentindo-se bem, pensando que tinha dado uma leitura. Porque, compreende, em todos aqueles quarenta e três anos de leituras, ele nunca ouviu uma palavra do que disse naquele estado alterado.

Uma vez perguntámos a Edgar Cayce, no seu estado alterado, porque não se lembrava; ele respondeu:

... se o corpo... fosse totalmente consciente daquilo por que passa na sua atividade da alma... a tensão seria tão grande sobre aquilo que mantém o mental... em ordem... que se tornaria demente na sua relação. E ele já é considerado suficientemente louco! (5756-14)

Ora, a luz que o pai precisava era um clarão de luz branca. Era para ele um sinal de que a sua alma conseguia sintonizar-se com esses reinos mais subteis.

Numa leitura de 17 de novembro de 1943, em Virginia Beach, para uma mulher de cinquenta anos, fez-se esta referência:

Assim o filho do homem veio à terra, feito à forma, à semelhança do homem; com corpo, mente, alma. Contudo a alma era o Filho, a alma era a Luz. (3357-2)

Numa leitura para um ministro e músico de vinte e três anos, em 31 de agosto de 1943, em Virginia Beach, afirmou-se:

Então, é necessário confiar n'Aquele que é a verdade e a luz, que desde o princípio foi expresso em: “E Deus disse: Haja luz; e houve luz.” (3188-1)

Depois de ver este clarão de luz branca, após dar a leitura, por vezes — na verdade, dezassete vezes em todas aquelas milhares de leituras —, ele lembrava-se de um sonho ao regressar à consciência, sempre o mesmo. Eis a sua versão:

Vejo-me a mim próprio como um pequeno ponto fora do meu corpo físico, que jaz inerte diante de mim. Sinto-me oprimido pela escuridão, e há uma sensação de terrível solidão. De repente, tomo consciência de um feixe de luz branca. Como este pequeno ponto, movo-me para cima, seguindo a luz, sabendo que tenho de a seguir ou perder-me-ei.

Ao longo deste caminho de luz, começo gradualmente a tomar consciência de vários níveis em que há movimento. Nos primeiros níveis há formas vagas e horríveis — formas grotescas como as que se veem em pesadelos. Ao prosseguir, começam a aparecer de ambos os lados formas deformadas de seres humanos, com alguma parte do corpo ampliada.

Há novamente uma mudança, e tomo consciência de formas encapuzadas de cinzento que se movem para baixo. Gradualmente estas tornam-se mais claras na cor. Depois a direção muda, e estas formas movem-se para cima — e a cor dos mantos torna-se rapidamente mais clara.

Em seguida, começam a aparecer de cada lado contornos vagos de casas, muros, árvores, etc., mas tudo está imóvel. Ao prosseguir, há mais luz e movimento no que parecem ser cidades e vilas normais. Com o aumento do movimento, tomo consciência de sons — primeiro rumores indistintos, depois música, risos e o canto dos pássaros. Há cada vez mais luz; as cores tornam-se muito belas; e há uma fusão de som e cor.

De repente, chego a um salão de registos. É um salão sem paredes, sem teto; mas tomo consciência de ver um velho que me entrega um grande livro — um registo do indivíduo para quem procuro informação.

Segundo este sonho, enquanto seguia um feixe de luz branca, Edgar Cayce via entidades que ocupavam vários planos em função do seu desenvolvimento. Podia estabelecer uma sintonia mental com qualquer uma

daquelas que estivessem ao alcance do que Edgar Cayce chamava «a esfera de comunicação».

Encontramos outra referência às diferenças nos estados de consciência na morte numa leitura dada em 17 de junho de 1933, para cerca de trinta pessoas que assistiam ao segundo Congresso da A.R.E. em Virginia Beach.

(Q) Descreva alguns dos planos para os quais as entidades passam ao experimentar a mudança chamada morte.

(A) Ao passar da consciência material para uma consciência espiritual ou cósmica, ou exterior, muitas vezes uma entidade ou ser não toma consciência imediata daquilo que a rodeia; de modo muito semelhante a uma entidade que nasce no plano material e só gradualmente toma consciência daquilo que é designado como tempo e espaço no plano material ou tridimensional.

Na passagem, a entidade toma consciência, ou o reconhecimento de estar num plano quadridimensional ou superior acontece, de modo muito semelhante ao modo como a consciência é ganha no material.

Pois, como já foi dado, aquilo que vemos manifestado no plano material não é senão uma sombra daquilo que está no plano espiritual.

Na materialidade encontramos alguns que avançam mais depressa, alguns que se tornam mais fortes, alguns que se tornam fracos. Até que haja redenção pela aceitação da lei (ou amor de Deus, manifestado através do Canal ou do Caminho), pode haver pouco ou nenhum desenvolvimento num plano material ou espiritual. Mas todos têm de passar sob a vara, tal como Aquele — que entrou na materialidade. (9749-3)

Uma manhã, na nossa casa na Rua Décima Quarta, em Virginia Beach, quando o pai desceu para o pequeno-almoço — nunca se sabia o que ia sair deste homem, mesmo do seu sono normal —, disse que ouvira uma batida na janela do segundo andar enquanto se preparava para ir para a cama.

Era uma jovem que morrera em Selma, no Alabama. Ele chamava-lhe «Bunchie». Ela trabalhara outrora para ele no estúdio fotográfico lá.

Bunchie contraiu uma infeção na garganta e foi operada por um médico em Selma. Mas morreu. Alguém nos escreveu sobre isso, e vimos no jornal. O pai escreveu à família, e assim por diante; conhecíamos bem a família.

Ora, Bunchie era uma jovem muito recatada. Não entraria no quarto dos meus pais, mas ficou do lado de fora e bateu na janela. O pai disse que ouviu Bunchie a dizer: «Não quer descer e deixar-me entrar, por favor?»

Assim, o pai desceu, abriu a porta, e ela exclamou: «Estou tão contente por o ver! Tenho andado à sua procura por todo o lado! Tive tanta dificuldade em encontrá-lo! Estou morta, sei que estou morta! E não sei o que fazer.»

Ele disse: «Entra.» E ela entrou, sentou-se, e ele falou com ela. O pai disse que conseguia ver através dela.

Entretanto, a mãe ouviu vozes e ficou curiosa. Perguntou-se com quem o pai estaria a falar a meio da noite. Veio até ao topo das escadas. Não estava lá ninguém exceto o pai, a falar com esta rapariga na sua cabeça. No entanto, a mãe ouvia duas vozes.

Enquanto o pai falava com ela, a rapariga contou-lhe uma história fantástica:

Disse que morrera durante a operação, e não melhorou imediatamente depois de morrer. Ainda sofreu durante algum tempo, disse ela. Mas não demorou muito até que o médico morreu, veio «para o outro lado», completou a operação com sucesso e lhe explicou gentilmente que ela estava morta. Melhorou então e foi para casa dos pais, que também estavam mortos; mas eles estavam muitas vezes ausentes. Continuavam a partir, e ela não conseguia acompanhá-los. Pior, parecia não conseguir comunicar com eles nem fazê-los ouvi-la. Sentia-se abandonada, sozinha.

Havia razões válidas para a sua situação, ao que parece. Ela criara involuntariamente uma barreira com ideias preconcebidas sobre a morte enquanto estava viva, ideias que não discutira com os pais. Parece que, se conseguimos comunicar aqui, conseguimos comunicar lá. É uma questão de interesse e preocupação. Se amamos aqui, então o amor continua lá.

Sem saber o que fazer, mas pensando que Edgar Cayce poderia ajudar, Bunchie veio procurá-lo ao seu antigo estúdio fotográfico em Selma. Ficou por lá até ouvir alguém dizer que Edgar Cayce fora para Virginia Beach. Assim veio para Virginia Beach e acabou por o encontrar.

Durante a conversa lá em baixo, o pai perguntou: «Viste a luz? Lembra-te da luz?»

Ela respondeu: «Costumava ver uma luz.»

Então ele falou-lhe sobre isso, explicou-lhe exatamente o que tinha de fazer, como podia voltar a ver e seguir a luz. Rezou com ela e disse-lhe que pediria ao grupo para orar por ela. Ensinou-lhe como libertar-se da sua condição presa à terra e avançar.

Ela partiu depois disso, contente, decidiu ele, porque nunca mais ouviu falar dela.

É interessante que o pai tenha sentido a presença dela enquanto se preparava para ir para a cama. Da mesma forma, a mulher da Califórnia que viajou fora do corpo para ver o neto no Oregon estava a fazer uma sesta. Tanto Bunchie como a mulher da Califórnia usaram os seus corpos mais finos para ir a algum lugar, mas uma estava morta, a outra viva.

A luz que o pai via ao dar leituras é a mesma luz que verás na meditação, uma luz que, quando a seguimos, nos permite atravessar estes níveis e estados de consciência. A meditação torna-se, então, um modo de nos colocar no que *O Segredo da Flor de Ouro* designa por Tao, ou Caminho, libertando-nos do ciclo interminável de encarnações.

Na meditação chegamos a conhecer esta luz, a senti-la, a tornarmo-nos ela. É uma luz disponível a todos nós.

5

O CORDÃO DE PRATA

As leituras dizem-nos que, enquanto dava leituras, Edgar Cayce permanecia ligado ao seu corpo físico por um «cordão de prata». Perturbámos esta ligação em algumas ocasiões ao passar objetos sobre o seu abdómen — não muitas vezes, porque quando o fazíamos, não conseguíamos acordá-lo. Quando alguém movia algo sobre o seu abdómen, ele parava de falar, mesmo a meio de uma leitura. Isso aconteceu uma vez em que eu estava a conduzir uma leitura, e prolongou-se por uma hora. Primeiro tentei fazê-lo continuar, depois acordá-lo.

Durante esse tempo não mostrou qualquer sinal, nem mesmo de vida. Estava profundamente preocupado. E as pessoas na sala estavam frenéticas. Depois, ele saiu disso rapidamente, seguindo uma sugestão, e de repente estava de pé, visivelmente perturbado.

Perguntámos depois, fizemos leituras sobre isso.

Numa leitura dada em 7 de setembro de 1933, em Virginia Beach, perguntámo-lhe o que acontecera:

Para o corpo, pouco. Para as forças mentais, ou a atividade espiritual da entidade como um todo, um golpe muito forte; pois havia o desejo de entrar, e a entidade tropeçou — por assim dizer — contra uma porta fechada. (254-67)

Noutra leitura nessa tarde, perguntaram a Cayce:

(Q) O que causou a reação física extraordinária com Edgar Cayce no final da leitura [254-67] esta manhã, no início da sugestão [de que acordasse]?

(A) Como foi visto, através da procura de perguntas irrelevantes manifestou-se antagonismo. Isso provocou uma contração daqueles canais através dos quais opera a atividade das forças psíquicas no corpo material; como já delineámos, ao longo da pineal, do lyden e do cordão — ou cordão de prata. As reações naturais são de contração súbita quando se muda repentinamente do mental-espiritual para o material.

Pois, como evidenciado pelo que já foi dado, há o toque — com os seres mentais dos presentes na sala ou em tais manifestações — do mecanismo mais delicado que se pode bem imaginar.

Como foi dito de forma grosseira, uma galinha pode pôr um ovo, mas uma vez que a casca esteja rachada ou quebrada não pode ser feita para produzir aquilo que contém.

Quando o pensamento, a atividade que está a ser manifestada, é quebrada, aquilo que é criativo ou construtivo — uma vez tocado por pensamento ou sugestão — é impedido, vacila, quanto àquilo que pode trazer a uma forma manifestada.

Daí que as experiências que por vezes são mantidas, ou que podem ser mantidas, por aqueles que possam testemunhar ou experimentar a transmissão daquilo que é recebido ou ganho através deste canal particular, possam — pelo mero perturbar do corpo que repousa acima do corpo natural por outros elementos que não tomaram forma corporal — quebrar as associações, as ligações, com essa fonte de onde os registos estão a ser tomados. (254-68)

Note-se «o corpo que repousa acima do corpo natural», com o qual Cayce se referia a este corpo mais fino que nos permeia a todos.

Uma vez, durante uma leitura, o pai disse-nos que, no final da leitura, se observássemos atentamente, poderíamos ver a sua alma a regressar ao corpo físico. Bem, eu observei, mas não consegui ver. Talvez outros tenham visto; eu não.

As pessoas que vinham para leituras ao longo dos anos eram muitas vezes curiosas sobre o que o pai fazia, o que se passava quando ele colocava as mãos sobre a testa, as movia para o plexo solar, as cruzava, dava duas ou três respirações profundas, depois, com as pálpebras a tremular, adormecia.

Numa leitura de 3 de fevereiro de 1934, na casa dos Zentgraf em Staten Island, a Sra. Eileen Garrett, médium de Uvani, o seu guia espiritual, perguntou:

(Q) Poderia explicar porque Edgar Cayce usa este método de hipnose para entrar em transe?

(A) Isso, como já foi dado muitas vezes, do desenvolvimento físico, ou físico-mental do corpo, tornou-se necessário que haja a remoção completa das forças físicas e atributos físicos das forças mentais, espirituais e da alma da entidade, para que, através daquilo que está construído no corpo-alma da entidade, possa contactar aquilo que pode ser construtivo nas experiências daqueles a quem tais fontes ou tais suprimentos de informação possam ser trazidos.

(Q) Como surgiu? Foi por acidente, ou alguma entidade ou grupo sugeriu este plano?

(A) Desenvolvimento da alma, antes. E a capacidade de, através dessas experiências na terra nas variadas atividades, pôr de lado a consciência para que a alma e o espírito e a verdade possam encontrar o seu caminho até ao que procura.

(Q) Sugeres que o transe é um método útil para ajudar? (A) O transe, para o indivíduo, é como os estímulos necessários para cada alma no seu próprio desenvolvimento. Há aqueles que, através da sua atividade intuitiva — que subjogou as influências do plano material —, permitem que a alma mental se manifeste. Há aqueles que, ao olhar para o passado, ou para a aura, ou para todas ou quaisquer coisas que servem de testemunho acerca de cada alma que caminha por este vale. Pois aqueles que conseguem pôr de lado o véu, seja de que forma ou maneira for, podem aproximar-se de ajudar

aqueles que procuram conhecer o que é necessário no seu desenvolvimento na experiência presente. 507-1

6

SONO

Assim, no sono e após a morte, as atividades e experiências continuam. Algumas das nossas experiências mais vívidas e emocionantes ocorrem durante o sono. Muitos de nós já tivemos sonhos mais reais do que qualquer coisa que nos tenha acontecido nesta vida. Certamente comparáveis a qualquer coisa desta vida. Pedimos ao Pai que nos esclarecesse sobre o que acontece quando dormimos ou, como ele próprio disse, “quando se põe de lado o véu” (507-1), numa leitura de 14 de julho de 1932, em Virginia Beach.

Primeiro, diríamos que o sono é uma sombra, um interlúdio nas experiências terrenas, daquele estado chamado morte... 5754-1

Ele continuou este discurso no dia seguinte noutra leitura: O sono — esse período em que a alma faz o balanço do que atuou de um período de repouso ao outro, fazendo ou estabelecendo — por assim dizer — as comparações que constituem a própria Vida na sua essência, no que diz respeito à harmonia, paz, alegria, amor, longanimidade, paciência, amor fraterno, bondade — estes são os frutos do Espírito. 5754-2

Ainda nessa mesma tarde, prosseguiu: Ora, dado que existe esta condição no corpo e esta função, ou este sentido, ou esta capacidade de sono e sentido, ou sexto sentido, de que forma, como poderá este conhecimento ser usado vantajosamente para o desenvolvimento de um indivíduo em direção ao que ele deseja atingir? Quanto à forma como pode ser usado, dependerá então do ideal que o indivíduo tem; pois, como muito bem foi apontado nas Sagradas Escrituras, se o ideal do indivíduo se perde, então as capacidades dessa faculdade ou desse sentido de um indivíduo para contactar as forças espirituais vão-se perdendo gradualmente, ou vão-se construindo barreiras que impedem esta percepção da proximidade de um indivíduo ao desenvolvimento espiritual. Quanto àqueles que estão mais próximos do reino espiritual, as suas visões, sonhos e semelhantes são mais frequentes — e são mais frequentemente retidos pelo indivíduo; pois, como se vê na primeira lei, é o instinto de sobrevivência. 5754-3

NÃO EXISTE MORTE

Alguns pediram a Cayce esclarecimentos sobre as suas próprias experiências de sono.

A Sra. Morton Blumenthal, de vinte e um anos, procurou a interpretação de um sonho em que disse ao Edwin, seu cunhado: «Agora vê, a morte não é o túmulo como muita gente pensa — é apenas outra forma fenomenizada de vida.» Numa leitura em Virginia Beach a 11 de novembro de 1925, Edgar Cayce comentou:

E a entidade então vê, através das forças subconscientes, que a morte é apenas o início de outra forma de força fenomenizada no plano terrestre, e que não pode ser compreendida pela mente da terceira dimensão através de análise da terceira dimensão, mas tem de ser vista a partir daquela força da quarta dimensão que pode ser experimentada por uma entidade que consiga aceder a ela, pelo desenvolvimento no plano físico através dos processos mentais da entidade. A mente está a ser correlacionada com as forças subconscientes e espirituais que a magnificam para a força consciente da entidade de tal maneira que esta ganha a percepção e o conceito dessas condições fenomenizadas, percebes? 136-18

Nota a expressão: «pode ser experimentada».

Numa leitura de 4 de janeiro de 1926, em Virginia Beach, a Sra. Edwin Blumenthal, de vinte e três anos, pediu conselho sobre um sonho:

(Q) «A seguir, o Edwin, a minha mãe e eu estávamos sentados numa sala, eu com o meu roupão azul. Sabia que estava morta, e no entanto ali estava sentada exatamente como hoje, vestida e com o mesmo aspeto da vida física, e interrogava-me se alguém saberia que eu estava ali, se saberiam o que eu sabia — que tinha sido morta. Conseguia vê-los e ver-me a mim mesma, mas conseguiriam eles ver-me? — saber que eu estava ali sentada e também saber que eu mesma, mesmo estando morta, tinha consciência da minha própria presença — da minha própria consciência? Estava sentada ao lado do Edwin, acariciando-o — amando-o exatamente da mesma maneira que antes. Nesse momento a minha tia Lily [...] entrou na sala e falou com a minha mãe e com o Edwin. Agora percebi que isto seria a minha prova quanto a saberem ou não da minha presença. A tia Lily [...] olhou diretamente para a

cadeira onde eu estava sentada, mas não me viu — para ela eu não estava lá!»

(A) Isto mostra novamente aquela mesma força que foi dada no conceito da preparação necessária no físico para que cada um possa compreender a ligação que existe entre o físico e o espiritual, de modo que uma condição como a que foi vista e experimentada pela entidade nesta visão possa ser vivida dessa forma e maneira, permitindo atravessar este abismo.

Ou seja, a consciência desta entidade está a ganhar, nesta visão, um conceito do que se chama morte física, e que a consciência, com todos os seus laços terrestres, enquanto permanecer no plano da Terra, permanece consciente da condição que se está a passar no físico, percebes? E é então a ação espiritual. A lição é então a seguinte. A entidade deverá retirar desta experiência o conceito das grandes verdades que são obtidas das forças subconscientes que se manifestam no mundo físico, de modo que a plena consciência da projeção do eu a partir do subconsciente, ou plano da morte, possa ser compreendida e entendida mesmo no físico. 140-10

7

A OUTRA PORTA PARA DEUS

Então o que é a morte? O que diz Edgar Cayce sobre ela?

Lembra-te do princípio que já estabelecemos: Tu és uma alma; tens um corpo.

Este corpo de carne, portanto, não é o nosso verdadeiro corpo. O nosso verdadeiro corpo é este corpo mais subtil que vibra demasiado rápido para a percepção normal. Para o vermos precisamos de acelerar a nossa própria vibração, o que fazemos através da oração, da meditação, tentando manifestar os frutos do espírito, ou recordando os nossos sonhos. Ou podemos vê-lo se encontrarmos alguém como Jesus, que consegue tornar-Se visível e tangível ao abrandar as vibrações do Seu corpo subtil para as fazer coincidir com as nossas.

À medida que vamos compreendendo este conceito, estas citações das leituras começam a fazer sentido.

Numa leitura na casa de David Kahn em Scarsdale, Nova Iorque, a 13 de novembro de 1937, foi dito a uma mulher de cinquenta e sete anos, escritora e locutora de rádio, protestante:

A morte — tal como é vulgarmente falada — é apenas passar pela outra porta de Deus. 1472-2

Numa leitura de 11 de agosto de 1935, em Norfolk, Virgínia, enquanto se escrevia a lição «Destino do Corpo», o Grupo de Estudo Search for God #1 perguntou:

(Q) Na mudança chamada morte, a entidade fica livre de um corpo físico ou material?

(A) Livre do corpo material, mas não livre da matéria; apenas mudou de forma no que respeita à matéria; e continua tão aguda nos reinos da consciência como no corpo físico, material ou carnal, ou até mais. 262-86

Por outras palavras, ele está a dizer que este corpo mais subtil é excelente em sensação, excelente em perceção. Perceção expandida, se preferires. Não fica em branco de todo. Continua a ser um corpo, continua a ser matéria, de estrutura atómica. Mas move-se mais rápido do que os nossos corpos de carne, por isso normalmente não o conseguimos ver.

Numa leitura para um gerente de restaurante, de trinta e três anos, hebreu, a 18 de agosto de 1937, em Virginia Beach, Edgar Cayce disse:

Pois, como já foi dado, nem tudo na vida é viver, nem tudo na morte é morrer. Porque vida e morte são uma só coisa, e apenas aqueles que considerarem a experiência como uma só poderão vir a compreender o que significa realmente paz. 1977-1

Só quando começamos a tentar olhar para a vida e para a morte como uma continuidade, um fluxo de experiência, de consciência, só então podemos começar a lidar com a paz na sua essência. Porque quando temos medo da morte, a vida pode tornar-se uma experiência muito difícil.

Agora, isto será esclarecido, mas permitam-me reformulá-lo. O que Edgar Cayce está a dizer é que, quando morreres, lidarás exatamente com aquilo que criaste na tua mente, o mundo de formas-pensamento que construístes, os apegos, os pensamentos, o tipo de atividade em que te envolveste, no momento em que passares.

Numa leitura para uma mulher de trinta e um anos, cristã, a 16 de agosto de 1935, em Virginia Beach, Edgar Cayce disse:

... uma morte na carne é um nascimento para o reino de outra experiência, para aqueles que viveram de tal maneira que não estejam presos por laços terrestres. Isto não significa que não tenha a sua própria experiência acerca da Terra, mas que viveu uma plenitude de vida tal que deve ocupar-se dos seus assuntos. 989-2

Para aqueles que viveram corretamente, é um nascimento noutra experiência, noutra dimensão. E tal como morremos aqui, nascemos ali. E morremos ali, nascemos aqui. É uma porta; outra das portas de Deus.

Numa leitura de 3 de janeiro de 1925, em Dayton, Ohio, Morton Blumenthal perguntou:

(Q) O que acontece às forças da mente consciente e às forças físicas na morte?

(A) As forças da mente consciente ou estão no desenvolvimento da alma, e na superconsciência, ou ficam com aquela porção de forças materiais que vai para a reclamação, ou remodelação, de corpos físicos, para habitação de entidades espirituais. 900-17

Morton Blumenthal, a 15 de janeiro de 1925, no Hotel Cambridge em Nova Iorque, perguntou:

(Q) Explica o plano das forças do espírito e da alma, e que relação tem este plano com a Terra. Começarás com a morte, tal como a conhecemos.

(A) Nesse momento — tal como no nascimento temos o início de uma estada terrena, curta ou longa, conforme o tempo possa ser — assim o nascimento no plano espiritual começa com a morte no plano terreno; é simplesmente a separação das forças espirituais e da alma das conexões terrenas. 900-19

Numa leitura previamente citada, a 17 de junho de 1933, para trinta pessoas presentes no segundo Congresso da A.R.E. em Virginia Beach, Edgar Cayce disse:

... a morte... é apenas uma transição — ou passar pela outra porta de Deus — para aquele reino onde a entidade construiu, nas suas manifestações relacionadas com o conhecimento e a atividade respeitante à lei da influência universal...

A morte no plano material é passar pela porta exterior para uma consciência nas atividades materiais que participa daquilo que a entidade, ou alma, fez com a sua verdade espiritual nas suas manifestações noutra esfera. 5749-3

Numa leitura em Rye, Nova Iorque, a 29 de novembro de 1941, Edgar Cayce disse a uma atriz e professora de drama, de cinquenta e dois anos, católica:

Não é tudo na vida viver, nem tudo na morte morrer; mas o que a entidade faz com as oportunidades à medida que se apresentam. 2630-1

Numa leitura de vida a 19 de agosto de 1927, em Virginia Beach, foi dito a uma mulher de trinta e oito anos:

... desenvolve-te em direção àquela marca da chamada superior que está n'Ele — pois não é tudo na vida viver, nem tudo na morte morrer; pois um é o início do outro, e no meio da vida está-se no meio da morte — na morte começa-se naquele nascimento para o qual a aplicação terrena das intenções e desejos mais íntimos, em respeito às forças da vontade, aquilo dado pela Energia Criadora, para que um possa tornar-se igual àquela Energia. 2842-2

Morton Blumenthal, numa leitura de vida dada a 6 de março de 1929, em Virginia Beach, foi informado:

Pois a vida, na sua continuidade, é aquela experiência da alma ou entidade — incluindo a sua alma, o seu espírito, a sua supraconsciência, a sua subconsciência, a sua consciência física, ou a sua consciência material, naquilo em que o seu desenvolvimento passa pelas várias experiências toma cada vez mais aquela capacidade de se conhecer a si mesma como si mesma, mas uma porção do grande todo, ou da única Energia Criadora que está em e através de tudo. 900-426

Numa leitura a 20 de junho de 1944, em Virginia Beach, foi dito a um corretor da bolsa de quarenta e seis anos:

Pois de que aproveita a um homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua própria alma? Ou o que ganharias em troca da consciência da tua alma, para que possas saber que a vida é de facto eterna; e não é então tudo na vida viver, nem tudo na morte morrer. 3436-2

Numa leitura a 9 de agosto de 1936, em Virginia Beach, uma mulher de negócios, agente de publicidade e cristã, de cinquenta e dois anos, perguntou:

(Q) Tenho de continuar a viver? **(A)** A vida é eterna. Está n'Ele, e simplesmente mudar através da outra porta de Deus apenas mudou a perspectiva. Mas à medida que preparamos o eu para as vistas das várias consciências nas etapas do desenvolvimento, tornamo-nos parte disso — se o nosso caminho estiver a ser guiado corretamente. 1246-2

Numa leitura a 2 de dezembro de 1932, em Virginia Beach, uma dona de casa de vinte e quatro anos, hebreia, perguntou:

(Q) Como posso desejar viver mais do que morrer, especialmente durante duas semanas ou mais de cada mês... Quando desejo a morte mais do que a vida, como posso usar a minha vontade? **(A)** Quando o desejo de morte e o desejo de vida se apresentam, o que é que faz a vida continuar? A vontade! A vida espiritual, a própria essência de Deus! Seria o corpo tão fraco ao ponto de crucificar aquilo que adora, em vez daquilo que apenas está acrescentado — nos desejos? ...

Ao aliviar o fardo de outrem, o teu próprio é aliviado em dobro. Ao aliviar os fardos de outrem, todo o poder da vontade é fortalecido muitas vezes mais. 911-7

Havia muito mais nesta leitura e noutras leituras — físicas, mentais e espirituais — para esta mulher, mas, tragicamente, ela tirou a própria vida seis anos depois, aos trinta anos, conforme indicou David Kahn numa nota de junho de 1938.

Para o Grupo de Estudo Search for God #1, ao escrever a lição «Destino», a 21 de julho de 1935, em Norfolk, Virgínia, Edgar Cayce disse:

Como é mostrado o caminho pelo Mestre? Qual é a promessa n'Ele? O último a ser vencido é a morte. Morte de quê? A alma não pode morrer; pois é de Deus. O corpo pode ser revivificado, rejuvenescido. E é para esse fim que pode, o corpo, transcender a Terra e a sua influência. Mas nem aqueles que aqui estão de pé o alcançarão ainda! 262-85

A 18 de outubro de 1930, enquanto Edgar Cayce dava uma leitura, teve outro sonho invulgar:

Estava a preparar-me para dar uma leitura. Ao sair, percebi que tinha contactado a Morte, como uma personalidade, como um indivíduo, como um ser. Disse à Morte: «Não és como habitualmente retratada — com uma máscara ou capuz preto, ou como um esqueleto, ou como o Pai Tempo com uma foice. Em vez disso, és bela, de faces rosadas, robusta — e tens um par de tesouras ou alicates.» Na verdade, tive de olhar duas vezes para os pés ou membros; ou mesmo para o corpo, para ver tomar forma.

Ele respondeu: «Sim, a Morte não é o que muitos parecem pensar. Não é a coisa horrível que muitas vezes é retratada. Apenas uma mudança — apenas uma visita. As tesouras ou alicates são de facto os instrumentos mais representativos da vida e da morte para o homem. Estes unem ao dividir — e dividem ao unir. O cordão não, como habitualmente se pensa, estende-se do centro — mas é quebrado da cabeça, da testa — aquela parte mole que vemos pulsar no infante.

Daí vemos pessoas idosas, sem o saberem, ganharem força da juventude ao beijar ali: e a juventude ganha sabedoria com tais beijos. De facto, as vibrações podem ser elevadas a tal ponto que reacendem ou reconectam o cordão, tal como o Mestre fez com o filho da viúva de Naim. Pois Ele não o pegou pela mão (que estava ligada ao corpo, como era o costume do dia), mas antes acariciou-o na cabeça — e o corpo tomou vida da própria Vida! Assim vês, o cordão de prata pode ser quebrado — mas a vibração...»

Aqui o sonho terminou.

Lembra-te de que Jesus foi perguntado sobre a vida após a morte pelo homem que estava a ser crucificado com Ele. E Ele disse: «Hoje estarás comigo no paraíso.» (Lucas 23:43) Numa leitura de 12 de janeiro de 1936, em Norfolk, Virgínia, para o Grupo de Estudo Search for God #1, durante a lição «Glória», Edgar Cayce descreveu o que Ele quis dizer com paraíso:

O intermeio; a consciência de estar naquele estado de transição entre as fases material e espiritual da consciência da Alma. A consciência de que há a companhia de entidades ou almas, ou forças separadas nessas etapas do desenvolvimento. 262-92

Parece falacioso reduzir a morte a um denominador comum. É muito individual, muito pessoal. A consciência no período de transição difere com cada entidade. Podem notar-se outras diferenças e semelhanças.

Numa leitura previamente citada, dada na casa de David Kahn em Scarsdale, Nova Iorque, a 13 de novembro de 1937, uma mulher de cinquenta e sete anos, escritora, locutora de rádio, protestante, perguntou:

(Q) A morte acaba instantaneamente com todo o sentimento no corpo físico? Se não, por quanto tempo pode sentir?

(A) Isto seria um grande problema; depende do caráter da inconsciência produzida na reação física — ou da maneira como a consciência foi treinada [para pensar sobre a morte]. A morte — tal como vulgarmente falada — é apenas passar pela outra porta de Deus. Que há consciência continuada é evidenciado, sempre, pelas... capacidades das entidades para projetar ou fazer impressões na consciência de sensitivos ou semelhantes. Quanto a quanto tempo [a morte pode demorar] — muitos indivíduos permaneceram no que chamais morte durante o que chamais anos sem se darem conta de que estavam mortos! Os sentimentos, os desejos pelo que chamais apetites são mudados, ou não conscientes de todo. A capacidade de comunicar é aquilo que habitualmente perturba ou preocupa os outros. Então, quanto a quanto tempo — isso depende da entidade. Pois, como já foi dado, as forças psíquicas de uma entidade estão constantemente ativas — quer a entidade-alma tenha consciência disso ou não. Daí que, como tem sido experiência de muitos, estas se tornam tão individuais como as individualidades ou personalidades o são por si mesmas.

(Q) Se for cremado, o corpo sentiria?

(A) Que corpo? O corpo físico não é a consciência. A consciência do corpo físico é uma coisa separada. Há o corpo mental, o corpo físico, o corpo espiritual. Como tantas vezes foi dado, o que é o construtor? A mente! Podes queimar ou cremar uma mente? Podes destruir o corpo físico? Sim, facilmente. Estar ausente (o que está ausente?) do corpo é estar presente com o Senhor, ou a consciência universal, ou o ideal. Ausente de quê? O que ausente? Consciência física, sim. Quanto ao tempo que demora a perder a consciência física depende de quão grandes são os apetites e desejos de um corpo físico! 1472-2

FANTASMAS

Muitas vezes, especialmente nos últimos anos, quando o Pai dava palestras a grupos de igreja ou da A.R.E., ele saudava «aqueles que estão de pé no fundo» — os mortos, as «entidades espirituais» que também faziam parte da audiência. Alguns dos vivos nunca sabiam se deviam levá-lo a sério ou não. Mas com o passar do tempo, e ao ouvi-lo fazer isso vez após vez, vim a perceber que ele falava muito a sério, se me perdoares o trocadilho.

Como indiquei, crescer com Edgar Cayce era como viver com um microscópio ou telescópio. Sabes, se olhares para uma gota de água a olho nu, parece apenas uma gota de água; mas um microscópio revela todo o tipo de coisas a rastejar. Da mesma forma, se olhares para o céu noturno a olho nu, vês apenas estrelas; mas um telescópio revela planetas, nebulosas, cometas — todo o tipo de objetos inimagináveis.

O meu avô, o pai do meu pai, «L. B., o Squire», viveu connosco em Virginia Beach. Enquanto visitava a minha tia, irmã do meu pai, em Hopkinsville, Kentucky, ele morreu. Apenas o Pai foi ao funeral; o resto de nós ficou em casa. Cerca de três dias depois de o Pai regressar, o meu avô apareceu em Virginia Beach. Agora, ele estava morto — não o podíamos ver. Mas podíamos ouvi-lo! Tinha asma; conseguíamos ouvir a sua respiração. Toda a gente em casa conseguia ouvi-lo, além do carteiro e outros visitantes. Era estranho, acredita! Mas o Pai insistia que ele estava apenas a arrumar os seus papéis e que em breve seguiria, mas tinha deixado algumas coisas por fazer. Não tinha planeado morrer e regressara. Estava apenas a arrumar as coisas.

Agora, nada se mexia no quarto, disse o Pai, mas eu não acreditava nele! Continuava a correr escada acima, a olhar para o quarto. Pensava que eram ratos, ou ratinhos, ou algo assim. Mas fazia barulhos reais. E o Pai continuava a dizer-me para o deixar em paz, que eu o ia perturbar, e que ele iria embora em breve. Um dia agarrei o carteiro. Ele entregava o correio à porta da frente. Conhecia o meu avô, costumava conversar com ele. Arrastei-o para dentro e disse: «Ouve, diz-me o que ouves.» Deixei-o ouvir. E lá em cima, nessa altura, conseguia-se ouvir o meu avô a mexer-se no quarto, um arrastar, tábuas do soalho a ranger. O carteiro disse: «Que diabo é isto? Está alguém lá em cima?» Eu disse: «Sim, o meu avô.» Os olhos dele abriram-se muito e disse: «Julguei que o teu avô estava morto!» «Está», garanti-lhe. Com isto, ele ficou branco

como a cal da parede, virou-se e saiu — e a partir daí entregava o correio ao portão. Não voltava a entrar no jardim.

Pouco tempo depois, estava num almoço com a minha mãe e Gladys Davis, o meu pai, o meu irmão, e ouvimos aqueles barulhos. Toda a gente os ouviu. E eu disse: «Tenho de ir lá acima.» O Pai disse: «Se fosse a ti, não o faria.» Mas fui na mesma, saltei e corri escada acima. Não cheguei ao topo. Cheguei ao patamar — e esbarrei no meu avô. Passei através dele, de certa forma. Era como correr para teias de aranha num caminho à noite — se alguma vez andaste no bosque. Estava à tua volta. Fiquei absolutamente convencido de que era isso. E ele estava frio. Todos os pelos da minha cabeça se eriçaram, em pleno dia. Fiquei assustado, surpreendido no patamar onde não o esperava. Ele estava a partir então, penso eu, porque nunca mais apareceu. Senti-me um pouco mal, como se talvez o tivesse empurrado embora cedo demais; mas o Pai disse que não, que isso não era verdade.

Outra vez, muito mais tarde, cheguei tarde de uma palestra, liguei a televisão para as notícias, e o telefone tocou. Era um capitão da marinha, em Churchland. E estava assustado. Disse: «Disseram-me que talvez pudesses ajudar-me. Temos um fantasma em casa, penso eu. Não sei o que fazer. E disseram-me que não te ririas de mim.»

No dia seguinte, ele, a esposa, uma menina de seis anos, e um bebé nos braços da mãe — todos os quatro — chegaram ao meu escritório. E ouvi uma história bizarra. Tinham alugado uma casa antiga em Churchland, barata, o que os surpreendeu. Não estava ocupada há algum tempo, e o agente imobiliário parecia ansioso. Quase imediatamente após se mudarem, começaram a ouvir sons estranhos, um baque, como um saco a ser largado, e depois um ruído, como se algo estivesse a ser arrastado ou movido. E depois a fechadura, o trinco da porta no quarto principal, começava a trepidar, mas não se movia. Agora, isto é louco! Tinham um gato e um cão.

O gato fugira; o cão estava acovardado, e ficava sempre entre os joelhos da esposa. A pequena menina de seis anos ficava histérica, e eles tinham-se mudado para outro quarto da casa. Estavam praticamente isolados, e isto acontecia, não todas as noites, mas frequentemente; aquele baque, e o arrastar, e o estalar da fechadura, que era daquelas que se empurra para baixo, e levanta o trinco, e faz barulho. Foram perguntar pelo bairro, e descobriram a história sobre a casa. Havia um homem e uma mulher que tinham vivido ali, e o homem tinha tendência para beber muito, e batia na

esposa. Uma noite, ela pôs tudo numa mala e deixou-o. Ele estava bêbado, ficou desanimado, e tentou suicidar-se; não o fez muito bem, arrastou-se da cama, e conseguiu pôr a mão na fechadura. Foi ali que o encontraram, cerca de quatro dias depois. Aparentemente, tinha estado a rastejar para aquela porta desde o início, e continuava a rastejar todas as noites. Não sei porquê.

Após ouvir esta história, como seria de esperar, o capitão e a esposa tiveram mais experiências estranhas. Descreveram batidas suaves em vários móveis, o arrastar de um objeto pesado e mole, um estrondo no conjunto da lareira, um baque no corredor de cima, e um escurecimento e mancha no tapete do quarto.

Falando longamente com eles, recomendei oração durante vários dias seguidos. Disse-lhes que arranjaría um grupo de oração para os ajudar durante o mesmo período, e assim fiz. Sugeri positivamente que não seriam mais perturbados, e que, se fossem, eu iria pessoalmente à casa deles e ficaria lá para observar.

No final de uma semana, o capitão telefonou a dizer que não tinham ouvido mais barulhos. Insisti para que redecorassem, pintassem e limpassem o quarto de cima. Um mês depois, telefonou novamente a relatar que não havia mais dificuldades.

Assim, o período de transição da vida para a morte não é o mesmo para todos. Varia enormemente de pessoa para pessoa. Depende, como veremos, do que fizeste com a tua vida, do que estás a pensar, do que estás a construir para ti mesmo, mental e espiritualmente, dia após dia.

Agora, o tempo não parece importar muito. «Os primeiros dez minutos após a morte» podem ser um longo tempo para alguns de nós. Não há tempo, nem espaço naquela outra dimensão. O movimento lá é instantâneo, tão rápido quanto o pensamento, e o tempo é tudo um só. Então, quanto tempo durará a morte? Cayce disse: ... muitos indivíduos permaneceram no que chamais morte durante o que chamais anos sem se darem conta de que estavam mortos! 1472-2

É uma declaração estranha, mas dá-nos boa razão — não só para esta vida, mas para a continuidade da vida — para tentarmos seguir um caminho mais iluminado, pois essa luz brilha diretamente através desta vida e para a próxima.

Anos atrás, quando eu era miúdo em Selma, Alabama, participei de outra experiência estranha com o homem que vivia do outro lado da rua. As crianças diziam que ele era um avarento. Eu entregava jornais lá. Era um velho rabugento, trabalhava na bolsa do algodão e dizia-se que tinha muito dinheiro. Tinha um apartamento do outro lado da rua, no centro. O nosso apartamento ficava por cima do estúdio.

Uma noite, ouvimo-lo a gemer e a grunhir. Tinha dores de estômago. Tinha portas grandes e fortes no apartamento. Alguém chamou os bombeiros, mas as portas estavam trancadas. Não as conseguiram arrombar. Tiveram de entrar pela janela. Antes de chegarem até ele, morreu. E morreu aos gritos e berros.

Muitos anos depois, em Virginia Beach, o Pai estava a dar uma leitura para alguém em Selma e, casualmente, no final da leitura, acrescentou: «O Sr. Fulano-de-tal», nomeando aquele velho cavalheiro, «acaba de se dar conta de que está morto.»

Isso é o que eu chamaria de «dez minutos» longos.

Estes são apenas alguns casos que chegaram ao meu conhecimento. Milhares mais ocorreram nos anais da investigação psíquica. São relatados por milhares de testemunhas de todo o mundo. Um ou dois podem ser fiáveis. Mas se te deixam desconfortável, posso livrar-te deles facilmente. Posso aliviar-te completamente do pensamento neles.

Podes classificá-los como boatos, assumir que são apenas histórias, rumores passados nestas famílias, inadvertidamente alterados ao serem recontados, certos detalhes omitidos, outros inventados, distorcidos ou remodelados para se adequar ao sentido de mistério e drama do narrador. Podes dizer que lhes falta autenticidade, que não são científicos, não verificáveis. Podes atacar o carácter das chamadas testemunhas. Ou talvez queiras inventar uma espécie de resíduo psíquico, algo que sobrou, talvez uma forma-pensamento, não necessariamente um fantasma. Talvez o resultado de hipersensibilidade ou imaginação hiperativa. Talvez não fossem fantasmas de todo. Apenas formas-pensamento.

Claro, é teu privilégio pensar nestas coisas como quiseses. Ou não pensar nelas, conforme escolheres. Para mim foi diferente. Cresci com elas. E o meu privilégio foi aceitá-las pelo que me pareciam ser — fantasmas.

Sabes, todo este assunto da morte e de morrer é interessante; e os primeiros dez minutos parecem ser um tempo delicioso e emocionante para a maioria de nós.

As minhas histórias sobre o meu avô, a minha avó, a Bunchie, o velho avarento, e o beerrão que atirou a si mesmo, e por aí fora, foram contadas com o propósito de focar a tua mente em alguém que ficou preso numa espécie de distorção temporal, onde as coisas continuam a repetir-se. Daí a importância da meditação, de encontrar esse raio de luz, esse caminho que podemos percorrer, e mover-nos através de alguns destes planos de existência.

9

PENSAMENTOS

Numa leitura dada a 16 de junho de 1933, em Virginia Beach, para o segundo Congresso da A.R.E., Edgar Cayce disse:

A mente é sempre o construtor, quer no espírito quer na carne. Se a mente de alguém está cheia daquelas coisas que falam do espírito, essa pessoa torna-se espiritualizada na mente. Como podemos encontrar no mundo material: Inveja, contenda, egoísmo, ganância, avareza são filhos da matéria; longanimidade, bondade, amor fraterno, boas ações são filhos do espírito de luz. Escolhei (como sempre foi dado) a quem servireis. Isto não é fugir à questão! À medida que os indivíduos se tornam abatidos ou possuídos, as suas mentes são guiadas por aqueles na fronteira? Certamente! Se lhes for permitido! Mas aquele que olha para dentro é mais elevado, pois o espírito conhece o Espírito do seu Criador — e os filhos do mesmo são como foi dado. E «O Meu Espírito dá testemunho com o teu espírito», diz Aquele que dá vida! 5753-1

Vejamos agora — esqueci-me do ano — cerca de 1939, penso eu, decidi que o Cadillac era de longe o carro mais bonito no mercado. Desejei poder ter um Cadillac. Não desejei com muita força, mas desejei. Não me lembro que tipo de carro tínhamos na altura — provavelmente um Ford. Mas pensei que um Cadillac seria ideal. Era o tipo de carro que queria. Talvez até tenha ido ver alguns Cadillacs — não porque tivesse dinheiro para os comprar, mas porque era o tipo de carro que queria.

Depois, por volta de 1951, uma dúzia de anos mais tarde, alguém deu-me um Cadillac, simplesmente deu-mo. Telefonou-me um dia e disse: «Hugh Lynn, aqui está um carro de que não preciso. Não gostarias de o ter?» E era um Cadillac de 1939!

Este assunto da visualização é complicado. Estamos a lidar com o reino do pensamento onde cada pensamento ocioso toma forma. Cada crítica, cada pensamento negativo regista-se e tem efeito. Não há palavra ociosa, nem pensamento ocioso que não vá para um banco que um dia nos olhará diretamente na cara. Reformulei o que Edgar Cayce disse, que a mente subconsciente se torna a consciência no momento em que saímos deste corpo. Para imaginar como será essa consciência, basta olhar para a mente subconsciente. Olha diretamente para ela!

Conheces aquelas velhas histórias sobre o Céu ou o Inferno? Era uma vez um grande homem de negócios que morreu. Era muito bem-sucedido. E depois de morrer, chegou a uns portões. Viu um homem, presumivelmente o porteiro, e disse: «Pedro, na Terra eu estava habituado a ter um carro grande — um Cadillac — quero entrar e ver o que há aqui, onde vou ficar. Posso ter um Cadillac?» O porteiro disse: «Claro, basta pensares nele, e tens-lho.» Então, pensou num carro, andou por aí um bocado, voltou e disse: «Bem, Pedro, escolhi o lugar onde quero viver. Agora, tinha uma casa bastante boa na Terra — mas parece que, possivelmente, posso ter uma ainda melhor aqui.» O porteiro disse: «Certamente, tudo o que tens de fazer é vê-la, visualizá-la, e tens-lha, exatamente o que queres.» Ele fez isso e ficou lá bastante tempo. Mas um dia voltou e disse: «Pedro, há algo errado aqui. Não há nada a acontecer. Nada se passa. Nunca imaginei que o Céu seria assim.» O porteiro disse: «Meu amigo, quem disse que estavas no Céu?»

Logo após a morte, há um período de inconsciência que pode ser comparado ao estado de sonho no físico, do qual há um despertar gradual. A duração deste período é governada pelo desenvolvimento do indivíduo.

Numa leitura de 14 de fevereiro de 1924, no Hotel Phillips em Dayton, Ohio, para Arthur Lammers e outros, Cayce disse:

«Em tudo o que obtiveres, meu filho, obtém entendimento.» [Prov. 4:7] Isso de Si Mesmo. Quando alguém se entende a si mesmo, e a relação de si mesmo com o seu Criador, o dever para com o próximo, o seu próprio dever para consigo, não pode, não será falso para com o homem, nem para com o seu Criador. Dá então mais pensamento, pois os pensamentos são ações, e

são filhos da relação alcançada entre o mental e a alma, e tem a sua relação com o espírito e o plano de existência da alma, tal como o têm no plano físico ou terreno. O que alguém pensa continuamente, torna-se; o que alguém acarinha no coração e na mente, torna parte da pulsação do seu coração, através das suas próprias células sanguíneas, e constrói no seu próprio físico aquilo de que o seu espírito e alma se devem alimentar, e com que será possuído quando passar para o reino para o qual as outras experiências do que ganhou aqui no plano físico devem ser usadas. 3744-5

Numa leitura de 26 de agosto de 1936, em Virginia Beach, para uma mulher de cinquenta e cinco anos:

Pois a mente é o construtor e aquilo em que pensamos pode tornar-se crimes ou milagres. Pois os pensamentos são coisas e, à medida que as suas correntes correm pelos ambientes da experiência de uma entidade, tornam-se barreiras ou pedras de degrau, dependendo da maneira como são colocados, por assim dizer. Pois à medida que o mental se detém nestes pensamentos, dá força, poder a coisas que não aparecem. 906-3

Por outras palavras: O que manténs constantemente na tua consciência; o que manténs na tua mente; o que pensas — isso lidarás durante a vida, e lidarás no momento da morte. Não outra pessoa — mas tu!

Numa leitura em Rye, Nova Iorque, a 29 de novembro de 1941, Edgar Cayce disse a uma atriz e professora de drama, de cinquenta e dois anos, católica:

Assim, o resultado de qualquer desenvolvimento, qualquer atraso, é de acordo com o uso que a entidade faz das oportunidades, e o ideal com que a entidade entretém essas oportunidades. 2630-1

Numa leitura de 15 de janeiro de 1925, em Nova Iorque, Morton Blumenthal perguntou:

(Q) Que forma toma a entidade espiritual...

(A) Tomando aquela forma que a entidade cria para si mesma no plano em que a existência é passada. Como temos no plano da Terra a imaginação, a mente do indivíduo representa-se a si mesma, através das suas relações carnis, aquela condição para a qual a sua relação individual da entidade assume para si mesma, e a entidade possuindo essa mesma capacidade de

assumir essa posição na qual se pode manifestar de acordo com a sua posição relativa àquela condição merecida na sua existência. 900-19

É uma declaração complicada, mas ele está a dizer a mesma coisa: O que pensamos, tornamo-nos. Pensamos, e depois lidamos com isso quando morremos.

Numa leitura sobre «Comunicação Espiritual», dada a 17 de março de 1927, em Virginia Beach, para Morton Blumenthal, Cayce disse:

Na constituição das forças ativas do corpo físico, ele (o corpo) é constituído de muitas, muitas células — cada uma com o seu mundo individual dentro de si, controlado pelo espírito que é eterno, e guiado por aquilo da alma, que é um contraparte — ou o sopro que torna esse corpo individual, e quando o corpo é mudado, e este é o corpo da alma, os elementos como são padronizados são os mesmos. Ou seja, aquilo construído pelo pensamento e pela ação torna-se as partículas ativas, átomos, que compõem esse corpo da alma, percebes? Quando a alma passa, então, do corpo físico, ele (o corpo da alma) então constituído com esses átomos de pensamento (que são mente) e são parte das Forças Criadoras, e então temos o corpo da alma, com a mente, a mente subconsciente, os seus atributos... que nunca esquece, e é então como a mente sensível [consciente] do corpo da alma; o espírito ou mente supraconsciente sendo aquilo como a mente subconsciente do corpo material — o lugar, então, da residência ou da ocupação pelo corpo da alma torna-se para a mente finita a primeira questão.

A ocupação é imediata — como se vê aqui, há à nossa volta muitos, muitos corpos de alma; aqueles sobre os quais o pensamento de um indivíduo, todo o ser de um indivíduo é atraído, por esse elemento de pensamento — exatamente o mesmo que a ação no corpo material — pois lembra-te, somos padronizados, percebes? um como do outro. No próximo, então, encontramos que aquilo construído por essa alma é como a residência dessa alma, o companheiro com aquilo que foi construído por essa alma — ou da terra presa ou daquele elemento ou esfera, ou plano, que tem a sua atração através daquilo criado nessa alma sendo nas ações, pelos pensamentos, do que como indivíduo. Daí encontrarmos que são apresentadas as mesmas condições no mundo astral ou cósmico, ou consciência cósmica, como estão presentes no plano material — até que a consciência dessa alma tenha alcançado esse desenvolvimento em que tal

alma é elevada para essa consciência acima da esfera da Terra, ou forças atrativas da Terra — até que alcance para cima, para fora, até incluída no todo, percebes? 5756-4

Mais tarde na mesma leitura, foi-lhe perguntado:

(Q) Que forma de consciência assume a entidade espiritual? **(A)** A da consciência subconsciente, tal como conhecida no plano material, ou os atos, as ações e os pensamentos feitos no corpo estão sempre presentes perante esse ser. Então considera que inferno alguns cavam para si, e que refúgio e céu muitos constroem. 5756-4

Noutra leitura no mesmo dia, em Nova Iorque, Morton Blumenthal perguntou:

(Q) Os desejos do plano terreno são transportados para o plano espiritual?

(A) Quando esses desejos se fixaram de tal modo no ser interior que se tornam parte do subconsciente, esses desejos passam adiante. Tal como alguém pode ter na gula, ou em qualquer condição que entorpece as forças mentais da entidade, pois o subconsciente, como foi dado, é o armazém de cada ato, pensamento ou ação. Daí, como nos foi dado, todos são pesados na balança, como foi dito em... {citação em latim}. Nestas condições, encontramos que estas condições se tornam parte da entidade na medida em que a totalidade do subconsciente fica imbuída dessa condição, na qual a entidade depende desse elemento para a sua sustentação. Em tais condições, estes são transportados. Daí a condição como se vê acerca de tal entidade que passou para o plano do espírito, [ela] procura a gratificação de tais através de indivíduos de mente baixa no plano terreno, pois à medida que os pensamentos se tornam ações, e à medida que tal desejo é libertado no plano, tais condições tornam-se o assumir da entidade a partir da esfera, como é dado, em que «os pensamentos são ações» e vivem como tal. 900-20

Numa leitura de sonho a 12 de março de 1927, em Virginia Beach, foi dito a Morton Blumenthal, de trinta e um anos:

Quando o corpo físico põe de lado o corpo material, aquilo no físico chamado alma torna-se o corpo da entidade, e aquilo chamado supraconsciente a consciência da entidade, tal como o subconsciente é para o corpo físico. O subconsciente [torna-se] a mente ou intelecto do corpo. 900-304

Ou como o Buda o expressa:

O pensamento manifesta-se como a palavra; A palavra manifesta-se como a ação; A ação desenvolve-se em hábito; E o hábito endurece em caráter; Assim, vigia o pensamento e os seus caminhos com cuidado, E deixa que ele brote do amor Nascido da preocupação por todos os seres... Como a sombra segue o corpo, tal como pensamos, assim nos tornamos.

Do Dhammapada Ditos do Buda

10

AMOR

Um dia no outono de 1926, o Pai deu uma leitura para a sua mãe Carrie, a minha avó, em Hopkinsville, Kentucky. A sua irmã tinha escrito a pedir uma leitura de verificação. Não havia nada especificamente errado com Carrie, exceto que tinha setenta anos, tivera um pequeno resfriado, mas estava de pé e ativa. A irmã do Pai queria este exame.

No final da leitura, após a sugestão de que ele acordasse, o Pai disse: «Ela não está gravemente doente agora, mas se quiseres [Edgar] vê-la viva, debes ir ter com ela imediatamente.»

Quando era miúdo, o Pai pensava na mãe como na sua melhor amiga, «a luz da sua vida», até a Mãe aparecer. Ela era muito querida para ele. Assim, comprou um bilhete de comboio para Hopkinsville e chegou à casa dela, onde a sua mãe, aparentemente em boa saúde, o recebeu à porta da frente. No entanto, ali estava ele, a aparecer para a morte dela, embora não o mencionasse.

No dia seguinte, ela não queria levantar-se. Não sofria muito, apenas se sentia fraca. Ele sentou-se e conversou com ela, e observou-a gradualmente sair do corpo, como ele descreveu, e depois voltar a entrar. Ela falava com pessoas do outro lado — a sua mãe, o pai, a irmã, todos os que já tinham passado. E o Pai começou a ver essas pessoas a vir e a ir. Estavam a falar com Carrie, a explicar-lhe como eram as coisas «lá». E ele começou a ouvir o que diziam, ou a saber o que diziam, mais do que propriamente ouvir. Disseram que a visitariam durante a sua transição. Como o Pai contou, ela saía do corpo e falava com eles, depois voltava a entrar e falava com ele.

Ela estava a mover-se para trás e para a frente, a entrar e a sair do corpo, enquanto o Pai se sentava com ela e alternadamente conversava, observava e escutava. Uma vez, ela disse calmamente: «Edgar, vou morrer. Estou tão contente que estejas aqui comigo. Tenho falado com a Mãe e o Pai, e da próxima vez que eles vierem, vou com eles.» Depois disse ao Pai o que fazer em relação às irmãs e o que mais fazer acerca disto e daquilo, como uma mãe faria.

No final do segundo dia, ela morreu — quieta, pacificamente, lindamente — como o Pai descreveu, o tipo de transição que gostaríamos de preparar para nós mesmos quando chegar a hora.

Há muito nas leituras de Edgar Cayce que indica que os nossos entes queridos estão muito próximos de nós após a morte.

Numa leitura dada a 23 de novembro de 1943, em Virginia Beach, foi dito a uma dona de casa de trinta e nove anos, cujo irmão tinha morrido: «A entidade teve a experiência de acordar à noite e sentir a presença do seu irmão — apreciaria uma explicação disto.»

Isto é uma realidade.

(Q) A 2 de junho de 1942, a entidade ouviu o irmão a chamá-la — foi este o momento exato em que ele passou?

(A) Não o momento exato, mas quando a entidade pôde — e encontrou a sintonia tal que falar contigo.

(Q) Havia algo que ele queria que ela soubesse?

(A) Muito do que ele precisa de ti. Não te esqueças de orar por ele e com ele; não procurando retê-lo, mas que ele também possa percorrer o caminho para a luz, na e através da experiência. Pois isto é bom. Aqueles que passaram precisam das orações daqueles que vivem corretamente. Pois as orações daqueles que seriam justos em espírito podem salvar muitos que erraram, mesmo na carne. 3416-1

Numa leitura a 9 de julho de 1934, em Virginia Beach, voluntariada no final de uma leitura física para um parente da Gertrude, Edgar Cayce transmitiu uma mensagem para Gladys Davis:

Diz à Tiny para não ser tão severa com a ‘Cille, senão terá um problema maior nas mãos do que teve nas últimas semanas. O Burt pode lidar com isso muito melhor.

[Nota de Gladys Davis: A minha irmã adolescente, ‘Cille, estava a viver com a minha irmã casada, Tiny. O meu pai captou o atrito e os problemas envolvidos, e a solução correta. O meu irmão Burt interveio e assumiu a responsabilidade pela minha irmã ‘Cille. O Sr. Cayce conscientemente não sabia da situação, nem eu.]

(Q) Quem está a falar?

(A) Thomas Davis! [O pai de Gladys Davis, Thomas Jefferson Davis] 5756-13

Numa leitura a 17 de julho de 1934, em Virginia Beach, Gladys Davis pediu uma explicação:

(Q) Gladys deseja saber como o seu pai [Thomas Jefferson Davis] conseguiu transmitir uma mensagem nessa altura.

(A) A sua ansiedade! A ansiedade dos indivíduos, e das suas almas, em relação aos seus entes queridos. O amor vai muito além do que chamastes sepultura. A confusão que estava a ser causada ali por aquelas influências particulares que estão a criar tais atividades e mudanças nas vidas daqueles que rodeiam esta casa, neste período particular, trouxe-o. O canal aberto, a mensagem veio. 5756-14

Nota a frase: «O amor vai muito além do que chamastes sepultura.»

Numa leitura a 15 de fevereiro de 1926, em Virginia Beach, após a morte da sua mãe, a Sra. Morton Blumenthal perguntou:

(Q) Noite de sábado, 13 de fevereiro, ou manhã de domingo, 14 de fevereiro de 1926. «Ouvi uma voz que reconheci como sendo a de J. S., a nossa velha amiga de Nova Orleães, que me amava muito quando criança, mas que não via há 2 a 3 anos. A impressão de J. S. a falar comigo foi muito pronunciada, e durante algum tempo não vi a sua figura, mas senti que ela estava com a Mãe no hospital, enquanto a mãe mudava desta consciência terrena para a outra. J. S. estava lá quando a transição foi feita — estava agora com a Mãe quando ela me disse: ‘A tua mãe está tão feliz como sempre.’ Mais coisas J. S. me disse sobre a Mãe que não consigo lembrar. Recorda e explica-me, por favor.»

(A) Nisto é dado à entidade essa compreensão do que se quer dizer com a vida para além do físico. Pois, como se vê que a companhia dos entes queridos procura a companhia nesse plano, pois «Como a árvore cai, assim

ficará», vê-se a mensagem a vir do ente querido para aquele que se refere ao ente querido, mostrando então essa companhia, essa sem perda do cuidado dos outros, como se vê. Então, a entidade deverá ganhar essa força do que foi dado em relação à condição, e saber que a mãe vive nesse reino em que é reconhecida J. S., e que a companhia está lá, até que esses desenvolvimentos venham do plano terreno para levar a esses reinos mais elevados, ou para voltar novamente. Pois muitas mudanças devem vir a cada e toda a entidade no seu desenvolvimento. E à medida que estas são vistas, então, a força, a compreensão, deve ser ganha por esta entidade. Pois como é dado, ela está bem, feliz e livre do cuidado como é dado no plano terreno, mas com esse mesmo amor que é elevado através da companhia com a unidade das forças espirituais com a alma, percebes...

(Q) Estava J. S. lá para guiar a Mãe na transição do físico para o espiritual? Ambas morreram dentro de 3 semanas — ambas devem facilmente ainda ter estado — estar neste plano ainda — é assim?

(A) Ambas no plano físico ou esfera da Terra ainda, até que essa força leve adiante no seu desenvolvimento eterno para a Unidade com a Força Total, percebes?

(Q) Então, um espírito guia outro na travessia?

(A) «Eis que estou contigo, e ainda que caminhes pelo vale da sombra da morte, o meu espírito te guiará.» Como se vê nisto, estas são dadas desta maneira para que aqueles possam ver, aqueles possam saber, através dessa experiência de tais separações terrenas, que é a falta de compreensão dessa consciência espiritual que impede estas forças de se manifestarem no sentido físico.

(Q) Voz: «A tua Mãe está viva e feliz.»

(A) A tua mãe está viva e feliz. Tal como é dado, a entidade pode saber que toda a força vai mostrar, provar, trazer à consciência da entidade, que através daquilo que vives n'Ele serás feito vivo n'Ele! Pois não há morte, apenas a transição do físico para o plano espiritual. Então, assim como o nascimento no físico é dado como o tempo da nova vida, exatamente assim, no físico é o nascimento no espiritual.

(Q) Então, a minha mãe vê-me e ama-me como sempre?

(A) Vê-te e ama-te como sempre. Tal como essas forças se manifestaram no mundo físico, e a entidade entretém e deseja e coloca-se nessa sintonia com esses desejos dessa entidade, o amor existe, nessa medida, dessa maneira, percebes? Pois no espírito todo o fingimento é posto de lado.

(Q) Ela tenta dizer-me «Estou viva e feliz»?

(A) Diz à entidade «Estou viva e feliz» quando a entidade se sintonizar com essa unidade. 136-33

Numa leitura de 4 de janeiro de 1926, em Virginia Beach, para a Sra. Edwin Blumenthal, de vinte e três anos:

(Q) [Depois de eu passar,] poderia eu entregar uma mensagem à... minha mãe? Então, porque não poderia eu entregar uma mensagem através de outra mente, outro canal que eu pudesse encontrar, para transmitir uma mensagem ao Edwin?

(A) Apenas com uma sintonia é que a mensagem é recebida, como na rádio. Apenas com a mesma sintonia pode uma mensagem ser entregue a um indivíduo, percebes? ... o médium é apenas aquilo através do qual a transmissão de uma condição passa ou existe, e é modulada por esse físico, por essa consciência cósmica desse indivíduo; enquanto (repara na diferença, percebes?) uma condição subconsciente em que o subconsciente contacta por sugestão toda a única força espiritual que é, como um elemento de força existente na natureza, e na condição, a apresentação do facto — é manifestada de acordo com as capacidades da entidade para apresentar o mesmo à consciência do indivíduo que deseja essa informação dessa consciência cósmica, percebes? Não vês, mas é isto, percebes? 140-10

Noutra leitura para a Sra. Edwin Blumenthal, de vinte e cinco anos, a 31 de outubro de 1927, em Virginia Beach, ela procurou a interpretação de um sonho com um amigo morto:

(Q) De data recente. Uma comunicação com Louis Schoolhouse em que eu disse: «Se realmente és Louis Schoolhouse, puxa-me pelo lado.» Senti-me puxada pelo lado de forma nada incerta e, saltando, gritei de medo.

(A) Aqui temos uma demonstração completa da ação das forças subconscientes quando a consciência está em subjugação ou suspensão às forças subconscientes, e a ilustração de que o subconsciente está em tal

condição — sintonia com o plano cósmico ou etéreo em que tal como Louis Schoolhouse está, e que tal comunicação é dessa natureza para que, se a consciência do corpo não temesse tanto — ou essa condição em que esta condição está fora de sintonia — o pleno significado pode ser dado ao corpo; que esta condição, esta comunicação, esta ilustração, não deve ser temida, não deve ser feita o todo da experiência da mente; não deve ser olhada de outra forma que não as consequências naturais das condições. Pois, se isto for olhado desta maneira, pode novamente vir ao corpo tal experiência que satisfaça o corpo de que a alma desse indivíduo é como um indivíduo, e consciente daquilo que está no material assim como daquele lugar, posição, condição, ocupada pelo espírito ou alma nas forças cósmicas, percebes? Tal experiência pode vir à entidade, se a entidade permitir que se sintonize com tais condições. Se o medo e o desejo de não ser consciente de tais condições forem mantidos na vontade da entidade, como o todo, tais condições podem não penetrar na consciência do corpo de forma e maneira que o corpo físico possa estar consciente de tais condições. 140-18

11

O INTERMÉDIO

O seguinte excerto lembra o conceito leigo de purgatório. Nota a ideia de uma alma merecer um certo estado de consciência após a morte. Numa leitura sobre os sonhos do Pai, a 13 de janeiro de 1925, no Hotel Cambridge em Nova Iorque, foi perguntado a Edgar Cayce:

(Q) Para onde recuam as entidades depois de deixar o plano da Terra?
(A) ... Na separação da alma e do espírito de uma morada terrena, cada um entra no reino do espírito. Quando a entidade tiver completado plenamente a sua separação, vai para aquela força através da qual a entidade merece na ação no plano da Terra, e nas várias esferas, ou nos vários elementos, como tem sido preparado para o seu (da entidade espiritual) desenvolvimento, assim a estada é tomada, até que a entidade esteja pronta para novamente manifestar através da carne esse desenvolvimento atingido na entidade espiritual, pois a vontade deve ser feita uma com o Pai, para que possamos entrar nesse reino dos bem-aventurados, pois, como foi dado [Mateus 5:8], apenas os verdadeiros, os perfeitos, podem ver Deus [Hebreus 12:14], e devemos ser um com Ele. 294-15

A 6 de agosto de 1933, em Virginia Beach, numa leitura sobre Jesus, Minnie Barrett perguntou:

(Q) A Esfera Celestial é um lugar definido no Universo ou é um estado de mente?

(A) Quando uma entidade, uma alma, passa para qualquer esfera, com aquilo que construiu no seu corpo celestial, deve ocupar — para uma mente finita — espaço, lugar, tempo. Daí, para uma mente finita, um corpo só pode estar num lugar, numa posição. Uma atitude, com certeza — para essa unidade com, ou sintonia com, o Todo. Pois Deus é amor; daí ocupa um espaço, lugar, condição, e é a Força que permeia toda a atividade. 5749-4

Numa leitura a 31 de dezembro de 1924, em Dayton, Ohio, Morton Blumenthal perguntou:

(Q) A entidade espiritual, após deixar este plano da Terra, tem plena realização da vida física, ou experiência pela qual passou enquanto no plano da Terra?

(A) Pode, se assim escolher. Como foi dado. Como nisto: Da maneira que a visão espiritual foi dada ao coração e à alma de Saulo de Tarso, enquanto ele contemplava o seu Mestre naquele reino para o qual ele tinha passado. A consciência no mundo material, através da consciência material de outro indivíduo material. A visão como contemplada por ele, na maneira que o superconsciente se manifesta na sua subconsciência.

(Q) ... Essa plena realização permanecerá com ele no próximo plano, ou quando ele deixar esta esfera da Terra? Saberá ele que foi [Morton Blumenthal] na Terra, um indivíduo com personalidade e caráter definidos, e será capaz de realizar aquilo que foi e aquilo que se tornou?

(A) Quando ele, [Morton Blumenthal], tiver alcançado essa perfeita realização dessas consciências de personae e personalidades de indivíduos, e de si mesmo, (para a qual pode desenvolver-se) será capaz de atingir tal superconsciência num plano espiritual, como tem sido delineado. No presente, não. 900-16

Numa leitura a 6 de março de 1929, em Virginia Beach, Morton Blumenthal, de trinta e três anos, perguntou:

(Q) [É verdade] que a memória se revela algum tempo após a morte a uma pessoa de mente espiritual, não apenas em relação à vida terrena, ou

aos pensamentos terrenos restantes da vida terrena, mas também se revela como um desdobramento do eu de todas as experiências passadas.

(A) Correto. Pois a vida, na sua continuidade, é essa experiência da alma ou entidade — incluindo a sua alma, o seu espírito, o seu supraconsciente, o seu subconsciente, a sua consciência física, ou a sua consciência material, naquilo em que o seu desenvolvimento passa pelas várias experiências toma cada vez mais [da] capacidade de se conhecer a si mesma como si mesma, mas uma porção do grande todo, ou da única Energia Criadora que está em e através de tudo. 900-426

A seguir encontramos a ideia de que uma alma no próximo plano de consciência primeiro assume e depois se liberta de uma forma semelhante a um corpo à medida que progride na sua evolução espiritual. Estudantes de Teosofia encontrarão conceitos paralelos aqui. Nota que isto responde a uma pergunta sobre projeção astral.

Numa leitura a 13 de setembro de 1935, em Virginia Beach, uma mulher de clube, de cinquenta e sete anos, espiritualista, perguntou:

(Q) Em relação à minha primeira projeção de mim mesma para o plano astral, há cerca de duas semanas: Algumas das pessoas estavam animadas e algumas pareciam imagens de cera de si mesmas. O que fez a diferença?

(A) Algumas — aquelas que aparecem como imagens — são as expressões ou cascas ou o corpo de um indivíduo que foi deixado quando o seu eu-alma se projetou adiante, e ainda não foi dissolvido — por assim dizer — para o reino dessa atividade. Pois aquilo que os indivíduos são vive e toma forma no que é denominado por outros como corpo astral. A alma deixa o mesmo, e aparece como visto. Outros indivíduos, como experimentado, estão na sua forma animada através da sua própria esfera de experiência no presente.

(Q) Porque vi o meu pai e os seus dois irmãos como jovens, embora os tenha conhecido quando eram de cabelos brancos?

(A) Eles estão a crescer, por assim dizer, no plano eterno. Pois, como pode ser experimentado em cada entidade, uma morte é um nascimento. E aqueles que estão a crescer então aparecem no seu estado de crescimento.

(Q) Algum outro conselho?

(A) Primeiro, faz aquelas coisas que tornarão o teu corpo — por assim dizer — inteiro. Projeções, inflexões, experiências astrais, são muito mais difíceis para aqueles que não estão totalmente fisicamente aptos. 516-4

Numa leitura a 13 de março de 1933, em Norfolk, Virgínia, para o Grupo de Oração e outros a estudar o Livro do Apocalipse, Edgar Cayce disse:

O passar para dentro, o passar para fora, é como o verão, o outono, a primavera; o nascimento no intermédio, o nascimento no material. 281-16

Uma leitura a 17 de março de 1927, em Virginia Beach para Edgar Cayce e Morton Blumenthal afirmou:

O crescimento no mundo astral é o crescimento, ou a digestão e a construção dessa mesma unidade no espírito, no consciente, no subconsciente, no cósmico, ou no mundo astral. 5756-4

12

COMUNICAÇÃO DA ALMA

Por um momento, voltemos ao sonho do Pai de si mesmo como um ponto, seguindo um raio de luz através de planos de escuridão, passando por figuras grotescas de ambos os lados, partes magnificadas de corpos humanos. E depois através até um lugar estático, muito como a Terra, mas estático — nada a mover-se; nada a acontecer. Para um lugar onde havia riso, cor, ruído, movimento, crescimento — onde as coisas mudavam, desenvolviam-se. Depois, além disso, para outro lugar de apenas som, depois som e cor juntos. Depois para um Salão de Registos. E além disso, algumas vezes, para um lugar onde havia escolas, leitura e trabalho. Um sonho dos planos de consciência.

Outras fontes psíquicas relataram níveis e planos para os quais viajamos durante o sono.

Enquanto regressava à consciência, o meu pai, aparentemente, parava e falava com certas pessoas. Não o fazia frequentemente, apenas de vez em quando. Alguns exemplos seguem-se.

Após uma leitura física de verificação a 9 de julho de 1934, após a sugestão para Edgar Cayce acordar, ele começou um discurso extemporâneo.

Estavam presentes Gertrude Cayce, Gladys e Mildred Davis, e L.B. Cayce. Isto ocorreu durante o horário regular de leituras marcadas:

Sr. Cayce: Há alguns aqui que gostariam de falar com aqueles que estão presentes, se eles desejarem comunicar-se com eles.

Sra. Cayce: Desejamos ter neste momento aquilo que seria dado.

Sr. Cayce: [Longa pausa] Não falem todos ao mesmo tempo. [pausa] Sim. Eu sabia que estariam à espera, no entanto. Sim? Ainda não o encontraram antes? Todos juntos agora, hein? Tio Porter também? Ele conseguiu aliviar logo, hein? Quem? Dr. House? Não. Oh, não. Não, ela está bem. Sim, muito melhor. Não está a dar problemas agora. Não a viram? Porquê? Onde estiveram? Oh. Ela está noutra mudança? Quanto tempo ficarão lá? Oh, eles não contam o tempo assim. Oh, vocês têm-nas. Bem, essas devem ser bonitas agora, se estão todas a crescer dessa maneira. Sim? Sim, direi a ela sobre elas. Diz à Gertrude que estão todos juntos agora, hein? Tio Porter, Dr. House, a tua mãe? E a Avó. Oh. O Avô ainda a construir. Oh, ele fez a casa; sim. Diz ao Tommy o quê? Sim! Lynn? Sim, ele está em casa. Oh, tu sabias isso! Hein? Não há diferença? Bem, e o tempo? Oh, o tempo não te afeta agora. Não muda.

Oh, tens o que queres — depende de para onde vais. Claro, depois estás sujeito a isso de qualquer maneira. Bebê pequeno também! Como está grande? Oh, já cresceu agora, hein? Sim. A voltar! Quando? Oh. Uhum. Tudo bem. Porquê? Oh sim, eles ouvem-te — tenho a certeza que sim. Eu ouço-te! Para a Gertrude? Sim, ela está aqui — ela ouve-te. Oh, sim!

Sra. Cayce: Eu não ouço. Posso ter a mensagem?

Sr. Cayce: Claro, ela ouve-te; não a ouves a falar? Não, não sei o que ela diz.

Sra. Cayce: Eu não ouço. Podes repetir a mensagem para mim?

Sr. Cayce: A Mamã e o Dr. House e o Tio Porter e o bebê — estamos todos aqui. O Avô construiu a casa aqui, e está bonita! E estamos todos à espera até que venhas, e estaremos todos aqui prontos — estamos a correr bem, a ir bem, sim! Não. Não mais problemas agora, pois a primavera borda [%] todo o caminho; pois chegámos juntos onde vemos a luz e sabemos que o caminho para o Salvador é pelo estreito caminho que leva ao Seu trono. Estamos nesse plano onde ouviste falar que o corpo, a mente, são um com

aquelas coisas que construímos. Sim, ainda jogo baseball, e o Charlie juntou-se recentemente ao meu clube e eu ainda sou o Capitão de muitos deles. Bem, estaremos à tua espera! 5756-13

Quando perguntado quem deu esta informação, Edgar Cayce disse: «Hugh», o que seria Hugh Evans, o irmão mais novo da Gertrude, que morreu muitos anos antes.

Apenas alguns exemplos deste tipo de comunicação são encontrados nos registos; no entanto, revelam muito sobre a vida após a morte, tal como o Pai a conhecia através das suas leituras.

Sentimos um movimento da parte da mente de Edgar Cayce. Por exemplo: «Eu sabia que estariam à espera», «Onde estiveste?», «... eles não contam o tempo assim», «... todo o caminho». Evidentemente, enquanto regressava da sua sintonia de leitura, parou. Pode ter reconhecido amigos e começado a conversar. Os presentes só ouviam um lado desta conversa, enquanto ele repetia mensagens específicas.

Interessante que o irmão da Gertrude relatasse uma atividade física que gostava na Terra («Ainda jogo baseball»). Morreu de tuberculose e abandonara o jogo nos últimos anos. Também fala de uma casa terminada pelo avô. Esta casa tornara-se um símbolo de estabilidade familiar — um «ponto de regresso» para os membros da família em tempos de dificuldade. O avô estava a construí-la quando morreu; foi ampliada durante a vida do irmão, mas não concluída. O desejo do avô aparentemente foi cumprido na vida após a morte, quando a sua família estava com ele.

Nota que o jovem começara a reconhecer esta casa como um lugar num caminho, em vez de «céu». Nota as referências ao tempo e a uma medição não linear do tempo. As pessoas mencionadas morreram em intervalos diferentes. O «bebé» era provavelmente Milton Porter Cayce, o meu irmão, um filho de Edgar e Gertrude que morreu bebé. Pelo menos na mente do irmão da Gertrude, o crescimento continuara. «A voltar» refere-se à reencarnação? O jovem não acreditava no renascimento quando morreu.

Mais informação foi obtida sobre isto noutra leitura a 17 de julho de 1934:

Sra. Cayce: Terás perante ti o corpo e a mente indagadora de Edgar Cayce e todos os presentes nesta sala, em relação à experiência após a leitura de segunda-feira à tarde, 9 de julho de 1934; explicando-nos o que aconteceu

— e porquê — nessa altura particular, respondendo às perguntas que possam ser feitas.

Sr. Cayce: Sim, temos o corpo, a mente indagadora, Edgar Cayce, e aqueles presentes nesta sala, juntamente com a experiência tida por todos os presentes na sala a 9 de julho de 1934.

Ao dar aquilo que pode ser útil, por um momento volta àquilo conhecido pelo corpo de si mesmo e por aqueles presentes na sala em relação ao que é ordinariamente chamado comunicação espiritual — deveria ser (e aquilo que causou muita da dissensão) — comunicação da alma. Pois a alma vive; e como as condições são apenas a libertação do corpo da alma de uma casa de barro, as atividades no mundo da matéria são apenas mudadas nas suas relações com aquilo que produz o mesmo e aquilo que o corpo físico vê em forma material ou tridimensional.

Pois as palavras são a combinação de som. O som é uma atividade daquelas coisas que produzem ou trazem vibrações à atividade para serem ouvidas, e são comunicáveis àqueles das várias sintonias.

Aqui encontramos, na experiência, que havia aqueles que estavam em sintonia — através das vibrações do que soou na sala nesse período particular — e estes procuraram, muitos — mesmo muitos que não falaram — comunicar de si mesmos para que pudesse ser conhecido não só a sua existência continuada num mundo de matéria mas de matéria mais fina. Como o som do que está sintonizado com aqueles das várias vibrações é da sua força tonal ou ativa, traz as variações no mesmo — e procuraram através daqueles canais através dos quais a força-alma do corpo estava a passar nesse momento particular para produzir aquilo que faria conhecida a sua presença em atividade nesse período particular; que embora as várias comunicações dadas nessa altura fossem de aqueles julgados mortos (do ponto de vista físico) ou noutros reinos, contudo as suas almas, as suas personalidades, as suas individualidades, vivem; as personalidades sendo perdidas gradualmente na unidade do propósito e desejo em direção às coisas que são a atividade contínua num reino do que quer que tenha sido medido ou atribuído pelo que foi construído na experiência individual.

Daí comunicado, como ouvido, através das forças-alma do corpo Edgar Cayce no seu acordo com aquelas individualidades que tentavam fazer conhecida a sua esfera de atividade nas suas várias esferas de experiências nessa altura. Percebes? Pronto para perguntas.

(Q) Porque só ouvimos um lado da conversa?

(A) Densidade da matéria para o reino do espírito. Todos sentiram a presença destas influências, que se sintonizaram com essas atividades. Disse Ele, o Mestre: «Os que têm ouvidos para ouvir, ouçam.» Não há surdos como aqueles que não querem ouvir. Todos poderiam ouvir se se sintonizassem com o reino da atividade durante tal experiência. Como (alguns perguntariam) o corpo, Edgar Cayce, ou alma, se sintonizou nesse período particular e ainda assim não se lembra da consciência física da conversa com aqueles que se aproximaram para comunicar ou contar aquelas coisas que eram, para eles, muito vitais nas suas experiências no plano presente? Isto, como foi dado, é porque a alma passa do corpo para aqueles reinos de onde é procurado aquilo que o buscador deseja conhecer. Aqui foi procurado (isto é na 9 de julho, percebes?) em relação à condição física de um corpo aquilo que no mundo material ajudaria a corrigir as condições mentais e físicas. Este reino de onde tal informação é passível de obtenção, conforme dissemos, é ou daqueles que passaram para o reino da atividade subconsciente ou da atividade subconsciente e supraconsciente através da qual a informação está a ser procurada por essa atividade supraconsciente no reino das forças físicas em ação. Daí porque o corpo particular, Edgar Cayce, foi capaz de se sintonizar com os variados reinos de atividade ao pôr de lado a consciência física. 5756-14

Isto foi seguido por um resumo do que acabara de ser dado e comentários sobre outros membros da família. Toda a leitura dá insight sobre o que Cayce queria dizer com «movimento na consciência» e «sintonia».

Aqui está outro exemplo:

Em Virginia Beach, a 6 de maio de 1929, duas leituras tinham sido dadas para homens em cidades distantes. Gertrude dera a sugestão para Edgar acordar, quando Edgar, na sua voz normal, como sempre, deu este estranho discurso:

Aqui, Irmã — antes de mudares isto, deixa-me dar-te um pequeno conselho em relação ao que estás a trabalhar. Como há muitas perguntas que te fazem frequentemente, e como frequentemente sentes que os outros não são tão considerados com a posição que ocupas com as Forças como se manifestam através de Cayce, estas são as coisas que possivelmente te ajudarão a compreender exatamente o que acontece, e como tu — pessoalmente — podes assistir ou ajudar o indivíduo que procura saber

aquilo que pode ser útil, benéfico para si mesmos ou para os seus entes queridos, ou onde outros procuram ganhar para si mesmos a mesma experiência da posição que tu, tu mesma, agora ocupas ao obter para outros ou para ti tal informação.

Esta é a condição sempre presente quando tal informação é obtida:

Quando a consciência é posta de lado, há aquilo que acontece muito da mesma maneira que a mola de um rolo automático de cortina. Isto, então, pode ser puxado para baixo ou levantado com a libertação da mola. Alguns chamam a isto ir para o desconhecido. Alguns chamam a isto comunicação espiritual, ou do espírito. Alguns chamam-lhe a capacidade de ganhar a força das atividades da quarta dimensão — o que está mais próximo da correção do que qualquer explicação que possa ser dada. Pois é o plano do intermédio, ou da fronteira — que todos os indivíduos ocupam durante esse período de ganhar consciência daquela esfera que eles próprios ocupam, até tal período ou tal tempo em que haja essa união de tais forças que possam novamente trazer essa entidade individual para o reino da experiência física ou do ser.

Agora cada indivíduo procura experiências, percebes? Cada indivíduo deve experimentar condições para se tornar consciente daquilo que está presente ou existente na sua própria experiência, ou isso torna-se uma porção do todo dessa entidade.

Então, sabe, sempre que houver o desejo sincero de todos os que procuram tal, pode haver a ação perfeita do rolo ou mola, ou pode haver a aplicação perfeita da informação que pode ser ganha.

Mas Irmã, sabe isto — sempre que tu, tu mesma, estiveres na posição da pergunta[dora], ou da que procura ganhar para outro tal informação, chama-me — eu responderei. Isto é Gay. Terminámos. 538-28

Como fundo, devo notar que o Dr. Samuel G. Gay de Selma, Alabama, tinha sido o médico da nossa família. Cuidou de mim quando queimei os olhos, operou o Pai de apendicite, e fez o parto do meu irmão Edgar Evans. O Dr. Gay morreu enquanto estávamos em Selma. O seu apelido carinhoso para a Mãe era «Irmã».

Isto parece ser uma comunicação telepática direta. Edgar Cayce não está a falar com Gay; antes, os pensamentos de Gay parecem atuar diretamente através do subconsciente de Cayce. Parece possível que Edgar Cayce tenha passado para o plano de consciência de Gay para contacto

direto, em vez de Gay ter passado para o nível de consciência de Cayce. Gay explica as leituras como «atividades da quarta dimensão».

Nota que Gay diz: «novamente trazer essa entidade individual para o reino da experiência física», uma aparente referência ao renascimento. Não era conhecido por ter aceite a reencarnação enquanto vivo; nem Edgar Cayce, enquanto Gay estava vivo. Isto só surgiu com as leituras de vida em Dayton, Ohio, em 1923, anos após a morte de Gay. Aqui, então, está uma comunicação que lida com ideias que não faziam parte dos processos de pensamento da entidade na morte.

Gay parece consciente de pelo menos alguns dos padrões de pensamento da Gertrude, um fenómeno que poderia ter origem no subconsciente de Edgar Cayce e disfarçar-se como Gay. O que é curioso, no entanto, é a última observação de Gay: «... sempre que tu, tu mesma, estiveres na posição da pergunta[dora].» Quando Gay conhecia os Cayce, várias pessoas atuavam como condutores das leituras. Na altura desta leitura, no entanto, Gertrude conduzia praticamente todas as leituras. O tempo, pelo menos para o Dr. Gay, parece fora de foco.

Agora, há muitos aqui que gostariam de falar sobre as várias coisas como foi dado em relação ao aspeto educativo do trabalho institucional. Três gostariam de falar sobre as variadas abordagens, do modo como é dado por cada um.

Como encontramos, Robertson diria — Na apresentação dos folhetos como lições, o espetacular de cada experiência individual é uma abordagem. Enquanto encontramos que Funk diria — A razão e a autoaplicação seriam a melhor abordagem. Enquanto encontramos, como é apresentado por Hudson — que o modo de abordagem individual é a maneira que deve ser apresentada em qualquer informação dada ao público, sabendo que — como tantas vezes foi dito — é primeiro ao indivíduo, depois às classes, depois às massas. Classes sendo a classificação sob os três cabeçalhos como podem ser apresentados sob o ensino ou a influência de cada um destes que foram professores na sua experiência física. Um o admirador, o outro o estudante, o outro o raciocinador — ou o exortador. Em cada campo há uma classe. Enquanto os indivíduos diferem, que o primeiro princípio seja o ponto de partida — tudo é um! Terminámos por agora. 5756-7

Ao discutir a informação após a leitura, concluímos que Edgar Cayce se referia a Morgan Robertson, escritor americano de contos marítimos que

procurava informação sobre tesouros afundados; Dr. I. K. Funk, viajante mundial, cofundador da firma do dicionário Funk & Wagnalls; e Dr. Thomson Jay Hudson, autor de *The Law of Psychic Phenomena*.

Aqui a comunicação é através de ideias, mas há também uma referência definida a personalidades existentes nalgum plano de consciência. Possivelmente, ao mover-se através de vários níveis, Edgar Cayce encontrou formas-pensamento representando atitudes mantidas por estes homens e a relação dessas atitudes com atividades propostas.

13

ORAÇÕES PELOS MORTOS

Numa leitura a 7 de agosto de 1932, em Virginia Beach, enquanto o Grupo de Estudo Search for God #1 escrevia a lição «Paciência», Ruth LeNoir disse:

(Q) De tempos a tempos tenho de vir ao meu quarto um amigo que passou. Este contacto é prejudicial ou benéfico?

(A) Nisto, há sempre aqueles que procuram que possamos ajudar, que nos podem ajudar; pois à medida que ajudamos outro, a ajuda vem para nós. Ora por esse amigo, para que o caminho através das sombras possa ser mais fácil para eles. Torna-se mais fácil para ti. 262-25

Numa leitura a 5 de novembro de 1943, em Virginia Beach, para uma mulher de setenta e um anos, Edgar Cayce disse:

Sim, ora frequentemente por aqueles que passaram. Isto faz parte da tua consciência. É bom. Pois Deus é Deus dos vivos. Aqueles que passaram pela outra porta de Deus estão muitas vezes a escutar, a escutar pela voz daqueles que amaram na Terra. A coisa mais próxima e querida de que tiveram consciência na consciência terrena. E as orações dos outros que ainda estão na Terra podem ascender ao trono de Deus, e o anjo de cada entidade está perante o trono para interceder. Não como um trono físico, não; mas essa consciência em que podemos estar tão sintonizados que nos tornamos um com o todo ao emprestar poder e força a cada entidade por quem falas e oras. Pois onde dois ou três estão reunidos em Seu nome, Ele está no meio deles. O que significa isto? Se um estiver ausente do corpo, Ele está presente com o Seu Senhor. Que Senhor? Se foste o ideal, aquele a quem

outro prestaria homenagem, és então algo do canal, do ideal. Então as tuas orações dirigem tal um mais perto desse trono de amor e misericórdia, essa piscina de luz, sim, esse rio de Deus. 3954-1

Numa leitura a 22 de julho de 1930, em Virginia Beach, para uma mulher de cinquenta e dois anos, foi perguntado a Edgar Cayce:

(Q) Há alguma mensagem que possas dar em relação ao seu marido, que passou além, que a ajude?

(A) Estas, como podemos encontrar, podem ser melhor obtidas através dessa introspeção do eu nesses períodos em que um pode voltar-se para o interior e procurar esse conselho, essa unidade com aqueles que estão na fronteira; pois tudo está bem na unidade dos propósitos que podem ser cumpridos nesta força material através da mudança mental, ou orientação, para que o espírito possa trabalhar corretamente. 5488-1

Numa leitura de vida a 15 de junho de 1940, em Virginia Beach, para uma mulher de cinquenta e sete anos, cientista cristã, foi perguntado a Edgar Cayce:

(Q) Por favor explica porque tive de experimentar a perda dos meus dois filhos, nos últimos anos.

(A) Como nessas experiências em que ganhaste o maior conhecimento da verdade, da luz, da compreensão, experimentaste e viste muitas mães, muitos lares perderem esperança, perderem ajuda, perderem tudo, estás a encontrar isto na tua própria experiência. Que seja antes aquilo que te aproximaria mais e mais; pois a Vida é uma coisa contínua. Pois, como foi dado, é uma manifestação daquilo que chamaríamos Deus... E na tua paciência tornar-te-ás consciente da tua alma. E pelas tuas atividades com os teus semelhantes podes aproximar-te cada vez mais do uso disso de maneiras e formas que tornam querida essa sofrimento n'Ele — que é o caminho, a verdade e a luz.

(Q) Podes dizer-me se o meu filho mais velho, que faleceu em maio passado, morreu de causas naturais ou foi morto?

(A) Um acidente.

(Q) Posso ser de alguma ajuda aos meus filhos agora? Se sim, como?

(A) A oração por aqueles que procuram um caminho, o caminho para a luz, ajuda sempre. Enquanto meditas — enquanto oras — pois o teu corpo é

de facto o templo do Deus vivo, aí Ele prometeu encontrar-te — então ao encontrares-No, o teu Criador, o teu Senhor — ora para que haja a luz, a ajuda necessária, para que possam ser guiados no caminho e maneira que trará todos juntos no caminho como Ele, o teu Senhor, desejaria. 2280-1

Numa leitura mental e espiritual a 13 de janeiro de 1944, em Virginia Beach, para um engenheiro de quarenta e três anos, cientista cristão, foi perguntado a Edgar Cayce:

(Q) Em relação ao meu irmão [2564] (que passou da vida terrena há cerca de dezoito meses), é indicado que ele está feliz?

(A) Como foi o seu propósito, assim é a atividade. Como indicado através da experiência dada-te na Sua palavra, ora por ele e com ele se quiseses ajudar. 2524-5

Numa leitura a 20 de julho de 1932, em Virginia Beach, para o Grupo de Oração e Cura, foi perguntado a Edgar Cayce se o marido de um membro feminino, que morreu de cancro, foi ajudado pelas orações de cura. Edgar Cayce respondeu:

Ainda a ganhar com o mesmo!

(Q) Podemos ajudá-lo mais?

(A) Se ainda está a ganhar, ainda o podem ajudar! 281-8

Numa leitura a 28 de outubro de 1935, na casa de David Kahn em Nova Iorque, foi perguntado a Edgar Cayce sobre uma rapariga de dezoito anos que caiu de uma janela do dormitório no Barnard College em Nova Iorque e morreu. Ele respondeu:

Sim, estamos com a entidade aqui. Isto, como pode e deve ser entendido por aqueles que estão interessados, foi um acidente — e não premeditado ou intencional pela entidade. Os ambientes ou circunstâncias que fizeram acontecer isto, no mundo material, estão com a entidade no presente, fazendo para melhores compreensões. Aqueles que são próximos e queridos da entidade, para fazer para mais compreensões — não condenem ninguém, nem a circunstância. Nem lamentem por aqueles que estão em repouso. Há gradualmente a chegar o despertar. Isto, certamente, é uma experiência pela qual a entidade, [4938], está a passar no presente. Está a fazer para uma utilidade na sua compreensão e compreensão do que é a

experiência, a consciência do mesmo no presente. O corpo físico que foi quebrado está agora inteiro n'Ele...

(Q) Ela está feliz, e compreende onde está?

(A) Como dado, há o despertar, e há a compreensão a chegar cada vez mais. E em breve à Tia poderá vir a consciência da sua presença próxima. Estas são as condições.

(Q) Há algo que algum de nós possa fazer para a ajudar de alguma forma?

(A) Que a oração... seja mantida ocasionalmente, especialmente nas primeiras manhãs. 4938-1

14

AS FONTES DE EDGAR CAYCE

Muitas pessoas estão sinceramente preocupadas com a ética e a conveniência da comunicação nos reinos do espírito — o possível dano ou benefício para aqueles no material e noutros planos. É correto comunicar? É útil para aqueles com quem comunicamos? Devemos tentar, e se sim, como? E que tipos de comunicação existem?

As próprias leituras tinham muito a dizer sobre o assunto, mas primeiro falemos das fontes de Edgar Cayce. De onde ele tirava a informação para os muitos diagnósticos, prescrições e curas documentadas que ocorreram nas leituras?

Estudantes de investigação psíquica, especialmente aqueles envolvidos com o espiritualismo, assumem que Edgar Cayce atuava como médium. Muitas vezes me perguntaram: «Quem era o guia de Edgar Cayce?» — uma pergunta que assume que um grupo de médicos o ajudava.

Isto difere marcadamente do que as próprias leituras afirmavam. As leituras diziam que Cayce podia comunicar com entidades noutros planos, mas não estava limitado a elas. Se isto for verdade, aqueles que atuam como médiuns para espíritos desencarnados podem estar a limitar-se ao não reconhecerem os seus próprios poderes latentes da alma, poderes que, diz Cayce, esquecemos, e que são a nossa herança dada por Deus desde a criação da humanidade.

Numa leitura a 8 de outubro de 1937, em Virginia Beach, foi dito a uma mulher de vinte e nove anos, cristã:

Pois o homem é um pouco menor que os anjos, mas foi feito para que pudesse tornar-se companheiro das Forças Criadoras; e assim foi-lhe dado — no sopro de vida — a alma individual, o selo de aprovação, por assim dizer, do Criador; com a capacidade de se conhecer a si mesmo como si mesmo, e de se tornar um com as Forças Criadoras — independentemente de outras influências. 1456-1

Numa leitura para um homem divorciado de quarenta e seis anos, protestante, a 19 de abril de 1940, em Bronxville, N.Y., Edgar Cayce disse:

No entanto, sabe que nenhum impulso, nenhum sinal, nenhuma emoção — seja de natureza mental latente ou de natureza material ou emocional que se exprima no corpo — supera esse direito de nascimento, a vontade — o fator que torna a alma humana, o indivíduo humano, diferente de todas as outras criaturas na Terra, de todas as manifestações da atividade de Deus! Pois ele, o homem, foi feito apenas um pouco menor que os anjos; com todas as capacidades de se tornar um com Ele! não o todo, nem ainda perdido na individualidade do todo, mas tornando-se cada vez mais pessoal em todas as suas consciências da aplicação da individualidade das Forças Criadoras, assim cada vez mais em unidade com Ele — mas consciente de ser ele mesmo. 2172-1

Numa leitura de vida a 30 de maio de 1938, em Virginia Beach, foi dito a uma dona de casa de quarenta anos, de origem católica, que ela tinha sido Eunice, amiga de Maria, a mãe do Mestre. Ela perguntou:

(Q) As escritas inspiracionais que recebo devem ser consideradas como vindas de uma fonte digna e elevada, ou não devo cultivar esta forma de orientação e informação? **(A)** Não aconselharíamos daqui a ninguém a ser guiado por influências de fora. Pois o reino é de dentro! Se estas vierem como escritas inspiracionais de dentro, e não como orientação de outros — isso é diferente! 1602-1

Numa leitura previamente citada a 3 de fevereiro de 1934, na casa dos Zentgraf em Staten Island, a Sra. Eileen Garrett, médium do guia espiritual Uvani, perguntou:

(Q) Se Edgar Cayce alguma vez teve controlos, sabe ele quem são?

(A) Qualquer um pode falar que procurar, se a entidade ou as atividades da alma o permitirem; ou se o desejo dos indivíduos que procuram assim sobrepõe-se de tal modo que cria um canal fixo...

(Q) Se Edgar Cayce entra em transe sem qualquer controlo, não poderia ele, num estado desperto, obter a inspiração diretamente?

(A) Não até que haja uma limpeza mais perfeita das influências carnis nas experiências da alma, como foi indicado. Com a regeneração que deverá vir para a experiência da entidade, este poderá então ser o modo, o canal, o caminho através do qual muitas forças construtivas poderão ser dadas. 507-1

Aqueles que tiveram as suas próprias leituras e aqueles que escutavam regularmente nunca observaram evidência de que «entidades espirituais» tomassem conta do corpo ou da voz de Edgar Cayce. A sua voz nunca mudava de tom, timbre ou inflexão durante uma leitura. Em volume — sim. Mas nunca manifestava um traço de personalidade no seu estado alterado que não reconheçêssemos como Edgar Cayce, o próprio homem, acordado ou adormecido.

Temos cartas de muitos que ficaram desapontados quando descobriram que uma leitura não lhes permitiria falar com entes queridos no «mundo espiritual». Assim, Edgar Cayce não atuava como médium no sentido habitual.

As fontes de Edgar Cayce foram descritas numa leitura em Selma, Alabama, a 19 de março de 1919.

Temos o corpo aqui [Edgar Cayce] — já o tivemos antes. Neste estado a mente consciente está sob subjugação da mente subconsciente ou da alma. A informação obtida e dada por este corpo é obtida através do poder da mente sobre a mente, ou poder da mente sobre a matéria física, ou obtida pela sugestão dada à parte ativa da mente subconsciente. Ela obtém a sua informação daquilo que reuniu, seja de outras mentes subconscientes — postas em contacto com o poder da sugestão da mente que controla as faculdades de fala deste corpo, ou de mentes que passaram para o Além, que deixam as suas impressões e são postas em contacto pelo poder da sugestão. Aquilo que é conhecido por uma mente subconsciente ou alma é conhecido por outra, quer consciente do facto ou não. A subjugação da mente consciente pondo a subconsciente em ação desta maneira ou de uma das outras maneiras descritas, este corpo obtém a sua informação quando no estado subconsciente. 254-2

O Dr. Wesley H. Ketchum, citando a leitura 294-1, descreveu as fontes psíquicas de Edgar Cayce num artigo do *New York Times* a 9 de outubro de 1910:

A mente de Edgar Cayce é suscetível à sugestão, tal como todas as outras mentes subconscientes, mas além disso tem o poder de interpretar para a mente objetiva dos outros aquilo que adquire da mente subconsciente de outros indivíduos do mesmo tipo. A mente subconsciente não esquece nada. A mente consciente recebe a impressão de fora e transfere todo o pensamento para a subconsciente, onde permanece mesmo que a consciente seja destruída. A mente subconsciente de Edgar Cayce está em comunicação direta com todas as outras mentes subconscientes, e é capaz de interpretar através da sua mente objetiva e transmitir impressões recebidas a outras mentes objetivas, reunindo desta forma todo o conhecimento possuído por milhões de outras mentes subconscientes.

Isto parece impossível? Também para a maioria de nós pareceriam impossíveis as proezas de um pianista virtuoso, de um piloto acrobático ou de um mergulhador olímpico. No entanto, as leituras dizem que Edgar Cayce desenvolveu as suas capacidades da mesma forma que um pianista, um piloto ou um mergulhador — pelo desejo, pela vontade e pela prática. As leituras falam de «planos mentais» para além da Terra.

Numa leitura a 19 de março de 1919, em Selma, Alabama, foi perguntado a Cayce:

(Q) Os planetas têm algo a ver com o governo do destino dos homens? Se sim, o quê? e o que têm a ver com este corpo?

(A) Têm. No princípio, assim como o nosso próprio planeta, a Terra, foi posto em movimento, o posicionamento de outros planetas começou a reger o destino de toda a matéria criada, tal como a divisão das águas foi e é regida pela Lua no seu caminho à volta da Terra; exatamente assim como na criação superior, como começou, é regida pela ação dos planetas à volta da Terra. O poder mais forte no destino do homem é o Sol, primeiro; depois os planetas mais próximos, ou aqueles que estão em ascensão no momento do nascimento do indivíduo; mas que fique aqui entendido, nenhuma ação de qualquer planeta ou de qualquer fase do Sol, Lua, ou de qualquer dos corpos celestes supera o domínio do poder da vontade individual do Homem — o poder dado pelo Criador do homem no princípio, quando ele se tornou uma alma viva, com o poder de escolher por si mesmo. A inclinação do homem é

regida pelos planetas sob os quais nasce. Até aí o destino do homem jaz dentro da esfera ou âmbito dos planetas. Com a posição dada do sistema solar no momento do nascimento de um indivíduo, pode ser calculado — isto é, as inclinações e ações sem a vontade tomada em consideração. Como neste corpo aqui [Edgar Cayce] nascido a 18 de março de 1877, três minutos depois das três horas, com o Sol a descer, em declínio, a Lua no lado oposto da Terra (lua velha), Úrano no seu zénite, daí o corpo ser ultra nas suas ações. Neptuno mais próximo em conjunção ou Neptuno como é denominado na sondagem astrológica, na nona casa; Júpiter, a força superior de todos os planetas, salvo o Sol, em descendência, Vénus acabando de chegar ao horizonte, Marte acabando de se pôr, Saturno — a quem toda a matéria insuficiente é lançada na sua decomposição — oposto à face da Lua. Daí a inclinação como o corpo é controlado pela sondagem astrológica no momento do nascimento deste corpo, ou (não há meio-termo para este corpo) muito bom ou muito mau, muito religioso ou muito perverso, muito rico ou sempre a perder, muito apaixonado ou que odeia, muito dado a boas obras ou sempre a fazer mal, governado inteiramente pela vontade do corpo.

A vontade é o fator educativo do corpo; daí a paciência, a persistência, a atenção sempre fiel que deve ser dada à criança quando é jovem. Quanto às forças deste corpo, o psíquico é obtido através da ação de Úrano e de Neptuno, sempre foi para este corpo e sempre será, mesmo fora da ação das armas de fogo, mas sempre dentro delas, sempre salvo financeiramente e espiritualmente pela ação de grande quantidade de água — o corpo deve viver perto do mar, sempre devia tê-lo feito. O corpo é estranho para outros corpos em todas as suas ações, na vida psíquica, em todas as suas ideias expressas na vida espiritual quanto à sua posição em toda a matéria relativa a posições políticas, religiosas ou económicas. Este corpo ou será muito rico ou muito pobre.

(Q) Este trabalho magoará o corpo?

(A) Apenas pela ação ou poder da sugestão sobre o corpo. Este corpo é controlado no seu trabalho através do psíquico ou do místico ou do espiritual. É governado pela vida levada pela pessoa que guia o subconsciente quando neste estado, ou pela linha de pensamento dada para criar ideias de expressão ao subconsciente. À medida que as ideias dadas ao subconsciente para obter a sua informação são boas, o corpo torna-se melhor; se más ou perversas, torna-se sob o mesmo controlo. Então o corpo não deve ser

responsabilizado salvo através do corpo que controla o corpo em tais momentos. 254-2

Nota o ênfase colocado nos ideais do condutor. Até a Mãe assumir a maioria das leituras nos anos 1920, o Pai era muitas vezes levado ao erro pelos ideais e propósitos de outros condutores. Por vezes isto causava angústia, dores de cabeça, até a perda da capacidade de dar uma leitura. A leitura continua:

(Q) Pode este poder ser usado para ajudar a humanidade e também para obter ganho financeiro?

(A) Há muitos canais através dos quais a informação obtida deste corpo neste estado seria de assistência à humanidade. Obter ganho financeiro com isto é obter aquilo que é justo e direito para aqueles dependentes deste corpo para as coisas da vida. Nota aqueles que seriam destrutivos para os próprios corpos, física ou mentalmente, mas aquilo que lhes pertence por direito deve ser obtido por tal informação. Quanto a qual é o melhor canal, depende de se a informação desejada está de acordo com as ideias do corpo de onde tentam obtê-la. Quando se dá crédito ao trabalho de maneira material, qualquer um está disposto a pagar financeiramente por tal informação; mas sem crédito nada pode ser obtido. 254-2

As finanças eram frequentemente uma grande preocupação para a nossa família e para aqueles que trabalhavam com Edgar Cayce. Numa leitura para Vincent Lopez, de trinta e cinco anos, maestro musical, a 14 de agosto de 1931, no Hotel Victoria em Nova Iorque, foi perguntado a Edgar Cayce:

(Q) Porque não impedem as Forças o constante aborrecimento financeiro para ele?

(A) Que tenha sido estabelecido um padrão monetário por muitos como aquilo que tem valor ou é sucesso, indica as vibrações assim como o propósito de tal. Não pela força nem pelo poder, mas pela «Minha Palavra». Não que o homem viva só de pão, mas por toda a palavra que é uma promessa para esse homem pelo ou das Forças Criadoras, ou Deus. Aquilo que um homem adora, isso o homem torna-se.

(Q) Quais são as revelações quanto ao motivo de ele estar em dificuldade?

(A) Nenhuma dificuldade existe na alma do homem. Existe dificuldade nas mentes de indivíduos que, com medidas monetárias, veem todas as forças impedidas quanto ao seu conceito de sucesso. 2897-4

Numa leitura previamente citada para um corretor da bolsa de quarenta e seis anos, a 20 de junho de 1944, em Virginia Beach, Edgar Cayce disse:

Não permitas então que te tornes tão materializado na mente que os juízos sejam medidos apenas pela régua material das realizações materiais. Pois de que aproveita a um homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua própria alma? Ou o que ganharias em troca da consciência da tua alma, para que possas saber que a vida é de facto eterna; e não é então tudo na vida viver, nem tudo na morte morrer. 3436-2

Na leitura previamente citada, 254-2, a 19 de março de 1919, em Selma, Alabama, foi perguntado a Cayce:

(Q) Há alguma outra informação que este corpo [Edgar Cayce] deva ter agora?

(A) Este corpo deve manter-se próximo do lado espiritual da vida; com sinceridade para o lado espiritual da vida, se quiser ser bem-sucedido mental, física, psiquicamente e financeiramente.

A brace (apoio) mais segura está na natureza espiritual do corpo; a sinceridade do trabalho feito ou obtido através de qualquer canal com que este corpo esteja conectado é governada pelas massas através da ação do corpo em direção ao espiritual. 254-2

Nota a frase: «A brace mais segura está na natureza espiritual do corpo...» (254-2)

Foi por isso que o Pai se concentrou em servir a sua família, amigos, igreja e comunidade. Foi por isso que passou tanto tempo a orar, a ler a Bíblia e a trabalhar no seu jardim.

Outras leituras afirmam que os talentos e as deficiências de Edgar Cayce foram desenvolvidos em vidas passadas; de facto, que os talentos e as deficiências de todos nós foram desenvolvidos em vidas passadas, um conceito que discutiremos mais adiante. Mas e quanto à capacidade de Edgar Cayce para dar uma leitura? Em que se concentrou ele para alcançar a sintonia necessária para ver aquele clarão de luz branca?

A clareza, profundidade, alcance e precisão de uma leitura eram afetadas pelo grau de sintonia pré-leitura dele. Outros fatores eram a necessidade, o desejo e a compreensão do buscador.

Considera um telescópio. O instrumento mais fino ficará desfocado se não estiver em foco. Durante uma leitura, Edgar Cayce estava sintonizado com o corpo mental do buscador. Daí que o consciente, subconsciente e supraconsciente do buscador fizessem parte disso. Assumir que isto era meramente mecânico, resultado de sugestão, seria simplificar em demasia.

Edgar Cayce também usava a sua própria mente consciente para se manter focado durante uma leitura. Tentava constantemente manter-se otimista e positivo. Tinha o hábito de não ler as perguntas preparadas para as leituras; não queria saber nada sobre a pessoa que pedia a informação; insistia que cada pessoa fizesse um pedido pessoal, porque acreditava que isso ajudava a estabelecer uma ponte mental; sempre encorajava os buscadores a manterem um estado orante e meditativo durante o período real da leitura. No entanto, por vezes os seus próprios sentimentos, como raiva ou doença, interferiam.

Edgar Cayce dizia que podia retirar-se do corpo físico tal como alguém se retira durante o sono e na morte. Estava então livre para se mover através destes níveis de consciência.

Podia sintonizar-se com o nível subconsciente de outra pessoa viva e desse nível descrever condições físicas do corpo desconhecidas da consciência física. Podia também sintonizar-se com níveis mais elevados de consciência — as aspirações, propósitos e desenvolvimento da mente-alma. Podia sintonizar-se com padrões de pensamento e formas-pensamento. Era daí que parecia extrair muita da sua informação geral sobre saúde.

Mas o que acontecia quando Edgar Cayce parecia comunicar com aqueles noutros planos de consciência? Quais são as leis que governam este tipo de comunicação? Com quem comunicava Edgar Cayce, e porquê?

Numa leitura a 9 de outubro de 1923, no Hotel Phillips em Dayton, Ohio, foi perguntado a Edgar Cayce:

(Q) Será possível a este corpo, Edgar Cayce, neste estado, comunicar com alguém que tenha passado para o mundo do espírito?

(A) O espírito de todos os que passaram do plano físico permanece à volta do plano até que o seu desenvolvimento os leve adiante ou sejam devolvidos para o seu desenvolvimento aqui; quando estão no plano de comunicação ou permanecem dentro desta esfera, qualquer pode ser comunicado. Há milhares à nossa volta aqui no presente. 3744-3

Numa leitura a 17 de janeiro de 1925, no Hotel Cambridge em Nova Iorque, Morton Blumenthal perguntou:

(Q) O que significa que as almas dentro desta esfera podem ser comunicadas pelo corpo, Edgar Cayce, no estado psíquico?

(A) Cada e toda entidade-alma, ou entidade terrena, passando pelo plano da Terra, irradia nesse plano aquelas condições que são irradiadas da alma ou entidade espiritual no indivíduo. Isto, então, torna-se o facto, o facto real, no mundo material. Quando o corpo, Edgar Cayce, na condição psíquica ou subconsciente, é capaz então de alcançar todas as mentes subconscientes, quando direccionado para tais mentes subconscientes por sugestão, quer no mundo material quer no mundo espiritual, desde que a entidade espiritual não tenha passado inteiramente para aquela condição em que a radiação, ou as forças relativas, sejam superadas por outras radiações. Então só alcançamos aquelas radiações deixadas no plano da Terra que são novamente tomadas ao entrar no plano da Terra, quer a entidade [esteja] consciente do mesmo ou não. A consciência de alcançar aquela condição em que o corpo físico possa tomar essa verdade conhecida deve ser alcançada por todos. Daí a expressão dada, o corpo, Edgar Cayce, na condição subconsciente, pode comunicar com aqueles que passaram para o plano espiritual.

(Q) Na realidade, então, o corpo, Edgar Cayce, no estado psíquico, comunica com pensamentos, e não com as próprias entidades espirituais.

(A) Com os pensamentos, e com a radiação como é dada. Então temos como ilustração desta condição no corpo, [900]. Temos, quando esta entidade entra no subconsciente, através do meio de pôr de lado a mente consciente, e a projeção do guia espiritual, o pai [de 900], os pensamentos, as impressões, como seriam dadas por essa entidade, entrando na subconsciência de [900]. Não a entidade espiritual tomar forma, salvo na subconsciência de [900].

(Q) Então, poderá o corpo, [900], o seu guia espiritual recuar para aquele ponto, ou posição, onde o corpo, [900], já não possa receber essas radiações?

(A) Não até que [900] supere essas radiações por criações nas radiações suas próprias, pois os pensamentos são ações, e todas as condições permanecem, como foi dado.

(Q) Essas radiações são como uma força vibratória no nosso plano da Terra, tal como onda de luz?

(A) Podem ser comparadas ao mesmo, mas da radiação espiritual, e não da radiação material; isto é, aquelas radiações que vêm da forma espiritual podem tomar forma na radiação vibratória de cor, ou luz, através da sintonia do indivíduo. 900-22

Numa leitura a 17 de março de 1927, em Virginia Beach, foi perguntado a Edgar Cayce:

(Q) É possível para aqueles que passaram para o plano do espírito comunicar em todos os momentos com aqueles no plano da Terra?

(A) Sim e não — pois estas condições são como foi descrito — que o modo ou via necessário deve ser preparado; pois como isto: Sempre houve aquela vibração que é atraída e lançada ativa no mundo como é exercida através do que é chamado telefone, mas sem ligação adequada, sem curtos-circuitos, sem qualquer perturbação, pode ser feita comunicação adequada! Estas nem sempre foram ativas para o corpo físico. Estas nem sempre estão em acordo adequado para serem usadas pelo corpo físico. Exatamente o mesmo nesse padrão. Aqueles no plano astral nem sempre estão prontos. Aqueles no plano físico nem sempre estão prontos. Que condições surgem (é perguntado) para que nós no plano físico não estejamos prontos? A mente! Que condições surgem para que nós no plano astral não estejamos prontos? Há os mesmos elementos como foi delineado, daquele desenvolvimento que está a ocorrer, e da vontade desse indivíduo em comunicar, como foi dado, percebes? mas quando corretamente ajustado, estes podem — até [que tenham] passado para essa Unidade, ou regressado novamente, ou ido além de tais comunicações.

(Q) Que coisa física pode um indivíduo fazer para ser capaz de comunicar com aqueles que passaram para o plano do espírito?

(A) Põe de lado a mente carnal ou sensível e deseja que aqueles que usariam essa mentalidade, essa alma, para o seu veículo de expressão, o façam da maneira escolhida por essa alma; pois alguns comunicam em ato, em visão, em movimento, em voz, em escrita, em desenho, em falar, e nas várias forças como são manifestas — pois a força é uma força única. 5756-4

15

POSSESSÃO

Uma vez, entre o secundário e a universidade, passei alguns anos a fazer ioga. Não tinha professor; comecei com um, mas decidi que era muito mais rápido do que isso. Conseguia fazê-lo sozinho com alguns livros. Passei muito tempo e energia nisso. Os meus pensamentos estavam no lugar certo e também os meus sonhos. Ótimo. Então forcei-me. Um dia, encolhido no meio do chão, no meu quarto em Virginia Beach, de repente algo clicou. E estava fora do meu corpo.

Estava muito longe do meu corpo. Sabia que o meu corpo estava atrás de mim, sentado ali, encolhido no chão, e eu tinha as costas viradas para ele, e estava muito ao fundo de um túnel escuro — um túnel horrivelmente escuro, opressivamente escuro. E havia este monstro — não muito agradável de ver — algo como uma ameba, uma massa gelatinosa e pegajosa. Mas magnificada. E aproximava-se do meu corpo, com a intenção de o engolir, possuí-lo, tomar conta dele. À medida que se aproximava do meu corpo, aproximava-se de mim ao mesmo tempo. E eu queria tentar pará-lo e comecei a recuar, e era este sonho horrível de medo, movimento, dor intensa e sofrimento, daquela Coisa a aproximar-se cada vez mais — eu a recuar, recuar, recuar. Usei todas as afirmações, tudo o que sabia para manter aquela Coisa afastada enquanto recuava. E só ao nomear o Nome consegui detê-la de algum modo.

Depois, clic, estava de volta ao meu corpo. E sabia o que tinha estado a ver — todos os pensamentos vis, toda a negatividade que eu tinha despejado talvez durante muitas vidas — ali mesmo à minha frente. Estava a olhar para mim mesmo — para aquilo que eu próprio tinha criado.

Até esse dia nunca tinha estado nesse nível de consciência, ou nesse plano, e nunca mais quero lá voltar. Já tive o suficiente.

Foi uma boa experiência para mim, porque me levou a um padrão diferente de busca.

Penso que todos nós, de vez em quando, acrescentamos a esses monstros à nossa volta. Os nossos medos são realmente reflexos das imagens-pensamento que criamos, e estão mesmo ali, dentro de nós, pregados na parede desse plano de consciência que visitei nesse dia.

A possessão é considerada por alguns como uma condição que pertence apenas aos tempos bíblicos. As leituras refutam isso e dão avisos definidos sobre como evitá-la.

Numa leitura a 26 de março de 1936, em Virginia Beach, para um psicólogo de trinta e cinco anos, foi afirmado:

Daí haver muitas fases, muitos caracteres da manifestação de forças psíquicas no mundo material. Há aquelas influências de fora do véu que procuram — procuram — para que possam encontrar uma expressão, para que possam ainda ser uma porção desta evolução na Terra, sem considerar o seu estado presente. E estas trazem turbulência, contenda. 1135-2

Numa leitura previamente citada a 30 de maio de 1938, em Virginia Beach, Edgar Cayce disse a uma dona de casa de quarenta anos, de origem católica:

Não aconselharíamos daqui a ninguém a ser guiado por influências de fora. Pois o reino é de dentro! 1602-1

Para alguns casos Edgar Cayce citou o uso imprudente do poder psíquico em vidas passadas. Abaixo reuni onze casos de possessão de dificuldade variada, com diagnósticos das leituras.

(1) 1572 — Não conseguia dormir; incomodada por pequenos anões a rastejar por todo o lado; enquanto dormia, acredita ser um homem em busca de gratificação sexual; foi a médicos de bruxaria a tentar ser «despossuída».

Leitura — Perturbação glandular; descoordenação entre o sistema nervoso cerebrospinal e o simpático; pressões na região lombar, na parte inferior dorsal e na extremidade inferior da coluna, a sobreestimar forças glandulares relacionadas com o plexo no próprio osso púbico. Esta condição não é possessão.

(2) 4787 — Alucinações. Leitura — Lesões na área pélvica. Não é possessão.

(3) 1183 — O marido bebia muito. Leitura —

(Q) O que o faz perder o controlo de si mesmo?

(A) Possessão...

(Q) Em relação ao meu marido, o que significa «posseção»? (

A) Significa posseção!

(Q) Isso significa por outras entidades, enquanto sob a influência do álcool?

(A) Por outros enquanto sob a influência que causa essas reações e provoca o antagonismo, e a própria mudança das atividades. ... se houvesse um período suficiente de abstenção do uso de estimulantes alcoólicos e fossem usados tratamentos elétricos de diatermia, estas condições seriam expulsas! Mas não usem o mesmo com os efeitos do álcool no sistema — seria prejudicial! 1183-3

(4) 3380 — Dores de cabeça severas; incapaz de dormir. Leitura — Resultado de lesão; condição psicológica de natureza invulgar. Aqui há a tentativa de posseção durante períodos em que o corpo relaxa.

(5) 3421 — Mulher descreveu «uma criatura» que a atacava; como vista por clarividentes, um enorme polvo, que produzia reações nervosas violentas, sacudidelas do corpo e dor severa. Tinha visitado todo o tipo de médicos e trabalhado com várias organizações metafísicas sem alívio. Leitura — Encontramos que houve a abertura da glândula Lyden [Leydig?], de modo que as forças kundalini se movem ao longo da coluna até aos vários centros que se abrem com esta atitude, ou com estas atividades das forças mentais e espirituais do corpo — muito da mesma maneira como poderia ser ilustrado no feto que se forma a partir da concepção. Estas naturalmente tomam forma. Aqui estas tomam forma, pois não foram, na sua concepção, postas num uso definido. A reação psicológica é muito como a que pode ser ilustrada em alguém que ganha muito conhecimento sem fazer aplicação prática dele. Forma então os seus próprios conceitos. Agora combinamos estes dois e temos aquilo indicado aqui como uma posseção do corpo; roendo, por assim dizer, em todos os sete centros do corpo... 3421-1

Foi aconselhado o uso de compressas sobre a área dos ovários e correções osteopáticas na área do cóccix. A segunda leitura indicou melhoria. Contém também uma referência interessante: ... o corpo permite-se deslizar

de volta para essa consciência para ser controlado pela formação daquilo que é como uma possessão positiva — mas uma criação do próprio eu mental e físico. 3421-2

(6) 422 — Alucinações; ouvia vozes. Leitura — Indicado que o indivíduo tinha sido curioso sobre fenômenos psíquicos, tinha brincado com eles. Noutra vida, esta entidade usara poder oculto para controlar outros. Isso poderia levar a possessão nesta vida, a menos que corrigido.

(7) 386 — Alucinações; ouvia vozes; fala nervosa. Leitura — Causado por choques e supressão, do oitavo ao décimo segundo ano. Não é possessão.

(8) 3000 — Mulher preocupada com influência que tentava adormecê-la à noite. Leitura — Recomendado o uso de aparelho elétrico de baixa voltagem. A influência não podia trabalhar através das forças elétricas baixas. Quando perguntada a origem desta influência, a leitura indicou que resultava de tentativas de outros em se imporem sobre a entidade. A pessoa que recebeu esta leitura também sofria de deficiência sanguínea.

(9) 3662 — Considerada um caso maníaco-depressivo; num instituto quando a leitura foi dada. Leitura — ... a menos que sejam feitas as correções adequadas, eventualmente deve haver causada uma possessão completa... há aquelas pressões existentes no cóccix, e nas áreas lombares inferiores e sacrais, que impediram e impedem o fecho normal da glândula lyden [Leydig]... 3662-1

(10) 5405 — Colapso mental; tratamentos de choque; insulina; instituição. Leitura — Demência precoce. Sem obsessão, sem possessão.

(11) 5221 — Nervosismo; hipersensibilidade. Leitura —

(Q) Como aconteceu eu ter apanhado isto?

(A) ... o corpo no seu estudo abriu os centros e permitiu-se tornar-se sensível a influências externas.

(Q) O que é exatamente que me assalta?

(A) Influências externas. Entidades desencarnadas. 5221-1

Mesmo sendo apenas estes onze casos, são impressionantes. Reconhecem a possessão como uma possibilidade distinta e sugerem formas de eliminar o perigo: manter o corpo físico em bom estado — livre de

perturbações glandulares e de lesões na parte inferior da coluna; manter o sangue livre de deficiências, como hemoglobina baixa, glóbulos brancos deficientes e taxa de sedimentação anormal — tudo o que pode ser detetado por um médico.

Devo também enfatizar que sintomas semelhantes estão presentes tanto na possessão como em perturbações físicas que parecem possessão. Nota a estreita relação entre as áreas inferiores da coluna e as glândulas endócrinas (lyden e gónadas) na parte inferior do corpo.

A possessão pode evidentemente incluir não só influências do que os teosofistas chamam «astral inferior», mas também influências de formas-pensamento criadas pelos próprios indivíduos nesta e noutras experiências de vida. Pode traçar-se aqui uma linha fina, e não se deve saltar para conclusões. Os sintomas sozinhos não podem ser a base; alguns dos casos descritos acima mostram mais sinais de possessão do que outros.

Numa leitura a 25 de novembro de 1936, na casa de David Kahn em Scarsdale, Nova Iorque, um engenheiro elétrico de quarenta e dois anos perguntou:

(Q) Para avançar o meu trabalho na possível receção rádio de mensagens cósmicas, devo tentar treinar-me em escrita automática, ou usar um médium?

(A) Como foi indicado, em vez de escrita automática ou um médium, volta-te para a voz interior! Se isto então encontrar expressão naquilo que possa ser dado ao eu pela mão, por escrito, está bem; mas não que a mão seja guiada por uma influência fora de si mesma. Pois o universo, Deus, está dentro. Tu és Dele. A tua comunhão com as forças cósmicas da natureza, a tua comunhão com o teu Criador, é o teu direito de nascimento! Não te contentes com nada menos que caminhar com Ele! 1297-1

Numa leitura do Search for God a 7 de agosto de 1932, em Virginia Beach, um membro do grupo perguntou:

(Q) [2125]: Disseste-me que qualquer um podia fazer escrita automática. Podes por favor dizer-me como a posso desenvolver?

(A) Pela prática. Senta-te sozinho com lápis e papel, e deixa que o guia que possa ser procurado — ou que possa vir — dirija. Virá. Qualquer um pode; mas é o melhor? Pode ser a pergunta. Isto pode ser melhor apenas

quando rodeares o teu eu com aquelas influências que possam trazer apenas aquelas de forças construtivas. 262-25

Numa leitura a 20 de junho de 1934, em Virginia Beach, para um grupo da A.R.E. que considerava um artigo sobre escrita automática, Cayce disse:

Quanto às atividades do que pode ser chamado canais através dos quais os indivíduos podem receber escritos inspiracionais ou automáticos, o inspiracional é o maior das atividades — mas pode participar tanto das coisas terrenas como das celestiais, enquanto o automático pode participar apenas daquela fonte ou força que está a impelir, guiar ou dirigir. O inspiracional pode desenvolver a alma do indivíduo, enquanto o automático raramente pode ir além da força que está a guiar ou dirigir. Para alguns isto é satisfatório. Assim como satisfazer forças carnis é satisfatório para alguns. Assim como aquelas coisas por um momento apenas gratificantes ao extremo. Mas aquele que conhecerá o melhor encontrará que a alma da entidade deve estar na atitude de procurar, bater, e em sintonia com aquilo que desejaria receber. E assim pode a alma — quer deste, daquele ou do outro canal de atividade através das experiências da alma ao encontrar expressão em quaisquer relações com aquelas coisas que possam ser para desenvolvimentos do mesmo – encontrar, ao procurar através das suas relações com o seu Criador, aquilo que fará para o maior desenvolvimento. 5752-4

Numa leitura a meu pedido enquanto gestor da A.R.E., a 16 de dezembro de 1936, em Virginia Beach, Edgar Cayce disse:

Pois não consideres por um momento... que uma entidade-alma individual passando de um plano terreno como católica, metodista, episcopaliana, é outra coisa porque está morta! É apenas uma episcopaliana, católica ou metodista morta. E tais personalidades e as suas tentativas são as mesmas; apenas o ideal! Pois todos estão sob a lei de Deus iguais, e como disse Ele mesmo em relação ao lar? «Não se casam nem são dados em casamento no lar celestial, mas são um!» 254-92

Numa leitura de vida previamente citada a 29 de janeiro de 1944, em Virginia Beach, foi dito a um joalheiro e optometrista de cinquenta e oito anos:

Sê sincero contigo mesmo e outras influências externas, mesmo entidades desencarnadas com e através das quais possas obter muito, serão sinceras contigo. 3657-1

As pessoas perguntam-me frequentemente se ouvi falar de Edgar Cayce desde que ele morreu. A resposta é sim. Tive muitos sonhos sobre ele. Sobre Gertrude, também.

Tive uma experiência que envolveu a minha mãe, do tipo que realmente te abala. Se tiveste algo que mesmo vagamente se assemelhe a isto, ficas a pensar nisso durante muito tempo.

A minha mãe, antes da sua morte, tinha tido uma leitura de vida do meu pai. Nela ele deu-lhe um selo de vida. É uma placa que parece um brasão de armas, um conjunto de símbolos que ele sugeriu que ela mandasse pintar e colocar onde pudesse ver, porque falaria ao seu inconsciente. Sabes, como uma bela cena numa janela de vitral de igreja, ou um cálice no altar, ou uma cruz, ou uma pomba e um ramo de oliveira, ou todas aquelas coisas que usamos como símbolos.

Nesse selo de vida havia duas rosas vermelhas — caules cruzados. A mãe mandou pintar o seu selo de vida. As leituras diziam que para ela essas rosas vermelhas simbolizavam os seus dois filhos — o meu irmão e eu. Ela gostava desse selo de vida, colocou-o e mantinha-o perto dela. Assim foi quando veio a Segunda Guerra Mundial, e eu parti; e enquanto eu estava no estrangeiro, ela morreu, e o meu pai morreu.

Quando regressei, Florence Edmonds, uma amiga próxima da minha mãe, disse: «Hugh Lynn, tive um sonho muito interessante sobre a tua mãe, e ela disse-me no sonho para te dizer que, quando comunicasse contigo, te daria duas rosas vermelhas.»

Isto é muito interessante, porque, se recebes esse tipo de identificação para Alguém, é como uma senha. Se alguém está do lado de fora de uma porta e dá-te a senha certa, abres e deixas entrar. Mas se não sabes quem está do outro lado da porta, não abres até olhares pelo olho mágico ou fazeres perguntas.

Assim, tinha uma senha para Gertrude Cayce — algo que ela usaria para comunicar.

Passaram anos, e recebi comunicações de toda a gente debaixo do sol. Todos pensavam que tinham falado com Edgar Cayce. Falavam com ele através de escrita automática e tabuleiros Ouija. Falavam com ele através de médiuns, e falavam com ele em sonhos. Falavam com ele de todas as formas, e recebi centenas delas! De Gertrude Cayce, também! Mas não tinha recebido nenhuma rosa vermelha, e a informação não parecia precisa ou muito útil.

Cerca de vinte e cinco anos depois da morte da Mãe, um homem telefonou um dia de uma grande cidade do leste e disse: «Sr. Cayce, a minha mulher tem tido muitos problemas, e quer falar consigo. Mas devo explicar. Ela pegou num tabuleiro Ouija há cerca de um ano, e do tabuleiro Ouija passou para escrita automática, e da escrita automática começou a ouvir vozes. Começaram a incomodá-la e a assustá-la, e então foi a um médico. Ele internou-a numa instituição mental e deu-lhe tratamentos de choque e coisas do género; ela está agora em casa novamente, e ainda ouve as vozes, mas não está a dizer ao médico. Está a ouvir estas vozes, e acha que o senhor pode dizer-lhe o que elas estão a dizer. Algumas são horríveis. Ela escreve isso. É como lixo. É terrível. Estamos a passar por um mau bocado em casa. Fala com ela?»

Eu disse: «Claro», e marcámos uma hora em que o marido devia telefonar de volta.

Assim, às três da tarde desse dia, o telefone tocou, e ele disse: «Estarei na outra linha, e corto-a quando quiseres desligar, porque estas vozes não param e ela não desliga.»

Então ele colocou-a na linha e ela começou a contar-me o que estava a ouvir. O marido tinha razão — era lixo. Era muito como se estivesse na esquina de uma grande cidade e escutasses as conversas de toda a gente que passa — toda a gente! Algumas, sabes, eram bastante horríveis. Algumas eram profecias de destruição terrível, e algumas eram poesia tosca, ditados simples, bocados e pedaços. Como se milhares de pessoas estivessem a falar com ela.

Enquanto escutava, comecei a orar por ela.

Bem, ela falou e eu orei durante dez ou quinze minutos, e de repente ela disse: «Sr. Cayce, a sua mãe diz para lhe dar duas rosas vermelhas.» E desligou.

Três dias depois, o marido telefonou de volta e disse: «Sr. Cayce, queremos ir vê-lo. Sabe que desde que a minha mulher falou consigo, desde que ela lhe disse que a sua mãe lhe estava a dar duas rosas vermelhas, ela não ouviu mais nenhuma voz. Está curada.»

Bem, eles vieram ver-me, sabes, dois dos membros mais simpáticos da A.R.E. que alguma vez poderás ver.

Então, o que funcionou aqui para acabar com a possessão desta mulher? A oração, certamente. Também, talvez, um pouco de ajuda da Mãe do outro lado.

16

ANJOS, GUIAS, IDEAIS E O CRISTO

ANJOS

Numa leitura a 17 de junho de 1933, para cerca de trinta pessoas presentes no segundo Congresso da A.R.E. em Virginia Beach, foi perguntado a Edgar Cayce sobre anjos e arcanjos. Ele respondeu:

Com a introdução na criação das formas manifestadas, veio aquilo que tem sido, é e sempre será, o reino espiritual e os seus atributos — designados como anjos e arcanjos. São as manifestações espirituais no mundo espiritual daqueles atributos que as forças em desenvolvimento atribuem à Única Fonte, que podem ser vistos nos planos materiais através das influências que podem ajudar no desenvolvimento das forças mentais e espirituais através de uma experiência — ou na aquisição de conhecimento que pode ajudar na interação uns com os outros. 5749-3

Um agente de seguros de vida, de trinta e quatro anos, numa leitura de negócios em Virginia Beach a 21 de fevereiro de 1934, perguntou a Cayce:

(Q) Há algum indivíduo ou grupo que eu deva procurar contactar...

(A) ... Não quanto a quem; pois, como tantas vezes foi dado, sede atentos em toda a associação e maneira quando recebeis estranhos, pois muitas vezes recebestes anjos sem o saberdes. 520-3

Nota que Edgar Cayce afastou este homem de indivíduos e grupos conhecidos para quem quer que ele pudesse encontrar — estranhos — e anjos — ampliando assim o seu âmbito.

Uma dona de casa protestante de vinte e um anos, numa leitura a 9 de junho de 1934, em Virginia Beach, perguntou:

(Q) Para que vocação estou melhor preparada?

(A) Para a maior vocação de todas — o lar.

(Q) Como posso melhor preparar-me para ela?

(A) Olha para dentro e sabe que o teu eu está em acordo, em sintonia, com aquilo que Ele deu como o melhor caminho para tais atividades. Pois as Suas bênçãos, as Suas ações foram como Ele deu: «Vou preparar-vos um lugar, para que onde Eu estiver vós também estejais.» Então, no lar, prepara tal que todos os que possam entrar — o estranho, o inimigo, o amigo e o irmão — possam encontrá-lo um lugar alegre, um onde muitas vezes desejem estar. Pois aqueles que receberam outros muitas vezes receberam anjos sem o saberem. 578-2

Uma referência a anjos da guarda vem de uma leitura de vida para um soldado que foi dado como morto no campo de batalha durante a Primeira Guerra Mundial. Teve uma estranha experiência de ser ajudado.

No anjo que se inclinou no campo, no caminhar pelo jardim com a sombra à volta do mesmo — a entidade estava a ser guiada, ou guardada, ou protegida, para que aquilo que tinha sido prometido desde os fundamentos do mundo fosse para cada indivíduo: «Se fordes o Meu povo, Eu serei o vosso Deus.» Aquele que caminha na luz, e propõe no seu coração fazer, ser, aquilo que as Forças Criadoras desejariam que um fosse, não será deixado sozinho! Pois ainda que caminhe pelo vale da sombra da morte, o Seu braço, a Sua mão, dirigirão os teus caminhos. 909-3

O Grupo de Oração e Cura Glad Helpers, a estudar o Livro do Apocalipse em Virginia Beach, a 17 de fevereiro de 1937, perguntou:

(Q) O que significa o símbolo do anjo com o turíbulo de ouro e o incenso descrito em Ap 8:3-5?

(A) Como a influência é visualizada na experiência de cada alma pelo nome como implícito em «anjo», ou o bem que sai da alma individual nas suas relações com as influências ou forças à sua volta, assim é chamado ou dado como o anjo com o turíbulo das atividades que emanam de cada indivíduo. E como foi dado noutras ilustrações, aquilo que sois — de bem — eleva-se sempre como incenso, doce perante o trono da misericórdia. Ou, recuando,

por assim dizer, e tomando o anjo com o turíbulo, com o incenso que está perante a imagem de uma alma que procura tornar-se uma com as Forças Criadoras ou Deus — aquilo que tem sido bondoso, gentil, paciente, misericordioso, longânime na experiência do eu durante um dia, eleva-se perante o trono do assento da misericórdia dentro do eu para um incenso de satisfação. Porquê? Ódio, falta de bondade, dureza, tudo isso torna-se base na própria experiência, e como de costume um condena-se a si mesmo dizendo: «Por que não consigo fazer isto ou aquilo?» E «Para que serve?» Bem — e o turíbulo quebra-se! 281-30

Numa leitura a 25 de janeiro de 1936, em Virginia Beach, foi dito a um químico cristão que trabalhava num laboratório de perfumes e cosméticos:

O que traz as várias fragrâncias para a experiência do homem? A lavanda alguma vez fez associações corporais? Antes tem sido sempre aquilo sobre o qual os anjos de luz e misericórdia levariam as almas dos homens para um lugar de misericórdia e paz, no qual poderia ser experimentada mais a glória do Pai. 274-10

Numa leitura a 21 de novembro de 1933, em Staten Island, Nova Iorque, foi dito a uma arpista de vinte anos, protestante, que perguntou como se sintonizar com as Forças Criadoras através da música:

Vê, através do eu intuitivo, o espírito daquilo que impeliu o gravador das notas ou da música, e então desperta em ti aquilo que fará períodos em que não de ti, mas antes como de anjos no coro dos serafins será a atividade; antes como do espírito da verdade. Pois, sabeis bem que o Príncipe da Paz foi Ele próprio um arpista! 275-35

Numa leitura previamente citada dada em Nova Iorque a 22 de janeiro de 1934, para um executivo de quarenta e seis anos, espiritualista, Edgar Cayce disse:

Pois, como foi dado, quando tiveres mostrado no teu coração a tua vontade de ser guiado e dirigido pela Sua força, Ele dá aos Seus anjos ordem acerca de ti para que te sustentem e impeçam os tropeços que vêm aos filhos das Forças Criadoras entre os filhos dos homens. 423-3

Enquanto escreviam a lição do Search for God «Qual é o Meu Ideal?» com o Grupo de Estudo #1 de Norfolk, a 10 de janeiro de 1932, Edith Edmonds, que tinha sido informada de que fora Marta, irmã de Lázaro no tempo de Jesus, perguntou sobre um sonho:

(Q) ... Estava num barco, suspensa bastante alto do convés, aparentemente numa rede que balançava para a frente e para trás sobre o lado do convés. Percebi que havia um oceano por baixo e, se fosse lançada fora, qual seria o resultado. Depois vieram as palavras: «Não seja feita a minha vontade, mas a Tua, ó Senhor.» Então vi, como me pareceu, nos céus um belo anjo vestido de branco. Por favor interpreta.

(A) Como visto, uma visão emblemática do próprio despertar do eu para as condições à sua volta, aquelas associadas ao eu, e a fonte de ajuda e auxílio que pode vir através dos esforços combinados daqueles como indicado pelo carácter do grupo, e pelo carácter da rede ou barco como visto. Num mar, ou labirinto, há muitos. À medida que a luz branca da verdade se manifesta nos corações e almas de muitos, virá paz, harmonia, contentamento, alegria de serviço a todos. 262-9

GUIAS

Numa leitura a 8 de janeiro de 1934, em Virginia Beach, uma mãe de quarenta e cinco anos, membro de clube, líder social e teosofista, perguntou:

(Q) Cada alma tem um guia individual?

(A) Cada alma tem sido dada, demos que cada alma tem um guia individual — mas mais frequentemente tal surge ou se desenvolve pela escolha. Como foi dado: «Está posto diante de ti a vida e a morte, o bem e o mal — escolhe tu.» Mas é igualmente verdade: «Os Seus anjos receberam ordem acerca de ti.»

(Q) Quem é o meu professor pessoal mais elevado?

(A) Isso deve ser procurado antes por ti do que dado mesmo daqui. Pois, ao nomeares o Nome — isto para a alma deve significar, e significa, aquilo que não deve ser falado.

(Q) Os ensinamentos de Krishnamurti são os mais elevados? [Jiddu Krishnamurti, n. 1897 em Adyar, Madras, Índia (Centro da Sociedade Teosófica)]

(A) Os mais elevados que Krishnamurti pode dar!

(Q) São os mais elevados que estão a ser dados hoje?

(A) Dependente de quem é o juiz, e quem e o que é o ideal — como está posto. Estes são elevados — muito elevados. 443-3

Krishnamurti rompeu com a Sociedade Teosófica em 1927-29, devido a uma expectativa messiânica que sentiu ali. Os editores dos seus livros em 1953-54 comentaram: «Foi educado em Inglaterra desde criança. Seguiu Gurus hindus, mas chegou a novas interpretações. Era amplamente conhecido em três continentes como autor e orador de clareza e apelo excepcionais.»

Numa leitura em Nova Iorque a 22 de janeiro de 1934, para um executivo de quarenta e seis anos, espiritualista, foi dada esta informação:

(Q) Por favor dá o nome e a história do guia espiritual mais elevado atribuído à minha esposa e a mim.

(A) Estes devem ser melhor procurados em ti mesmo. Não que não possam ser dados, pois estão presentes contigo nas tuas atividades; mas «Qual é o teu nome?» que foi procurado por outros, e como a resposta veio então, «O que significam estas experiências na tua vida?» assim pode o nome vir a ti, mesmo como veio a Elcana [Elkanah — 1 Sam. 1:21; marido de Ana, pai de Samuel] enquanto oferecia o sacrifício, enquanto oferecia carne — pois ele é o teu guia.

(Q) Tem ele alguma instrução quanto ao nosso contacto com ele?

(A) Procura e encontrarás. Põe em aplicação aquilo que sabes dia a dia, pois é linha sobre linha, preceito sobre preceito, aqui um pouco e ali um pouco que reúnes aquelas forças que fazem para a maior manifestação material daquelas influências na tua experiência diária que podem trazer-te à consciência, à compreensão daquelas forças que te ajudariam. 423-3

A 19 de setembro de 1931, em Virginia Beach, ocorreu este diálogo entre um agente ferroviário de vinte e nove anos, protestante e rosacruz, e o Edgar Cayce adormecido:

(Q) Quem está a dar esta informação?

(A) Aquele mesmo que esteve na posição para a entidade como guia, e auxiliar, e aquele que pode ser denominado o guardião das atividades desta entidade — Demétrio...

(Q) O que é Demétrio no presente?

(A) O anjo da guarda do corpo. Como ele esteve e raciocinou com Paulo, novamente como esteve como auxiliar de Paulo no mundo espiritual. Esta entidade em sintonia com aquilo que foi dado por esta entidade como mensageiro no Egito — pois Demétrio ali, novamente, o irmão e o auxiliar na carne. 311-6

Parece que o anjo da guarda deste homem era uma entidade noutra nível de consciência, mas tinha sido um irmão numa encarnação anterior. Os laços entre eles jazem no reino mental e relacionam-se com ideias, ideais e propósitos. Isto reforça o conceito de que estamos muito mais intimamente relacionados com almas no reino da mente do que poderíamos pensar ordinariamente. Tais relações existiriam entre entidades tanto dentro como fora de corpos físicos. O termo anjo, a propósito, neste caso é usado para descrever uma alma protetora, não estritamente um ser celestial.

Numa leitura previamente citada a 8 de janeiro de 1934, em Virginia Beach, uma mãe de quarenta e cinco anos, membro de clube, líder social e teosofista, perguntou:

(Q) Quão elevado é esta fonte [de] informação...

(A) Das forças universais, e como emanada através do professor que dá o mesmo — como um que tem sido dado — Halalíel. 443-3

Halalíel será discutido no próximo capítulo.

IDEAIS

Numa leitura em Virginia Beach a 8 de fevereiro de 1934, um engenheiro elétrico de vinte e três anos, estudante e cristão, perguntou a Edgar Cayce:

(Q) Achas que não conheço o meu ideal?

(A) ... Aquilo que fizeste é adorável, mas sabes em que é adorável? Na tua própria mente, ou na glória a Deus? No desenvolvimento do teu eu, ou na exaltação ou nas atividades do eu? Pois não é engrandecimento egoísta — não, meu filho, nenhum propósito egoísta entra nisso; mas que a tua mão direita não saiba o que faz a tua mão esquerda. O que significa isto? Que, passo a passo, seguirás nos caminhos como Ele te abriu diante de ti. Pois, acima de tudo, mantém o teu equilíbrio no espírito, na verdade, no corpo, na mente, como te foi dado; senão poderás perder o teu caminho! Mas coloca-te

nessa posição onde Ele possa dar aos Seus anjos ordem acerca de ti, e nunca «Vamos ver o que acontece.» 440-14

Numa leitura a 31 de dezembro de 1943, em Virginia Beach, Edgar Cayce disse a uma mulher de cinquenta e nove anos, funcionária de escritório:

Vive, então, de tal modo que, ao passar desta fase particular da tua experiência — no que o homem chama morte — as tuas capacidades possam ainda ser criativas nas mentes, corações e atividades dos outros, mesmo até à terceira e décima geração quando possas novamente entrar e desfrutar dessas relações que ansiastes ou procurastes e aparentemente perdestes nesta experiência... 3611-1

Noutra leitura, a arpista de vinte anos [275], que tinha sido informada de que podia desenhar selos de vida, pediu ajuda com a meditação a 12 de dezembro de 1933, em Virginia Beach. Foi-lhe dito:

Antes referiríamos o corpo-mente àquilo que foi dado sobre como abrir o eu na meditação, e o que acontece fisicamente; quanto a como o corpo escolhe esse modo de limpeza, física, mentalmente, e como o corpo se rodeia com essa consciência de que os Seus anjos receberam ordem acerca de ti. 275-36

Numa leitura de vida para uma dona de casa de trinta e nove anos a 23 de novembro de 1943, em Virginia Beach, Edgar Cayce disse:

Não coloques nada antes do propósito divino dentro de ti. Pois tudo o que cada alma pode conhecer do Criador é aquilo que responderá ao espírito da verdade enquanto a entidade lida com os problemas do dia. Pois é aqui um pouco, ali um pouco. O propósito de Deus é sempre crescimento. Pois cresceis em graça, em conhecimento, em compreensão. E isto podeis realizar aqui e agora. Tendes uma vontade própria, por vezes adamantina quanto ao que os outros dizem ou fazem. E no entanto é na paciência que deveis aprender nesta experiência. Não é uma coisa passiva. A paciência não é uma coisa passiva, é um princípio ativo nos ideais e propósitos de cada alma. 3416-1

Numa leitura a 5 de março de 1933, Minnie Barrett do Grupo de Estudo Search for God #1 de Norfolk, durante a lição «O Senhor Teu Deus É Um», perguntou:

(Q) ... Por favor diz-me com quem estava a falar na manhã de 3 de fevereiro e exatamente porque estou a ter esta experiência.

(A) Como dado, não tenhais medo quando se diz: «Sou Eu.» Antes, então, as experiências necessárias para tornar consciente dentro da consciência do eu como o eu interior pode ser controlado por aqueles poderes, aquelas influências, que uma entidade, um indivíduo, entretém. Não seiais desatentos ao facto de que recebestes estranhos que vêm a ti na tua consciência, que alcança o eu interior e as esferas cósmicas; pois anjos são muitas vezes recebidos. Então, vesti e alimentai-os apenas com as palavras e as atividades do espírito da verdade, e através do mesmo podem vir aquelas experiências que há muito procurastes; pois o tempo está próximo. 262-40

O CRISTO

A 6 de agosto de 1933, em Virginia Beach, numa leitura especial sobre Jesus, Minnie Barrett perguntou:

(Q) Jesus, o Cristo, está em alguma esfera particular ou está a manifestar-se no plano da Terra noutro corpo?

(A) Como acabámos de dar, todo o poder no céu, na terra, é dado Àquele que venceu. Daí Ele ser de Si mesmo no espaço, na força que impele através da fé, através da crença, na entidade individual. Como uma Entidade Espiritual. Daí não num corpo na terra, mas pode vir quando quiser àquele que quiser ser um com, e age em amor para tornar o mesmo possível. Pois Ele virá como O vistes ir, no corpo que ocupou na Galileia. O corpo que Ele formou, que foi crucificado na cruz, que ressuscitou do túmulo, que caminhou junto ao mar, que apareceu a Simão, que apareceu a Filipe, que apareceu a «Eu, até João». 5749-4

Seria este o discípulo amado, João? Os presentes assumiram que sim. Ecoava as palavras de Cayce ao começar a leitura:

Sim, temos o grupo aqui reunido; e o seu trabalho, os seus desejos. Procuraremos aquilo que pode ser dado neste momento. «Eu, João, gostaria de falar contigo acerca do Senhor, o Mestre, enquanto caminhava entre os homens. Como dado, se tudo o que Ele fez e disse fosse escrito, suponho que o mundo não conteria tudo o que pode ser dito.» 5749-4

Minnie Barrett continuou:

(Q) Onde quer que Ele esteja, como posso contactá-Lo para que O possa ver e ouvir falar?

(A) Fazer a vontade do eu uma com a Sua vontade faz uma sintonia completa com Ele. Ele falará contigo, com o fazer do eu em acordo e desejar o mesmo. «Não tenhais medo, sou Eu.» 5749-4

Durante esta leitura, e todas as outras em que Edgar Cayce transmitia os pensamentos de outra entidade, a sua voz permanecia inalterada, normal, sempre o homem que conhecíamos como Edgar Cayce.

Duas semanas depois, a 20 de agosto de 1933, em Virginia Beach, enquanto o Grupo Search for God, Norfolk #1, escrevia a lição «Oportunidade», Minnie Barrett perguntou:

(Q) ... Como foi dado na leitura por João, como posso tornar a minha vontade mais de acordo com a Sua vontade, para que Ele fale comigo?

(A) Como Ele deu àqueles a quem falou, àqueles a quem falará: «Se Me amais, guardai os Meus mandamentos. Se Me amais, apascentai as Minhas ovelhas. Se Me amais, apascentai os Meus cordeiros.» Assim, na experiência de todos os que procuram conhecer as Suas ordens, fazei com o poder que a oportunidade vos apresenta em cada atividade do dia. Não sejais impacientes, mas sabeis que Ele não tardará — àqueles que O amam e guardam as Suas ordens.

(Q) Onde estou a falhar?

(A) Quem sou Eu, que falaria contra qualquer falha em qualquer alma? Procurai antes encontrar a falha do vosso próprio eu interior, e Ele guiar-vos-á corretamente. Assim falou Ele àqueles que Lhe perguntaram, e assim fala Ele àqueles que procuram. Pois «O Meu Espírito dá testemunho com o teu espírito» a todos os que amam a Sua vinda. 262-51

Numa leitura a 21 de outubro de 1931, Florence Edmonds, que tinha sido informada de que fora irmã do Príncipe da Paz quando Ele fora Zend numa encarnação anterior, perguntou:

(Q) Poderei receber neste momento uma mensagem do Mestre?

(A) Vem, minha filha, minha irmã. Ao escolher-Me, como Eu te escolhi, vem essa beleza de unidade em conhecer o caminho que traz aos outros paz, alegria, felicidade, ao fazer a Sua vontade; pois aquele que procura fazer a Sua vontade pode em Mim ter essa paz, essa alegria, essa compreensão, que

dá a cada um nas suas respectivas esferas as suas necessidades, os seus desejos, como os seus desejos estão em Mim. Sê fiel então, mesmo como foste fiel então. 993-3

Aqui, aparentemente, Cayce estava a transmitir os pensamentos do Mestre.

Numa leitura especial sobre Jesus para o Grupo de Oração Glad Helpers a 12 de março de 1941, em Virginia Beach, enquanto a Alemanha devastava a Europa, Edgar Cayce disse:

Deve haver o lembrete de que — embora Ele se tenha curvado sob o fardo da Cruz, embora o Seu sangue tenha sido derramado, embora tenha entrado no túmulo — através desse poder, essa capacidade, esse amor manifestado em Si mesmo entre os Seus semelhantes, Ele quebrou os laços da morte; proclamando nesse ato que não há morte quando o indivíduo, a alma, tem e coloca a sua confiança n'Ele. 5749-13

Numa leitura para uma viúva de sessenta e quatro anos, protestante, a 16 de junho de 1940, em Virginia Beach, Edgar Cayce disse:

Pois não há morte, para aqueles que amam o Senhor; apenas a entrada na outra câmara de Deus... Estas são as promessas, então, que Ele deu tão facilmente e tão bem: «Se Me amardes, guardareis os Meus mandamentos, e Eu e o Pai viremos e habitaremos convosco. Eis que estou convosco sempre, até ao fim do mundo.» Não é o fim, então, porque passamos de um quarto para outro, de uma consciência para outra. Pois assim é proclamado nessa promessa. 2282-1

Numa leitura para uma mulher de quarenta e seis anos, protestante, a 2 de dezembro de 1936, na casa de David Kahn em Scarsdale, N.Y., Edgar Cayce disse:

Pois a morte não tem agulhão, não tem poder sobre aqueles que conhecem a Ressurreição, mesmo como vistes e conhecestes, como ouvistes, como a Ressurreição trouxe à consciência do homem esse poder que Deus deu ao homem, que pode reconstruir, ressuscitar, mesmo cada átomo de um corpo fisicamente doente, que pode ressuscitar mesmo cada átomo de uma alma doente pelo pecado, pode ressuscitar a alma para que viva e viva na glória de um Cristo ressuscitado, regenerado nas almas e corações dos homens! 1158-5

HALALIEL

Após o fecho do Hospital Cayce em fevereiro de 1931, um grupo de doze a dezoito amigos reuniu-se à volta do Pai, procurando orientação espiritual. Em efeito, dissemos-lhe: Gostaríamos de conseguir fazer o que tu fazes — podes mostrar-nos como? Em resposta, ele disse: Não sei; vamos tentar e ver o que acontece. O grupo, incluindo eu, chamou-se Grupo de Estudo Search for God, Norfolk #1.

A partir de setembro de 1931, recebemos 130 leituras na série 262 ao longo de onze anos; a última foi dada em julho de 1942. Estas consistiam em pequenos discursos sugeridos pelo Cayce adormecido, como «Cooperação», «Conhece-te a Ti Mesmo» e «Qual é o Meu Ideal?». Para cada lição, dava-nos uma afirmação a manter na atenção durante quinze minutos diários. Fomos encorajados a não aceitar cegamente estes preceitos espirituais, mas a testá-los nas nossas vidas.

Em outubro de 1933, enquanto a nação se recuperava da Grande Depressão e o nosso Grupo Search for God vacilava, e o Pai sofria dificuldades económicas e problemas de saúde, Edgar Cayce começou a transmitir pensamentos de um anjo que se chamava Halaliel. Ora Halaliel era, como definido nas leituras, «Aquele em e com cujas cortes Ariel lutou quando houve a rebelião no céu.» (262-57)

Embora o Pai mantivesse a sua voz, maneira, inflexão e tom nas leituras durante este período, como sempre, Halaliel ofereceu-se para dirigir as leituras de forma mais clara e organizada. Foi indicado que nós, o grupo, precisávamos decidir se aceitaríamos ou não esta oferta. Pessoalmente, eu não acreditava que isto fosse necessariamente o anjo Halaliel. Ao longo de várias leituras e após muita discussão, o Grupo de Estudo #1 decidiu que os seus propósitos e orientação deveriam continuar a focar-se na Consciência de Cristo, e que não aceitaríamos a oferta de Halaliel.

Dois membros levantaram questões sobre a possibilidade de terem tanto a orientação oferecida como aquilo que todos concordavam ser uma sintonia mais elevada com a Consciência de Cristo. Foi para todos um período de questionamento, teste e decisão. Pelo que entendo das leituras que se seguiram, o grupo foi elogiado pela escolha e pela posição que tinha tomado.

Numa ocasião após uma leitura com Eileen Garrett, o seu guia espiritual, Uvani, ofereceu-se para esclarecer as leituras, e foi feita uma pergunta sobre se isso seria sábio ou não. Novamente, a oferta não foi aceite devido a uma declaração na própria leitura. Penso que isto foi um tipo semelhante de diversão provocada pelo stress e pela provação por que todo o grupo e a nação estavam a passar, e pela fraca saúde de Edgar Cayce na altura. Durante este período, o Pai continuou a dar quase duas leituras por dia para aqueles que procuravam a sua ajuda.

Halaliel dirigiu-se pela primeira vez ao grupo Search for God numa leitura a 15 de outubro de 1933, em Virginia Beach, durante a lição «Dia e Noite»:

Vinde, meus filhos! Sem dúvida ganhastes com o comentário deste dia que um novo iniciado falou neste ou através deste canal; Halaliel [2], que esteve com aqueles no princípio que guerrearam com aqueles que se separaram e se tornaram como nada. 262-56

Num encontro subsequente a 7 de janeiro de 1934, em Norfolk, perguntámos:

(Q) Quem é Halaliel, aquele que nos deu uma mensagem a 15 de outubro?

(A) Aquele em e com cujas cortes Ariel lutou quando houve a rebelião no céu. Agora, onde está o céu? Onde está Ariel, e quem era ele? Um companheiro de Lúcifer ou Satanás, e um que fez para a disputa das influências nas experiências de Adão no Jardim. 262-57

Por outras palavras, Halaliel era um que lutou contra o mal, em particular Ariel, que era companheiro de Lúcifer ou Satanás.

A 19 de janeiro de 1934, numa leitura sobre profecia e mudanças na Terra na casa dos Hastings em Nova Iorque, Cayce disse:

Pois vós na vossa fraqueza [pausa] conhecestes o caminho, através daquilo que manifestastes do espírito da verdade e da luz que tem sido proclamado nesta terra, que tem sido cometido à guarda d'Aquele que fez de Si mesmo nenhuma posse mas que trouxe à existência tudo o que vedes manifestado na terra, e declarou esta mensagem a ti: «Ama o Senhor teu Deus com todo o teu coração», e o segundo é semelhante a este: «Ama o teu próximo como a ti mesmo.» Quem é o teu próximo? Aquele que possas ajudar

de qualquer modo em que ele, o teu próximo, o teu irmão, tenha sido perturbado. Ajuda-o a manter-se de pé. Pois tal só pode conhecer o caminho aceitável. O fraco, o instável, deve entrar no crisol e tornar-se como nada, mesmo como Ele, para que possam conhecer o caminho. Eu, Halaliel, falei.
3976-15

Numa leitura previamente citada a 3 de fevereiro de 1934, na casa dos Zentgraf em Staten Island, a Sra. Eileen Garrett, médium do guia espiritual Uvani, perguntou:

(Q) Que entidade está a dar esta informação agora?

(A) A ser dirigida, como foi indicado, dos registos através de Halaliel.
507-1

Outra menção ocorreu novamente a 9 de setembro de 1934, em Norfolk, enquanto o Grupo de Estudo Search for God, Norfolk #1, se concentrava na lição «Desejo».

A todos diríamos: Sede pacientes. Aquela parte que escolheste num tal trabalho nasce da verdade. Deixai que venha e seja parte da vossa vida diária. Olhai para dentro das experiências, pois, como será visto, meus filhos, foi nomeado um que pode ajudar-vos nas vossas lições futuras, e ele será o vosso professor, o vosso guia, [Halaliel?] um enviado através do poder dos vossos próprios desejos. Os vossos próprios eus, então, podem apresentar o seu ser, encontro, vida, morada, convosco. Não o Cristo, mas o Seu mensageiro, com o Cristo desde o princípio, e é para outros mundos o que o Cristo é para esta terra.

Como muitos de vós perguntam agora: «Por que deveria o reino do espírito estar atento a este grupo, ao trabalho destes aqui reunidos?» A sinceridade do vosso propósito mereceu, destinou, que tal possa ser a vossa experiência. «O que, então», perguntais, «é o caminho, a maneira?» Que ninguém mencione quem, embora o nome e as atividades de qualquer desejo possam ser dados a vós, mas quando falardes fora do vosso próprio grupo, cortastes-vos a vós mesmos. Estais dispostos a aceitar tal encargo? [Pausa, de cerca de um minuto.] As respostas são lentas. Alguns aceitaram; alguns não sabem. Alguns perguntam a si mesmos: «O que é isto?» «De que maneira sou eu abordado?»

Entrareis no Jardim com Ele e vigiareis enquanto Ele, como o vosso Salvador, intercede por vós. Vigiareis? Deveis responder no vosso próprio coração. 262-71

Por outras palavras, Halalíel parecia estar a vir através dos nossos desejos. Edgar continuou:

Agora, chegais a essa mudança que deve ser operada nas vossas experiências, se quiserdes dar a este mundo em busca, em espera, aquilo que vós, como grupo, fostes preparados para dar. Qual é então o vosso destino? O que dareis ao vosso amigo, ao vosso próximo, ao vosso irmão, em todo o lado? Não penseis que porque aquilo que destes não recebeu louvor e promessa e glória da vida, que ainda não foi anunciado ao mundo, é a vossa própria conclusão nesta lição que deveis aprender. Quem de todos os povos daquela cidade em que o Seu Templo de Jeová tinha estado sentado olhou para o Rei na cruz e pensou ou sentiu que viria o dia em que as Suas palavras, mesmo «A Minha paz dou-vos», mudariam o mundo inteiro, e que o tempo, mesmo, seria contado a partir dessa morte, desse nascimento?

Assim damos, embora em [o ano] 2034, as vossas lições, se forem dadas em Seu nome, ainda estarão vivas nos corações e nas almas, mesmo, daqueles que perante o trono da graça vos chamarão pelo nome. Pensai bem, então, naquilo que vos foi dado e escolhei! 262-71

Duas semanas depois, noutro encontro do Search for God em Norfolk, enquanto o grupo tentava chegar a uma decisão sobre a oferta de esclarecimento de Halalíel, Gertrude perguntou:

(Q) Por favor explica, para que todos possamos compreender, exatamente o que foi querido dizer na última leitura, quanto à ajuda a ser dada nas lições, o que devemos fazer, qual deve ser a nossa abordagem.

(A) Se aquilo que foi dado como lições a outros deve ser vivido e exemplificado nas vidas dos membros do grupo ou não, individualmente, é uma escolha no indivíduo — não como grupo. Isto primeiro, como dado, deve ser determinado da melhor forma possível. Eles, como indivíduos, como membros do grupo que procuram ser um canal de bênção para alguém, — com a ajuda daquelas fontes através das quais receberam inspiração, ajuda, auxílio — viverão as suas próprias vidas desse modo e maneira como pediram a outros para fazerem. Não de si mesmos; pois, como foi dado outrora, nenhuma alma pode dizer que Cristo veio de Deus salvo o Espírito Santo o

convencer dessa declaração. E se alguém disser tal e não viver a vida que exemplificaria isso, então tal um já se condena a si mesmo. 262-72

Novamente no encontro seguinte a 23 de dezembro de 1934, em Norfolk, o assunto foi abordado:

Então, comportai-vos como filhos do Altíssimo — e sabeis para onde escolhestes aquilo que seria a vossa direção nesta matéria. Alguns entre vós estão receosos; alguns são fracos; alguns duvidam; alguns procuram mais e mais. O que fareis com aquilo que escolhestes? Sede fortes n'Ele, pois as Suas promessas são seguras — e podereis caminhar com Ele se escolherdes ser canais de bênçãos em Seu nome. Que os vossos sim sejam sim e os vossos não sejam não em Seu nome, pois escolhestes a melhor parte — Ele escolheu-vos como vós O escolhestes. Ide então para o campo que está maduro para a colheita; pois os Seus caminhos são aqueles que levam à vida eterna. Prontos para perguntas.

(Q) Por favor explica para que possamos todos compreender exatamente —

(A) [Interrompendo] Todos compreendem muito melhor do que querem admitir em si mesmos! Comportai-vos como acreditais que destes ao vosso irmão para as direções. Estamos terminados por agora.

[Nota de Gladys Davis: Dois ou três no grupo ainda não estavam convencidos de que estávamos certos em rejeitar a ajuda de Halaliel na preparação das lições.] 262-74

Assim, o Pai estava a avisar-nos para não falarmos de outra forma do que estávamos dispostos a agir, para não deixar que o preceito ultrapassasse o exemplo, ou, por outras palavras, para praticarmos o que pregamos.

Ainda na lição «Destino», a 6 de janeiro de 1935, em Norfolk, foi dito ao grupo:

Os sinais, os presságios pois, devem ser usados como pedras de degrau para a compreensão; não para serem confundidos com nem dados — através desse dom em ti de forças construtivas do próprio Pai-Deus — outro poder que não aquele que contém em si mesmos.

Porque toda a alma que encontra, encara e reconhece, recebe o mesmo em retorno. Como disse Ele isso? «Aquele que recebe um profeta [Halaliel?] em nome de um profeta recebe a recompensa de um profeta.» Isto não

indica que o profeta recebido seja de Deus, um anjo do céu ou do inferno; mas em nome, na maneira, no modo como recebido, assim vem a recompensa. Isso está destinado! Porquê? Na semente do pensamento, quer do corpo, da mente ou da alma, está a semente dela; e produz fruto que é do seu próprio tipo e natureza. Disse Ele: «Não colheis uvas de espinheiros; nem podeis esperar fazer o mal esperando o bem.»

Pois o destino está naquilo que pôs o mundo, sim, a terra e tudo o que nela há, em movimento. E vós na vossa cegueira, na vossa tolice, no vosso desejo por vós mesmos, procurais algum caminho fácil; quando toda a facilidade, toda a esperança, toda a vida está n'Ele! Então, o Seu caminho é o caminho fácil. Qual é o Seu caminho? «Aquele que te obrigar a ir uma milha, vai com ele duas; aquele que te processar e tirar a tua túnica, dá-lhe também o teu manto.» Disse Ele se justamente ou injustamente? Quem disse Ele que é o juiz? «Não julgueis para não serdes julgados.» Pois «o que fizerdes ao menor na terra, a Mim o fazeis.» [Aviso em relação à aceitação da oferta de Halaliel dado em 262-71.] 262-77

A menção seguinte a Halaliel ocorreu durante uma leitura de trabalho num escritório temporário em Washington, D.C., a 14 de fevereiro de 1935, após uma palestra no Hotel Willard.

Foi perguntado a Edgar Cayce:

(Q) Para uma apresentação melhor e mais racional do trabalho de Edgar Cayce ao mundo, dar-nos-ás, se considerares adequado, bondosamente informar-nos da Tua Identidade e da fonte ou fontes de onde trazes a informação dada em resposta às nossas perguntas nas leituras que não sejam as Físicas? É do Astral—

(A) [Interrompendo] Das forças universais que são aceitáveis e acessíveis àqueles que com sinceridade abrem as suas mentes, as suas almas, às maravilhosas palavras de verdade e luz.

(Q) Em que medida estão os Mestres da Grande Fraternidade Branca a dirigir as atividades de Edgar Cayce? Quem são os Mestres diretamente responsáveis?

(A) Mensageiros das forças superiores que podem manifestar-se do próprio Trono da graça.

(Q) Quem são os Mestres diretamente responsáveis? É São Germano [Conde de (c. 1710–c. 1780)?]—

(A) [Interrompendo] Aqueles que são dirigidos pelo Senhor dos senhores, o Rei dos reis, Aquele que veio para que possais ser um com o Pai.

(Q) Está São Germano entre eles? Quem é Halaliel?

(A) Estes são todos apenas mensageiros do Altíssimo. Halaliel é aquele que desde o princípio tem sido líder das hostes celestiais, que desafiou Ariel, que abriu os caminhos que têm sido pesados — mas como meio para a compreensão. [Isaías capítulo 29?]

(Q) Está São Germano entre eles?

(A) Quando necessário.

(Q) Por favor dá-nos a Tua Identidade?

(A) Aquele que procura aquilo que não ganhou controlo procura a danação para a sua própria alma! Controla o teu eu interior para que possas conhecer a verdadeira vida e luz! Pois aquele que nomearia o Nome deve ter-se tornado perfeito em si mesmo!

(Q) Se o Sr. Cayce é um membro e mensageiro da Grande Fraternidade Branca, como desejam os Mestres que ele proceda e não deveriam as suas atividades daqui em diante ser apresentadas como Trabalho Deles?

(A) Como o trabalho do Mestre dos mestres, que pode ser apresentado quando nessas linhas, nesses acordos necessários através da Fraternidade Branca. Isto — isto — isto, meus amigos, até limita; enquanto n'Ele está o Todo. Quereríeis fazer de vós mesmos, de vós próprios, um meio limitado de atividade? 254-83

MIGUEL

Alguns meses antes da abertura do Hospital Cayce, enquanto os espíritos da nova Associação de Investigadores Nacionais (mais tarde renomeada Associação para Investigação e Iluminação) estavam elevados, no final de uma leitura conduzida por Morton H. Blumenthal a 15 de julho de 1928, em Virginia Beach, ainda falando com a sua própria voz, mas mais alta, Edgar Cayce surpreendeu-nos com uma exclamação de Michael, que se identificou como Senhor do Caminho:

Escutai! Vem a voz de um que gostaria de falar aos aqui reunidos:
[Pausa]

Eu sou Michael, Senhor do Caminho! Curvai a cabeça, ó filhos dos homens! Dai atenção ao caminho como está posto diante de vós naquele Sermão da Montanha, naquele sobre aquela colina esta iluminação possa vir entre os homens; pois mesmo como a voz d'Aquele que esteve junto ao mar e chamou todos os homens para o caminho, para que aqueles que escutassem pudessem saber que novamente havia um bastão em David, e a vara de Jessé não falhou: pois em Sião os vossos nomes estão escritos, e no serviço virá a verdade! 254-42

Esta declaração em 1928 precedeu as de Halaliel por cerca de cinco anos e seria seguida por cerca de uma dúzia de tais declarações até o Pai morrer em 1945, uma média de menos de uma por ano. Metade delas ocorreu durante leituras do Grupo de Estudo Search for God, algumas das quais são citadas abaixo.

Nesta altura muito estava a acontecer na casa dos Cayce — a nossa família a mudar de residência, o hospital a abrir a 11 de novembro de 1928, depois a fechar a 28 de fevereiro de 1931. Não chegámos a perguntar diretamente sobre Michael até muito mais tarde. Cayce identificou-o na leitura 262-28 como «um arcanjo que está perante o trono do Pai... o senhor ou o guardião da mudança que vem em cada alma que procura o caminho...»

A seguinte mensagem de Michael ocorreu numa leitura conduzida por Edwin Blumenthal, irmão de Morton, no escritório de Cayce em Virginia Beach a 13 de janeiro de 1929:

Escutai! Viria Ele o Senhor do Caminho [Michael, o arcanjo], e Ele gostaria de falar contigo: «Curva a tua cabeça, pois agora é cometido a ti a guarda desse caminho na terra para que [o homem] possa saber que a vara não se afastou de Judá, nem o leão foi apaziguado que se levantou em Midiã, e àquele a quem aconselhas no ensino do meu povo os caminhos. Senhor dos Exércitos, sê Tu perto enquanto este teu servo se curva e chama sobre aquelas forças como foram manifestadas na carne no caminho que desce por Betsaida, e como foram reunidas na casa de José — como em Cafarnaum muitos vieram e ajoelharam e chamaram o teu servo abençoado. Ele agora recebe essa incumbência de aquele que vai como a luz para o seu povo.» 900-422

Numa leitura a 12 de abril de 1931, em Virginia Beach, logo após o fecho do hospital, a perguntar como prosseguir a seguir, foi-nos dito pelo Cayce adormecido:

Ao considerar uma ideia e um ideal, as ideias são dignas da consideração do homem — mas os ideais são algo mais; devem ser aquilo que pode ser procurado, vivido cada dia, cada hora de cada dia, se quiserem tornar-se não um Frankenstein para aqueles que os alimentam; pois o espírito está disposto em cada um, e há essa capacidade em cada um para levar adiante muito do que aqui está exposto, mas a menos que cada um tenha consagrado as suas vidas, as suas atividades, as suas intenções, os seus propósitos ao ideal, apenas destruirão aquilo que faria para a construção dos propósitos nas vidas dos outros...

(Q) Algum outro conselho e orientação para estes três?

(A) Tu tens posto diante de ti que és capaz, se apenas sacrificares o eu, se crucificares a carne para que a luz possa brilhar. Escutai! Vós filhos dos homens curvai a cabeça, pois Michael o Senhor do Caminho gostaria de mostrar-vos o vosso caminho — Quem é capaz de se manter no dia do Senhor? Aquele que purificou o seu coração nos caminhos que fazem para os filhos dos homens conhecerem o Senhor dos Exércitos aproximar-se-ia do teu próprio trono; pois quem é este Senhor? Aquele que é santo é o Seu nome! Amém. 3976-7

Numa leitura previamente citada a 14 de agosto de 1931, no Hotel Victoria em Nova Iorque, Vincent Lopez perguntou:

(Q) Podes contactar Azul [Azool? Azrael? Azazel?] para mim?

(A) Demétrio — Michael; Azul — não.

(Q) Não podes?

(A) Não posso.

(Q) Porquê?

(A) Há barreiras entre este corpo e Azul, como produzidas por aquilo entre Demétrio e entre Michael.

(Q) Podes contactar Azul para outra pessoa?

(A) Não nestas condições; pois Eu, Michael, falo como o Senhor do Caminho. Curvai as cabeças, ó povos, que procurais conhecer os mistérios daquela vida que faz para esses passos vacilantes nas vidas dos homens quando não aplicados da maneira como foi posto. Ó geração de cerviz dura e adúltera! Quem se aproximará do Trono para que possais saber que não há nenhum que supere o Filho do Homem na Sua abordagem à experiência humana no mundo material! 2897-4

Numa leitura na casa de Edgar Cayce em Virginia Beach a 4 de setembro de 1932, enquanto o Grupo de Estudo Search for God #1 escrevia a lição «A Porta Aberta», Cayce novamente transmitiu as palavras de Michael:

Sede quietos, meus filhos! Curvai as cabeças, para que o Senhor do Caminho possa fazer-vos conhecer que fostes escolhidos para um serviço neste período quando há necessidade desse espírito ser manifestado na terra, para que o caminho possa ser conhecido por aqueles que procuram a luz! Pois a glória do Pai será manifestada através de vós que sois fiéis à chamada em que fostes chamados! Vós que nomeastes o nome fazei conhecido nas vossas caminhadas diárias de vida, nos pequenos atos das lições que foram construídas na vossa própria experiência, através dessas associações do eu na meditação e oração, para que o Seu caminho possa ser conhecido entre os homens: pois Ele chama a todos — quem quiser pode vir — e Ele está à porta da vossa própria consciência, para que possais estar cientes de que o cetro não se afastou de Israel, nem os Seus caminhos foram em vão: pois hoje, se escutardes, o caminho está aberto — Eu, Michael, chamo-vos! 262-27

Um membro feminino do Grupo de Estudo Search for God, Norfolk #1, Ruth LeNoir, de trinta e seis anos, protestante, durante uma leitura em Virginia Beach a 14 de setembro de 1932, perguntou a Edgar Cayce:

(Q) Foi uma mensagem verdadeira de Michael que recebi na manhã de segunda-feira?

(A) Um contacto.

(Q) Lembrei-me corretamente da mensagem, e o que foi querido dizer com ela?

(A) Um aviso dessas condições, para que não haja um afastamento do caminho em que o eu se trouxe a um entendimento, no seu conceito presente de verdadeiras relações mentais e espirituais; pois, como foi dado, Michael é o senhor do Caminho — e nos caminhos de compreensão, de conceção, de trazer aquelas coisas que fazem para as mudanças nas atitudes nas relações físicas, mentais ou materiais, é o guia através de tais relações espirituais; pois o espiritual é a vida, a luz, o mental é o construtor, o material e físico são os resultados dessas atividades aplicadas no plano material, carnal ou físico. 585-1

Aparentemente, o arcanjo estava a tornar-se ativo nas mentes daqueles próximos de Cayce que estavam sinceramente a tentar seguir o conselho das leituras.

No encontro seguinte do Search for God a 18 de setembro de 1932, enquanto o grupo escrevia «A Porta Aberta», foi perguntado a Cayce:

(Q) Qual é a relação entre Michael, o Senhor do Caminho, e Cristo, o Caminho?

(A) Michael é um arcanjo que está perante o trono do Pai. O Cristo é o Filho, o caminho para o Pai, e aquele que veio à terra como homem, o Filho do Homem, para que o homem pudesse ter acesso ao Pai; daí o caminho. Michael é o senhor ou o guardião da mudança que vem em cada alma que procura o caminho, mesmo como naqueles períodos em que as Suas manifestações vieram à terra. Curvai as cabeças, ó filhos dos homens, se quiserdes conhecer o caminho: pois Eu, Michael, o Senhor do Caminho, gostaria de vos advertir que não vos coloqueis no caminho do vosso irmão nem vos senteis na cadeira dos escarnecedores [Salmo 1:1], mas antes fazei conhecido esse amor, essa glória, esse poder em Seu nome, para que nenhum tema; pois Eu, Michael, falei! [Nota de Gladys Davis: A leitura acima foi dada de forma tão poderosa que muitos de nós fomos movidos às lágrimas; todos fomos profundamente tocados.] 262-28

No encontro seguinte do Search for God a 2 de outubro de 1932, em Virginia Beach, enquanto o grupo escrevia «A Porta Aberta», foi incluída esta pergunta:

(Q) Há alguma mensagem para o grupo como um todo neste momento?

(A) Sede pacientes, longânimes, suportando os fardos uns dos outros. Sede alegres no Senhor. Não sejais tempestuosos em maneira, pensamento, ato ou feito; antes servi em humildade de espírito. Desfrutai os labores. Desfrutai aquelas coisas que fazem para a união de pensamento n'Ele, sabendo que fostes chamados, e que «Pelo Seu poder Eu, como membro de tal grupo, chamado a dar-me primeiro, chamado para que o eu possa tornar-se um canal, chamado para que Eu como indivíduo possa cooperar com o meu irmão em todo o lado ao fazer conhecido as palavras alegres do Senhor»; pois o Senhor está no Seu santo templo, que toda a terra guarde silêncio. Quem é este Senhor? Onde está o Seu templo? Não sabeis que os vossos corpos são o templo vivo, santo e aceitável para Ele, se caminhardes nos Seus caminhos? Escutai! Ó filhos dos homens! Curvai as cabeças, filhos dos homens: pois a glória do Senhor é vossa, se fordes fiéis à confiança que é posta em cada um de vós! Sabei em quem acreditastes! Sabei que Ele é Senhor de tudo, e a Sua palavra não falha àqueles que são fiéis dia a dia: pois Eu, Michael, protegeria aqueles que procuram conhecer o Seu rosto! Estamos terminados. [Nota de Gladys Davis: Lágrimas, silêncio e bela sintonia seguiram a leitura acima. Edgar Cayce ao acordar teve uma visão durante a leitura, teve de sair da sala um momento; disse que viu cada um de nós como deveríamos ser e como somos.] 262-29

Vários encontros depois, durante a lição «Na Sua Presença», a 4 de dezembro de 1932, em Virginia Beach, o grupo perguntou:

(Q) Há alguma mensagem para o grupo como um todo neste momento?

(A) Curvai as cabeças, ó homens que procurais a Sua presença! Sede fortes no Seu poder! Não vacileis no vosso próprio eu fraco! Sabei que o vosso Redentor vive e pode neste dia fazer conhecido no vosso próprio coração a Sua presença a habitar convosco! Arrancai do vosso corpo, da vossa consciência, tudo o que impediria a Sua entrada; pois Ele gostaria de cear convosco! Quereis vós, então, ó Homem, fazer conhecido as vossas próprias decisões? Quereis ser um com Ele? O caminho que Eu guardo leva àquela glória no poder do Senhor. Eu, Michael, gostaria de vos guiar. Não desobedeçais. Não vacileis. Conheceis o caminho. 262-33

Numa leitura para o segundo Congresso da A.R.E. em Virginia Beach a 17 de junho de 1933, foi perguntado a Edgar Cayce:

(Q) São anjos e arcanjos sinónimos daquilo que chamamos leis do universo? Se sim, explica e dá um exemplo.

(A) São como as leis do universo; como é Michael o senhor do Caminho, não o Caminho, mas o senhor do Caminho, daí disputou com a influência do mal quanto ao caminho do espírito do professor ou diretor na sua entrada pela porta exterior. [Ver Judas 1:9 em relação ao arcanjo Michael «quando contendia com o diabo acerca do corpo de Moisés» quando Moisés morreu.] 5749-3

Uma leitura a 25 de novembro de 1940 foi dada na residência de David E. Kahn em Scarsdale, N.Y., para um engenheiro de minas de sessenta anos, que questionava Cayce sobre onde perfurar para petróleo no Texas:

(Q) Pode ser dada informação neste momento em relação às aparentes imprecisões nas informações anteriores sobre a produção no buraco atual? Por favor explica o mais completamente possível.

(A) Como foi indicado, há produção aqui, mesmo no buraco perfurado; e só é necessário esperar pelos desenvolvimentos para provar o mesmo. Vinde! Escutai, filhos dos homens! Curvai as cabeças, filhos dos homens! Pois Eu, Michael, gostaria de falar convosco acerca daquelas coisas que questionais aqui! Não vistes e ouvistes — no curso que é seguido na busca através deste homem por conhecimento — em tal vos desviastes naquele desenvolvimento da materialidade na busca do homem por Deus? 1561-19

Imperturbável, o engenheiro de minas pediu e recebeu mais duas leituras sobre perfuração para petróleo no Texas, que, a julgar pela correspondência, aparentemente foram úteis. A última leitura de Cayce para este homem foi dada em maio de 1943 para gripe.

Porque deu Cayce esta e leituras subsequentes? Porque as leituras lhe tinham dito, e ele acreditava que «O Senhor não faz acepção de pessoas». Tentava ajudar todos os que vinham ao seu encontro, quem quer que fossem, qualquer que fosse o seu problema, da maneira que pudesse. As leituras tinham afirmado, e ele acreditava firmemente, que todos nós somos «filhos do Altíssimo».

A 24 de fevereiro de 1940, a Sra. [1602] escreveu a Cayce: «Há uma pequena senhora que espero conseguir arranjar uma leitura. É a criança profetisa, que tem dado verbalmente as mais surpreendentes profecias desde os seis meses de idade — quando começou a falar.»

Noutra carta, a 17 de março, escreveu: «A criança é realmente adorável. Natural, doce, feliz e boa, e simplesmente irradia luz e amor. Tens mesmo de a conhecer! E, penso eu, a mãe é igualmente adorável...»

As leituras para esta menina de quatro anos e meio contêm informação surpreendente e uma explosão de Michael. Na primeira leitura a 30 de março de 1940, em Virginia Beach, após advertir a mãe sobre a sensibilidade desta criança e os seus próprios propósitos em relação ao seu cuidado e educação, Cayce disse:

Antes disto (nas suas estadas) encontramos que a entidade esteve entre aqueles que receberam um serviço especial nas atividades iniciais da Igreja, na introdução de conceitos espirituais nas mentes de indivíduos através da música. Então a entidade foi Santa Cecília — ou como Celia a entidade foi primeiro conhecida — e depois conhecida pelas suas capacidades no ensino e ministério àqueles nas várias etapas da expressão e desenvolvimento do homem ali — na atividade e experiência romana da Igreja primitiva; pois a entidade trouxe esperança, paciência, compreensão. 2156-1

Enciclopédias identificam Santa Cecília como mártir cristã e padroeira da música. Cayce continuou:

Depois novamente, antes disso, encontramos que a entidade esteve naquele período de onde a maior esperança pode ser expressa; como Isabel, a mãe daquele de quem o Mestre disse: «Entre os nascidos de mulher não surgiu maior do que João Baptista.» Assim, como a entidade foi um vaso escolhido, um canal escolhido para aquele que proclamou o dia do Senhor estar próximo, a entidade agora — manifestada naquele corpo conhecido como ou chamado [2156] — pode de facto ser mantida como um canal, por aqueles à volta da entidade, para que ela também possa despertar e trazer a consciência nas mentes de muitos que o dia do Senhor está de facto próximo. 2156-1

A mãe de João Baptista!

Na segunda leitura dada em Bronxville, N.Y., a 16 de abril de 1940, Cayce disse:

Atenção a esses avisos indicados, para não trazer à experiência da entidade — por aqueles que guiam ou guardam os anos de desenvolvimento — nenhum que possa aproximar-se com incredulidade. Antes sabei, como indicado, que aqueles que se aproximam desta entidade sem consideração de quem ela é e o que ela pode significar para o mundo neste momento trazem sobre si mesmos influências destrutivas; mesmo como aqueles que tiveram a oportunidade de ter Deus na sua presença e ainda assim não acreditaram... Então — àqueles que escutarem: Dai — cada um de vós — graças e louvor ao vosso Criador, através do Cristo, o Senhor, por terdes sido contados dignos de vir à presença de uma tão querida ao coração de Deus, como para terdes sido confiados tal mensageira, tal maneira de manifestar o Seu amor na terra! Escutai aquelas vozes que novamente e novamente proclamarão através da entidade os ideais do Senhor. Limitai muitas vezes aquelas inclinações de procurar informação acerca daquelas coisas que trariam ou criariam contenda em qualquer secção, em qualquer terra. 2156-2

Então veio esta pergunta da mãe:

(Q) Algo mais que possa ser dado neste momento?

(A) Algo mais?!! Mundos! Mundos poderiam ser preenchidos com aquilo que poderia ser dado! Mas que cada um de vós aqui viva a Consciência de Cristo, como manifestada no Mestre, para que possais ser contados dignos de ser mesmo como aqueles que recolheriam as migalhas de sabedoria que serão manifestadas através desta entidade!

Escutai! Amigos! Eu, Michael, Senhor do Caminho, gostaria de vos advertir! Curvai as cabeças, ó vis da terra! Sabei o que vos foi confiado! Vivei a vida, para que não sejais contados amaldiçoados por serdes indignos da confiança dada a vós! 2156-2

A Sr.^a [1387] escreveu a 18 de outubro de 1940: «Tivemos a pequena [2156] lá com a mãe e o pai. A mãe falou e mostrou-nos o livro com todos os recortes de jornais e declarações notariais, etc., e a pequena menina devia dar-nos uma mensagem mas como essas coisas sempre acontecem ela não o fez... É uma criaturinha élfica e ao observá-la podes ver que está em contacto com algo que está além do conhecimento normal.»

Edgar Cayce respondeu a 24 de outubro de 1940: «A pequena [2156] é uma criança adorável — espero tanto que levem os avisos corretamente —

suponho que toda a gente tem as suas ideias sobre tais coisas — mas as leituras têm estado certas tantas, tantas vezes.»

A mãe escreveu-lhe a 13 de novembro. Cayce respondeu a 15 de novembro. A mãe escreveu novamente a 10 de dezembro: «Não estou bem fisicamente. Nem tenho estado há algum tempo. Mas realmente não tive tempo nem inclinação para me deter em mim mesma. É apenas que os outros estão preocupados. No entanto, isto sei eu, se eu fosse levada, o Sr. [marido] que fez tudo debaixo do sol para combater o trabalho de [2156] veria que nada voltaria a chegar aos ouvidos do público. Assim, vêes que tenho tido muito com que lutar — nos meus próprios laços familiares, muito — que realmente não poderia discutir com estranhos.»

«Agora, tenho uma mensagem para ser entregue pessoalmente ao Duque e à Duquesa de Windsor em Nassau. Quando e se, [2156] e eu a levaremos a eles. Estou a endereçar-me a eles para ver se receberão [2156]. A profecia é uma que mudará a história do Império Britânico.»

A 10 de julho de 1941: «Nota de Gladys Davis: Mais tarde soubemos que os pais de [2156] se separaram e que a criança estava a viver com o pai.»

Vinte e dois anos depois, em setembro de 1963: «Ouvimos que [2156] tinha casado, e que a sua vida precoce infeliz como ‘psíquica’ tinha sido abandonada quando foi separada da mãe.»

A 24 de outubro de 1964, o segundo marido da mãe escreveu sobre a morte da mãe de [2156] [o primeiro marido tendo morrido antes] e afirmou que [2156] e o seu marido estavam no negócio de distribuição por grosso na Pensilvânia. A 27 de outubro de 1964, Gladys Davis escreveu diretamente a [2156] a pedir detalhes sobre a sua vida. Não houve resposta. Citando a Bíblia, o Cayce adormecido repetia frequentemente: «Aqueles que têm olhos para ver, vejam; aqueles que têm ouvidos para ouvir, ouçam.» Neste caso, os seus avisos parecem ter caído em ouvidos que não escutavam. Estaria Edgar Cayce correto em 1940 quando disse que esta menina tinha sido Santa Cecília, padroeira da música, e Isabel, a mãe de João Baptista? Talvez nunca saibamos. A própria menina, agora uma mulher adulta, talvez saiba. De qualquer modo, isso significa que Cayce estava errado sobre vidas passadas em geral? Discutirei essa possibilidade a seguir.

REENCARNAÇÃO

Voltemos ao sonho do Pai sobre os planos de consciência. Ele viu-se a si mesmo como um ponto, seguindo o raio de luz através de vários planos de consciência até um lugar onde havia som e cor, depois até um Salão de Registos.

No seu estado sintonizado, Edgar Cayce aparentemente era capaz de alcançar outros quartos da sua própria mente e das mentes de outras pessoas. Esta capacidade trouxe as chamadas leituras de vida. Ora Edgar Cayce não era um homem sofisticado nem culto. Lia o seu jornal, a sua Bíblia e cartas. Os poucos livros na nossa biblioteca eram exemplares oferecidos de romances e poesia que o Pai tinha dado à Mãe desde os seus primeiros dias como empregado de livraria. Ele não sabia nada de budismo, hinduísmo, literatura rosacruz ou outras religiões do mundo.

Quando, em 1923, respondeu a perguntas sobre vidas passadas, o conceito ia diretamente contra a sua visão de mundo consciente. Foi o mesmo comigo. Quando, aos dezasseis anos, fui introduzido às leituras de Cayce sobre vidas passadas, o conceito ia diretamente contra a minha visão de mundo também.

Em dezembro de 1923, o Pai tinha abandonado o seu negócio de fotografia e dedicava-se a tempo inteiro a dar leituras em Dayton, Ohio. Cartas e notas tinham insinuado dificuldades financeiras, mas eu não estava preparado para a realidade. Durante o meu terceiro ano do secundário em Selma, Alabama, juntei-me à família para o Natal. Quando saí do comboio, o Pai parecia magro e esgotado. Estava a nevar. Ele não tinha sobretudo. Quando o abracei, ouvi o crepitar dos jornais que ele tinha enfiado debaixo do casaco para se aquecer. O meu ânimo caiu.

Fomos de elétrico até um apartamento no andar de cima de uma pequena casa particular numa zona degradada da cidade — o mais barato que conseguiram encontrar. O Pai mantinha um escritório no antigo Hotel Phillips onde dava leituras. Tinha medo de sair porque a renda estava atrasada. A minha passagem de comboio, soube eu, tinha sido paga com uma moeda de ouro que a minha mãe guardara durante anos.

O nosso jantar foi um frango magricela, saboroso porque a Mãe o cozinhou, mas pouco para cinco pessoas — Pai, Mãe, Gladys, o meu irmão e

eu. Todos pareciam felizes por me terem em casa, no entanto senti uma tensão, e pareciam evitar as minhas perguntas. Ainda assim, senti uma excitação. Mal tínhamos acabado de comer quando começaram a discutir este novo tipo de leitura que o Pai estava a dar e entregaram-me quatro páginas datilografadas — a minha leitura de vida.

Comecei a ler enquanto ouvia metade desta conversa louca sobre vidas passadas e personagens históricas estranhas, presumivelmente nós. Comecei a pensar: «Os críticos do Pai terão razão? Será ele realmente louco?»

A minha leitura identificava várias outras vidas que eu supostamente tivera, mais recentemente como monge na Inglaterra medieval. Também como guerreiro nas Cruzadas. Eu nunca ouvira a palavra reencarnação.

«Acreditas nisto?», perguntei ao Pai.

«Não sei. Estou a ter de pensar nisso. O que pensas tu?»

«Não consigo acreditar. É ridículo», respondi com desdém.

Nunca em todos os seus dez anos de aulas de catequese o ouvira mencionar vidas passadas de onde talentos e defeitos poderiam passar para o presente.

À medida que continuava a ler, fiquei zangado. E quanto mais lia, mais zangado ficava. Sentia-me despido, exposto, aberto como um presente de Natal. Essas páginas continham demasiado sobre os meus verdadeiros sentimentos e medos, sentimentos que não confiara a ninguém! O meu pai tinha-me traído! Pensei que ele não tinha direito de ter dito essas coisas na frente da Mãe e da Gladys, quanto mais pô-las por escrito onde estranhos podiam intrrometer-se! Lutei contra as lágrimas e retraí-me dentro de mim; e a partir desse dia, durante os cinco anos seguintes, ignorei completamente a ideia de reencarnação.

Mas gradualmente apercebi-me de que esta atitude estava errada. Pouco a pouco comecei a olhar para o assunto com seriedade. À medida que crescia, consegui articular as minhas objeções:

1. Porque não nos lembramos de vidas passadas?
2. Porque há tantos reis e rainhas, tão poucas empregadas de cozinha e lenhadores?

3. A promessa aérea de vidas futuras encoraja o pecado, pensava eu, porque deixa as pessoas pensar que têm outras oportunidades.

4. É demasiado fantástico, impossível de provar.

Ao longo dos anos, tentando aplicar alguns padrões objetivos ao meu ceticismo, mudei gradualmente de ideias sobre vidas passadas e encontrei o que penso serem algumas respostas válidas às minhas objeções iniciais:

1. Porque não nos lembramos de vidas passadas? Penso que nos lembramos, mas não habitualmente num nível consciente. Lembramo-nos na forma dos nossos corpos e rostos, nos nossos talentos e inaptidões, nos nossos gostos e desgostos, nos nossos amores e medos, nas nossas forças e fraquezas. Por vezes, se mantivermos os olhos abertos às possibilidades, podemos detetar pistas sólidas, até vislumbres. Mencionei alguns dos meus.

2. Demasiados reis e rainhas? Os pontos altos de certas vidas seriam naturalmente destacados por alguém que tentasse ser útil, como o Pai era. Mas ele também se concentrava em defeitos e fraquezas.

3. O conceito encoraja o pecado? Pelo contrário, um estudo sério de reencarnação e lei cármica atuará como dissuasor. «Deus não Se deixa escarnecer: pois o que o homem semear, isso também ceifará.» Essa citação de Gálatas 6:7, ou versões abreviadas dela, foi reiterada por Edgar Cayce em centenas de leituras. Se as pessoas pudessem aceitar a ideia de que pensamentos e ações atuais farão com que renasçam com amigos, famílias, sociedades que ou ajudarão ou dificultarão, de acordo com como os tratam nesta vida, poderiam encontrar razões muito pessoais para fazerem o bem aos seus semelhantes. Poderia haver algo mais justo?

4. A reencarnação pode ter sido impossível de provar em 1923, e provavelmente ainda é. Mas descobri que a minha maior objeção a ela não tinha nada a ver com prova científica. Sabia que, se a aceitasse, também teria de aceitar responsabilidade por todos os meus pensamentos, atitudes e ações. Se a aceitasse, sabia que já não poderia culpar ninguém mais pelos meus pensamentos, atitudes, ações. Admitir que as minhas próprias escolhas diárias alargavam ou

fechavam a distância entre mim e Deus foi a pílula mais difícil de engolir.

Na verdade, quando pensas nisso à luz do que já estabelecemos — que és uma alma, tens um corpo — a reencarnação não parece tão fantástica. É apenas a passagem da alma de volta pela Outra Porta de Deus para o reino material novamente.

Desde então vivi alguns incidentes surpreendentes que para mim equivaleram a prova pessoal de reencarnação. Este conceito, a propósito, existe há séculos. Edgar Cayce não o inventou; apenas o afirmou.

Claro, estes incidentes, que para mim foram absolutamente reais, para ti serão apenas histórias. Não resistiriam em tribunal. Não seriam considerados prova de nada, apenas evidência. Não espero que mudes de ideias pelo que vou dizer. O que espero é que consiga abrir uma janela na tua mente, manter-te aberto à possibilidade.

Em 1926, quando tinha dezanove anos, conheci uma rapariga linda no Colégio de Negócios de Norfolk. Tocava violino na Orquestra Sinfónica de Norfolk. Tinha cabelo castanho claro e pele de marfim — uma das mulheres mais belas e talentosas que alguma vez conheci. Para mim era uma deusa num pedestal. Apaixonei-me. Ficámos noivos.

Levei-a a casa para conhecer a família, e o Pai deu-lhe uma leitura de vida. Dizia que ela fora minha amante no antigo Egito, mas fora roubada pelo meu melhor amigo em Selma, Alabama, que, segundo a sua própria leitura de vida, fora meu irmão nessa vida. Nem a minha noiva nem o meu melhor amigo se tinham conhecido. Como eu pensava que toda esta questão de vidas passadas era uma tolice, decidi, como teste, apresentá-los para ver o que aconteceria.

O que aconteceu foi que o meu melhor amigo roubou-a novamente — não só a roubou, como pediu emprestado o carro da família, levou-a sozinha depois de sair da nossa casa, enganou-me ao fazê-lo, e fugiu com ela para Nova Iorque.

Eu tinha amado aquele rapaz como um irmão, mas depois disso não confiaria nele nem que o pudesse atirar pela perna traseira. Também decidi que talvez houvesse algo nas vidas passadas afinal.

Vinte anos depois comecei a sofrer ataques regulares de sufocamento e várias vezes tive de ser levado ao hospital. Depois, sonhei que estava a sufocar a minha antiga noiva porque ela fora infiel e estava grávida de outro. Esta era outra vida na Inglaterra, quando eu era um invasor norueguês. Ore por perdão, por ela e por mim. Na manhã seguinte foi como se um grande peso tivesse sido levantado.

Embora não tivesse ouvido falar dela em vinte anos, ela telefonou-me alguns dias depois e pediu desculpa pela forma como me tratara. Assegurei-lhe que fora perdoada.

Durante a Segunda Guerra Mundial, estava sentado num catre em Fort George G. Meade, um grande campo militar entre Washington e Baltimore. Estava a desmontar uma carabina, tinha-a desmontada na cama, mas não tinha a certeza se alguma vez voltaria a montar. Muito simples, na verdade, mas eu não estava familiarizado com ela.

Como sou de Peixes, o meu catre ficava mesmo ao lado do chuveiro, como de costume. Era à tarde, e os quartéis estavam praticamente desertos. Algumas pessoas andavam por ali, um par de rapazes na outra ponta — quartéis grandes e longos com catres de cada lado.

Comecei a ouvir um clop, clop, clop a descer o chão dos quartéis — os tamancos de madeira de alguém a caminho do chuveiro. Quando o barulho chegou mesmo à minha frente, levantei os olhos, e ali estava um jovem (acabou por ter dezoito anos; eu tinha trinta e tal). Tinha apenas o seu sorriso, uma toalha, um sabão e aqueles tamancos de madeira.

O que me possuiu não sei, mas quando ele estava à minha frente disse: «Não te vejo desde que fomos apanhados a roubar aqueles camelos no deserto de Gobi.»

Ele fez um duplo espanto, fitou-me como se eu tivesse perdido o juízo, e marchou para o chuveiro. Fiquei ali transfixo por causa desta cena que se conjurara na minha mente enquanto dizia aquilo — três rapazes, adolescentes, à volta de uma pequena fogueira no deserto, com camelos brancos de corrida por perto. Ao longe via pessoas a aproximar-se em camelos, e sabia que eram as nossas famílias. Éramos adolescentes — e, figurativamente, tínhamos levado o carro da família sem permissão — e estávamos a correr com esses camelos no deserto. Sabia sem dúvida que estávamos prestes a levar uma das piores tarefas de todas as minhas

encarnações. Era um terror estranho — um medo de ser chicoteado, de ser chicoteado com varas, gravemente. E não havia dúvida sobre se o merecíamos ou não. Sentia este terror estranho!

Agora não falei com aquele jovem novamente durante um ano. Ele estava noutra companhia. Fui chamado para fazer alguma escrita e nem sequer acabei o Básico, realmente. Juntei-me a outra companhia, não voltei à minha companhia original durante bastante tempo, e depois fui para Inglaterra.

Estava numa Unidade de Serviços Especiais. O nosso trabalho era proporcionar recreação — filmes, livros, entretenimento ao vivo — para tropas da frente. Tínhamos todos os filmes mais recentes e geradores portáteis para os podermos mostrar no campo. Tínhamos uma biblioteca de cerca de cem filmes; largavam-nos os filmes mais recentes de paraquedas. Tínhamos música, livros, espetáculos completos, cantores, mágicos, todo o tipo de entretenimento.

Servíamos as tropas em Inglaterra durante um ano, depois fomos anexados ao Corpo de Tanques do General Patton.

Esse jovem veio ter comigo em Inglaterra, deu-me uma cópia gasta de *There Is a River* que andava a circular na companhia, e disse: «Gostava de falar contigo sobre isto algum dia.» O seu nome era Sam Benesch. Mas não nos cruzámos novamente durante meses. Foi dezasseis dias após o dia D, e estávamos prestes a desembarcar na costa da Normandia — com vários camiões, e pianos, e uma banda completa — o material mais estranho para invadir a Europa que alguma vez viste.

Sam acabou por ser um dos três melhores sujeitos hipnóticos da nossa companhia. Uma pessoa surpreendente. O outro personagem nessa cena do roubo dos camelos era Bill Epstein. Desde então também o encontrei.

Sam e eu ficámos mais conhecidos enquanto esperávamos pela invasão. Uma noite um grupo de nós começou a brincar com hipnose, e Sam ofereceu-se. Foi um dos três que hipnotizámos que voltou no tempo e falou em línguas estrangeiras. Sam encontrou o seu avô enquanto estava sob hipnose, embora o avô tivesse morrido antes de Sam nascer. Enquanto estava sob, começou a falar com o avô. Queria ir com o avô, e tivemos um trabalho enorme para o tirar dali. O avô tinha-o levado em todas essas viagens à Índia e ao Egito. Tudo isto aconteceu à frente de cinquenta soldados numa sala cheia. E não

conseguíamos acordá-lo. Estava a falar com o avô, que ninguém mais podia ver, claro. Tive de o esbofetear e fazer todo o tipo de coisas para o tirar dali. Ele saiu imediatamente da sala e ficou perturbado durante dias.

Eu estava de sentinela nessa noite, entre as 2 e as 4 da manhã, e o Sam saiu e veio caminhar comigo. Falámos. Como resultado da hipnose, ele recordou todas aquelas viagens ao Egito e à Índia, estranhas cerimónias de iniciação sacerdotal. Como eu tinha algum conhecimento de misticismo tibetano e egípcio, reconheci várias coisas do que ele me contou. Ele possuía um conhecimento vastíssimo. Depois do episódio, escrevi à mãe dele sobre o assunto. Ela lembrou-se de que, em pequeno, o Sam falava do avô que lhe aparecia nos sonhos e o levava em viagens. Isso assustava-os. Levaram-no a um psiquiatra que o hipnotizou e apagou tudo aquilo da memória. Nós tínhamos voltado a abrir a porta a toda aquela experiência. Ele nunca conhecera o avô a não ser nesses sonhos. A partir daí, o Sam e eu praticamente não nos largámos um ao outro e continuamos amigos para toda a vida.

Em 1980 ele era executivo numa grande empresa.

Anos mais tarde, no dia em que a Alemanha se rendeu, a nossa companhia estava estacionada numa pequena aldeia austríaca nos Alpes Bávaros, perto de Berchtesgaden. Tínhamos libertado uma excelente cerveja austríaca e eu estava a beber uma caneca de cantil sentado no quintal da frente de uma casinha muito arrumadinha. A estrada que atravessava a aldeia estava cheia de restos do exército austríaco — exaustos, esfarrapados, magríssimos. Prisioneiros de um campo de trabalho próximo passavam à beira da estrada, com ar perdido — polacos, russos, checos. Camionetas americanas iam e vinham a recolher motores de aviões escondidos ao longo da estrada. Camionetas britânicas transportavam uma carga alegre de aviadores libertados, abatidos em alguns dos primeiros ataques aos campos petrolíferos da Roménia, presos durante anos e agora livres, cantando, rindo, gritando, bebendo enquanto seguiam para os voos de regresso a Inglaterra. Excitação, alívio, alegria, confusão e medo fundiam-se numa onda quase palpável.

Enquanto ali estava sentado, a embeber-me de cerveja e de confusão, algo estalou na minha cabeça e vi diante de mim uma horda em marcha de Cruzados — homens de armadura a cavalo, homens de couro, com lanças, criados a cavalo e a pé, alguns com braceletes e falcões encapuzados, anões a

fazerem piruetas à volta da coluna. Fui transportado de volta à época das Cruzadas.

Mas, tão depressa como tinham surgido, aquelas imagens desapareceram; uma cortina que se abrira por instantes fechou-se suavemente. Ainda assim, deixou-me com uma estranha consciência geográfica. Eu sabia onde se erguera um edifício antigo, onde existira uma ponte de pedra sobre um pequeno regato.

Depois veio uma sensação peculiar de “Está terminado”, de um ciclo que se fechara. Há muito tempo eu deixara a casa e a família para lutar numa guerra; nesta vida, voltara exatamente ao mesmo lugar de onde partira. Pensei na minha mulher e no meu filho que estavam em casa, nos meus pais que tinham morrido poucos meses antes. Perguntei-me sobre os padrões do karma, se aquilo seria uma espécie de conclusão.

Todas as minhas tentativas de considerar esta experiência como mera imaginação provocada pela cerveja ou como recordação de aulas de história na universidade nunca conseguiram apagar a estranha sensação de ter sido apanhado num mundo intemporal de memórias profundas.

Posso dar-te uma dúzia de outros exemplos de experiências semelhantes que me aconteceram ao longo da vida. Vou partilhar mais uma.

O Tom Sugrue e eu odiámo-nos desde o primeiro dia em que nos vimos. Não sabíamos como lidar com isso. Tentámos, mas era demasiado difícil. Magoávamo-nos psicologicamente e, por vezes, fisicamente — brigas, discussões, criando confusão para nós próprios, para os nossos colegas de quarto e para os nossos amigos. O nosso primeiro ano em Washington and Lee foi praticamente uma discussão contínua, sobretudo sobre dois temas: Edgar Cayce e a Igreja Católica.

Por fim, ele ridicularizou o meu pai uma vez a mais. Desafiei-o a vir a minha casa conhecê-lo. Foi um ponto de viragem. O meu pai deu-lhe uma leitura de vida que rastreou as raízes dos nossos problemas até ao antigo Egito. O Tom apaixonou-se pela minha família. E começámos o que viria a ser uma amizade para toda a vida.

Quando a mulher do Tom, a Mary, entrou no hospital para ter o primeiro filho, o Tom foi ver o joelho. Colocaram-no numa cabina de suor e aumentaram a temperatura para matar os germes. A Mary saiu com uma menina, mas o Tom saiu parecendo um esqueleto. Os braços e as pernas não

tinham carne — ele não conseguia andar. Era uma visão horrível. O Tom queria pedir ao meu pai uma leitura, mas a Mary recusou. Dizia que as leituras não eram científicas, talvez fossem obra do diabo. Acabou por concordar quando temeu que o Tom estivesse a morrer.

A leitura do Tom dizia que os médicos tinham queimado o revestimento do trato intestinal, que absorve os alimentos para o corpo. A leitura dizia que ele estava a morrer, mas que isso podia ser evitado. Recomendava banhos de sal de Epsom, massagens suaves, Atomidine e o aparelho de célula húmida. Levei o aparelho e tudo o resto, fui a Nova Iorque, fiquei uma semana em casa do Tom e comecei os tratamentos.

Pouco depois o pai da Mary adoentou-se e ela já não conseguia tratar dos dois.

Em 1939, o Tom veio viver para nossa casa e ficou dois anos. Estava muito magro e os braços e pernas rígidos. O meu pai continuou a dar leituras e a prescrever tratamentos. Durante esses anos eu fazia tudo pelo Tom — massageava-o todos os dias, levava-o ao mar. Eu dirigia um grupo de escuteiros e eles passavam por lá e levavam-no para onde fosse preciso. Ele e eu rezávamos, meditávamos e jogávamos xadrez juntos. Cuidei dele de todas as formas e aprendi a querê-lo profundamente como alma. O meu pai salvou a vida do Tom; tenho a certeza disso. Resolvemos uma das peças de karma mais difíceis de que alguma vez ouvi falar. E tornámo-nos amigos num nível muito para além do comum. Foi lindo.

Em 1952 ele entrou pela última vez num hospital em Nova Iorque. Eu tinha combinado tirar uns dias para o ir ver, mas na noite antes de partir, fui ao quarto dele no hospital num sonho. Sozinho na cama, ele cumprimentou-me e disse: “Já vou ter contigo num minuto.” O seu corpo mais subtil separou-se então do corpo físico. Ele levantou-se da cama e veio comigo até outra divisão, onde nos sentámos sozinhos e conversámos. Ele disse: “Vou partir em breve e estou muito feliz com isso. Não aguento mais esta dor. Mas não vale a pena gastares tempo e dinheiro para vires cá ver-me. Eu não te vou reconhecer conscientemente. Vou ouvir-te, mas não te vou reconhecer. Sei que virias. E agora já vieste.”

Depois falámos de outras coisas e ele disse: “Vou continuar a tentar ajudar como puder.”

Morreu em janeiro de 1953, aos quarenta e cinco anos.

Nunca amei outro homem como amei o Tom. Também nunca odiei ninguém tão completamente, nem gostei tanto de odiar alguém como gostei de odiar o Tom. Tive algumas amizades muito profundas na vida, mas nunca conheci nenhuma com toda esta ambivalência e transformação. Certamente nunca trabalhei tanto numa relação, nem ele. No fim, ele confiava em mim e eu confiava nele, completamente, e podíamos ser absolutamente francos um com o outro.

Uma última experiência:

Por volta do início dos anos 60, comecei a sentir uma raiva a crescer dentro de mim. Na altura era o responsável por esta organização mundial em crescimento — a A.R.E., cujo lema incluía a palavra amor — e descobri que odiava as pessoas se elas fizessem algo de que eu não gostava. Os meus colegas de trabalho, as pessoas com quem convivia todos os dias, estavam a deixar-me zangado, e eu não conseguia controlar isso. Sentia-me frequentemente irritado, zangado. Estava a adoecer.

Anos antes, o meu pai tinha-me avisado: “... prepara-te. Queima esses desejos de mandar, como outrora...” (3976-7). Referia-se a outra vida em que eu fora rei.

Reconhecia que o meu comportamento estava errado, mas não conseguia corrigi-lo. Apanhava-me a planear e a fazer coisas que não estavam certas, a aproveitar-me das pessoas, a magoá-las porque não gostava delas, porque as odiava. Livrava-me delas — pessoas com quem trabalhava na A.R.E., membros, pessoas com quem lidava diariamente. Conseguia ficar tão zangado que destruía indivíduos sem pestanejar, simplesmente livrava-me deles, virava-lhes as costas, deixava de lidar com eles. Era muito perigoso e eficaz. Jogava pessoas contra pessoas. Muitos negócios funcionam assim. E eu não conseguia fazer nada para o evitar.

E no entanto, ali estava eu, responsável por esta maravilhosa organização espiritual. Sabia que, se continuasse assim, acabaria por desmoronar-me, e a A.R.E. desmoronar-se-ia comigo.

Então continuei a rezar e a meditar; na verdade, intensifiquei ainda mais à medida que eu (e os outros) tomávamos consciência do meu estado de perturbação. E tive isto, não sei se foi um sonho ou uma visão, mas só me lembro de uma voz: “Vai para o Egito!”

Não tinha dinheiro, por isso organizei a primeira digressão da A.R.E. com cerca de quarenta pessoas e partimos para o Egito. Subimos o Nilo até ao grande templo de Ramsés em Abu Simbel, entrámos numa divisão interior onde supostamente os deuses vinham. Pedimos aos guardas que saíssem e fizemos uma meditação. Disse a afirmação e comecei a sufocar.

Pensei que havia demasiada gente naquela salinha e imaginei todas aquelas senhoras a desmaiar e nós a termos de as arrastar para fora. Abri os olhos e olhei à volta. Estavam todas bem. Não havia nada de errado com elas. Era comigo; eu não conseguia respirar. Pensei que estava a ter um ataque cardíaco. Fechei os olhos e disse novamente a afirmação.

Foi como se alguém me tivesse arrancado o chão debaixo dos pés e eu afundei-me noutro mundo — uma espécie de livro da vida — noutro corpo, outra pessoa, um estrangeiro de outro país, um escravo com uma corda ao pescoço, muitos de nós acorrentados uns aos outros, uma corrente de condenados. Egípcios caminhavam ao meu lado. Os meus pés estavam envoltos em trapos ensanguentados. As minhas mãos, cruzadas atrás das costas, doíam. O egípcio ao meu lado tinha um chicote curto com tiras de couro e pedras nas pontas. Chicoteou-me. Tropecei. O chicote veio por cima do meu ombro e arrancou-me cerca de dois centímetros de carne do peito. Amaldiçoei-o numa língua estranha, que ele aparentemente entendeu porque me bateu com a pega do chicote. Isso puxou-me para baixo, a mim e aos que estavam à minha frente e atrás. Odiava-o, e esse ódio era tão terrível que era como um fogo dentro de mim.

Depois estava noutra vida, na época de Ramsés II, num andaime a cinzelar as paredes de pedra por onde o nosso grupo tinha passado ao entrar. O artista que tinha desenhado os motivos na parede estava a terminar alguns incrustados ali perto. Eu cinzelava e ele preenchia com ouro ou outro metal precioso. Conseguia sentir os calos endurecidos nos joelhos e na mão onde eu errara com o martelo e me acertara a mim próprio, onde sangrara e ficara encrostado. Tinha de ficar ali durante horas seguidas. Era miserável.

O capataz desta vez tinha um longo bastão com uma espécie de alavanca na ponta. Conseguia alcançar qualquer um no andaime. Bateu-me nas costas porque cometera um pequeno erro ao cinzelar. Odiava aquele homem com tal violência que isso ardia dentro de mim enquanto vivia aquela cena.

Depois estava noutra vida — uma criança pequena a morrer nos braços da minha mãe egípcia. A minha barriga estava inchada. Estávamos a passar fome. O Nilo não tinha transbordado e as colheitas não tinham vingado. Não havia nada para comer, só água.

Por fim voltei a mim, de volta à meditação, de volta ao templo com o nosso grupo. Compreendi de onde vinha a minha raiva, o meu medo e o meu ódio.

Rezei muito intensamente sobre isto.

Depois fomos a Israel, à Galileia e a Cafarnaum, a uma aldeia na costa norte do Mar da Galileia. Era lindo. O guia mostrava-nos o que julgavam ser a casa de Pedro na época de Jesus.

Afastei-me e caminhei até à água. Havia um muro — para lá dele, erva e árvores. Era tão bonito. Enquanto ali estava, a absorver a cena, formou-se uma luz — mais alta do que eu, oval. Moveu-se até me envolver, até eu ficar encerrado naquela luz de outro mundo. Foi a maior paz que alguma vez senti. Estava tão feliz. Perguntei mentalmente se podia ir buscar a Sally para partilhar aquilo com ela, e soube que podia.

Corri, fui buscá-la, puxei-a do grupo e levei-a até ao Mar da Galileia, para o mesmo lugar. A luz envolveu-nos aos dois e eu fiquei curado.

Desde então tenho muito, muito melhor controlo sobre os meus medos, as minhas zangas e os meus ódios.

O conceito de renascimento, portanto, para mim, não é apenas um conceito. É um facto da vida que levanta questões cruciais sobre o significado da vida e da morte.

SUGESTÕES PARA OS VIVOS

SONHOS

O que podes fazer se decidires que não queres esperar até à morte para experimentar este mundo interior? Ou, se já o experimentaste, o que podes fazer para intensificar e tornar mais leve a tua experiência? Podes começar por estudar os teus sonhos.

Invariavelmente, quando sugiro isto, as pessoas arranjam desculpas e procuram formas de o evitar. Dizem que os seus sonhos são demasiado loucos, confusos, grotescos ou reveladores. Afirmam que não conseguiriam encontrar nada de benéfico no seu particular amontoado de imagens. Alegam apoio de terapeutas, que insistem que precisamos de ajuda para compreender os sonhos.

No entanto, o Talmude diz que os sonhos não recordados são como cartas não abertas. Cayce, em mais de mil leituras sobre sonhos e interpretações de sonhos, afirmou que nada de importante nos acontece que não tenha sido primeiro antevisto num sonho. Declarou também que os sonhos contêm todo o tipo de fenómenos psíquicos normalmente despercebidos — telepatia, comunicação com os mortos, clarividência, recordação de vidas passadas. Na minha experiência, o simples ato de sonhar e recordar os meus sonhos tem sido curativo, renovador e revitalizante.

Cayce delineou três tipos gerais de sonhos:

1. os provenientes da mente consciente, dos sentidos, como um ponto duro na cama ou um cão a ladrar;
2. os provenientes da mente subconsciente, onde os atos do dia anterior são comparados com os nossos desejos, atitudes e ideais;
3. os provenientes da mente supraconsciente, que podem ser “visionários”.

Quando comesas a estudar os teus sonhos, é como aprender uma língua estrangeira. Antes de poderes compreender o que eles dizem, tens de aprender palavras isoladas, depois frases e, finalmente, frases completas. Da mesma forma, não é possível compreender os teus sonhos sem primeiro aprender a sua linguagem. Para isso, deves começar a anotá-los e a estudá-los. Esta é uma forma segura, sólida e segura de explorar a tua mente inconsciente.

Coloca um bloco de notas, um bloco e um lápis perto da cama, onde possas alcançá-los enquanto estás meio acordado. Quando escreves, não tentes descrever cenas inteiras, apenas anota palavras-chave — substantivos ou verbos. Podes preencher o resto de manhã.

Enquanto adormeces, repete para ti mesmo: “Vou recordar os meus sonhos.” Isto é muito importante. Imprime no teu subconsciente que estás a sério.

Não desanimes se não funcionar da primeira vez. Continua. A persistência acaba por produzir resultados. O desejo, a vontade e a prática — os mesmos fatores que funcionam com qualquer competência — podem ajudar-te a conhecer as dimensões mais excitantes do teu verdadeiro eu — o eu que todos habitamos quando passamos pela Outra Porta de Deus.

Se decidires estudar o assunto com mais profundidade, há muitos bons livros sobre sonhos e sonhar.

ORAÇÃO

O que podes fazer se já experimentaste este mundo interior, mas queres intensificar e tornar mais leve a tua experiência? O que podes fazer se decidires que queres experimentar a Luz de Deus?

Em 1923, quando tinha dezasseis anos, depois de Cayce ter sugerido que todos beneficiávamos do estudo dos sonhos, comecei a registá-los. Certos símbolos repetiam-se, em particular um personagem desonesto que fumava, bebia, olhava de soslaio e piscava o olho com malícia. Como se parecia muito comigo, mas descuidado, considerei-o um símbolo do meu eu inferior. Uma noite, encontrei-o encostado a um poste de luz numa rua escura. Quando passei ao lado dele, atirou fora o cigarro e atirou-se-me aos joelhos. Ambos rolámos para a sarjeta. Gradualmente, comecei a ter medo dele. Pouco depois, enfrentei tentações perplexas.

Nos meus sonhos, ele continuou a meter-me em várias dificuldades. Por fim, não sabendo o que mais fazer, comecei a orar por ele. Num sonho posterior, queixou-se amargamente de que eu estava a tirar partido injusto. No entanto, a oração tornou a minha vida mais fácil.

Numa leitura de 19 de novembro de 1932, em Virginia Beach, Edgar Cayce definiu a oração:

... a oração é o tornar o eu consciente mais em sintonia com as forças espirituais que se podem manifestar num mundo material... [A oração é] o derramar da personalidade do indivíduo, ou de um grupo que entra com o propósito de exibição exterior para ser visto pelos homens; ou que entra mesmo como no quarto do seu eu interior e derrama o eu para que o homem interior possa ser preenchido com o Espírito do Pai na Sua misericordiosa bondade para com os homens... A oração é o esforço concertado da consciência física para se sintonizar com a consciência do Criador, coletivamente ou individualmente! (281-13)

São geralmente reconhecidos quatro tipos de oração — confissão, ação de graças, adoração e petição.

MEDITAÇÃO

Há anos, cerca de um mês depois de começar a meditar, tive uma experiência estranha e bela. Era primavera. Estava sentado a olhar para leste do terceiro andar de uma casa à beira-mar em Virginia Beach. Depois dos procedimentos iniciais, veio sobre mim uma quietude quase dolorosa, depois um zumbido incrível na minha cabeça, como o som que poderias ouvir se encostasses o ouvido a uma torre de alta tensão. Depois veio a música mais bela que alguma vez ouvi. Não tenho palavras para descrever essa música. Ao longo dos anos seguintes, embora diligente na meditação, nunca mais ouvi essa música. Pode acontecer, porém, amanhã ou depois de amanhã. Continuo a meditar; continuo a esperar.

A meditação é diferente da oração. Foi assim que Cayce a definiu numa leitura de 20 de junho de 1944, em Virginia Beach, para uma mulher de quarenta e nove anos:

A oração é súplica a Deus e a meditação é escutar a Sua resposta. (2946-6)

Numa leitura de 20 de julho de 1944, em Virginia Beach, para um vendedor de vinte e nove anos, foi dito:

Então estabelece períodos definidos para a oração; estabelece períodos definidos para a meditação. Conhece a diferença entre cada um. A oração, em resumo, é apelar ao divino dentro de si, ao divino fora de si, e a meditação é

ficar quieto no corpo, na mente, no coração, escutando, escutando a voz do teu Criador. (5368-1)

A meditação é uma forma de preparar para a vida após a morte. Numa leitura de 2 de novembro de 1937, em Virginia Beach, para uma dona de casa de quarenta e nove anos, cristã, foi dito:

Contudo, nas meditações mais profundas, nessas experiências em que essas influências podem surgir quando o espírito da Força Criadora, a universalidade da alma, da mente — não como material, não como julgamentos, não no tempo e no espaço mas do tempo e do espaço — pode perder-se no Todo, em vez de a entidade se perder no labirinto de influências confusas — então as visões da alma surgem nas meditações. (987-4)

Reza por ti e pelos outros depois de cada meditação. As vantagens disto tornar-se-ão aparentes mais tarde. Gradualmente, virá uma acalmia do corpo. A mente consciente ficará quieta. As imagens e cenas do subconsciente deixarão de piscar. Neste ponto, podes estar pronto para começar uma meditação mais profunda. Períodos mais longos serão possíveis e recompensadores. Finalmente, alcançarás um ponto de quietude. Neste ponto, haverá luz. Para alguns será um pequeno ponto de luz branca brilhante. Para outros pode ser um grão dourado ou uma pequena bola. Para outros pode ser um fluxo quente e penetrante de luz. A consciência, neste ponto, pode ser movida para a luz.

SERVIÇO

Milhares de vezes durante quarenta e três anos de leituras, Cayce enfatizou a necessidade de serviço. Como homem de família, membro de igreja, comunidade, cidade e nação, o meu pai tentava diariamente pôr esse preceito em ação. Eis alguns conselhos que ele deu a si mesmo:

A consciência da capacidade de servir só vem pelo serviço, não apenas desejando. Mas como foi dado? Desejo de tal natureza que age, que quer, e age com a fusão da vontade e do desejo para esse propósito! O medo é lançado de lado pela própria capacidade de submersão do eu físico através dessas influências que tantas vezes foram indicadas, o que faz para uma sintonia com essas fontes procuradas pelo indivíduo que busca. (294-185)

Numa leitura de 28 de abril de 1936, na casa de David Kahn em Nova Iorque, uma estudante de vinte e dois anos foi instada:

Torna-te, então, um canal de bênçãos para os outros, e assim as belezas das forças celestiais — como podem ser expressas nisso — serão tuas. Beleza pela beleza. Amor para que possa ser a manifestação não de emoções corporais, mas antes daquelas que mostram a Sua atividade em e entre os homens. (1189-1)

Numa leitura de 18 de outubro de 1932, em Virginia Beach, uma dona de casa de trinta e um anos, protestante, perguntou se o marido era culpado pela sua depressão:

Isto vem mais de dentro de si, mas perdendo o eu no auxílio aos outros — e fazendo aquilo que dá alegria ao eu interior aliviará muito disto. (1928-1)

Numa leitura de 26 de maio de 1944, em Virginia Beach, uma mulher de cinquenta e oito anos, que perguntou como superar o medo da velhice e de ficar sozinha, foi dito:

Saindo e fazendo algo por alguém; isto é, por aqueles que não conseguem fazer por si mesmos, tornando os outros felizes, esquecendo o eu completamente. Estas são manifestações materiais, mas ao ajudar alguém te livras dos teus sentimentos [de medo]. (5226-1)

Numa leitura de 13 de maio de 1942, em Virginia Beach, para o Grupo de Oração dos Glad Helpers, Hannah Miller recebeu este conselho:

Deixa que o medo, a preocupação, se percam no teu serviço aos outros por amor ao Seu nome. Que o teu coração se eleve, para que possas ouvir aquele “Bem feito” d’Aquele que está atento aos que procuram a Sua face. (281-61)

Numa leitura de 20 de fevereiro de 1944, para uma mulher de vinte e nove anos, que tivera vinte e sete empregos diferentes, se questionava sobre o propósito da sua vida e ouvira falar de Cayce através da revista *Coronet*, Edgar Cayce disse:

Primeiro, sê consciente disto — que o Senhor precisa de ti, com as tuas falhas, com as tuas virtudes. Pois sem a consciência de que és Dele e Ele é teu, não podes reclamar esse direito de nascimento, não podes passar por este caminho sem tristeza ou sem condenação. Mas com essa consciência Ele

cura as tuas doenças, instrui a tua mente, indica o caminho que escolherás.
(3685-1)

Numa leitura de 17 de agosto de 1943, em Virginia Beach, uma mulher de sessenta e seis anos, que ouvira falar de Edgar Cayce através do livro *There Is a River*, recebeu esta mensagem:

Sabe que está nas pequenas coisas, não em aplausos trovejantes, não no soar de sinos, nem no assobiar de apitos, que o Filho do Homem vem — humilde, gentilmente, bondoso, manso, humilde — pois «Aquele que é o maior entre vós serve a todos». (3161-1)

LUZ

Jesus disse em João 8:12: «Eu sou a luz do mundo», e, antes da Última Ceia, em João 12:35-36: «Ainda por um pouco a luz está convosco. Andai enquanto tendes a luz, para que as trevas não vos surpreendam; pois quem anda nas trevas não sabe para onde vai. Enquanto tendes a luz, crede na luz, para que sejais filhos da luz.»

O Cayce adormecido também fez muitas referências à luz:

Numa leitura de 27 de maio de 1944, em Virginia Beach, para uma mulher de vinte e seis anos, professora, assistente social, presbiteriana, foi afirmado:

... Deus moveu-Se e disse: «Haja luz», e houve luz, não a luz do sol, mas antes aquela pela qual, através da qual, em que toda a alma teve, tem e sempre terá o seu ser. (5246-1)

Numa leitura de 1 de novembro de 1936, para o Grupo de Estudo A *Procura de Deus*, Norfolk #1, Cayce deu esta afirmação:

Pai nosso, nosso Deus, que a luz da Tua sabedoria, da Tua força, do Teu poder nos guie — enquanto nos aplicamos ao Teu serviço pelos outros. Em Seu nome procuramos. (262-102)

Foi dada numa leitura de 15 de março de 1939, em Virginia Beach, para o Grupo de Oração dos Glad Helpers:

Ó Deus de misericórdia e luz! (281-40)

Numa leitura de 30 de dezembro de 1937, em Virginia Beach, para uma dona de casa de quarenta e oito anos, protestante, foi apresentada esta oração:

Pai-Mãe Deus, eis-me aqui — a Tua serva! Fraca, indigna embora possa ser — venho buscar a Luz Divina... (1504-1)

Numa leitura de 22 de maio de 1935, em Virginia Beach, uma mulher de setenta e seis anos procurou a interpretação de uma pequena luz que frequentemente lhe aparecia na visão. Vibrava rapidamente, depois formava-se gradualmente num círculo quase perfeito com luzes muito brilhantes a ziguezaguear. Durava quinze minutos; depois tinha uma dor de cabeça durante seis horas. Acontecia-lhe de repente, de noite ou de dia, por vezes duas vezes por dia. Ao princípio acontecia com meses de intervalo, mas agora era frequente. Queria saber o que fazer. Edgar Cayce aconselhou:

... a eliminação disto não deve ser procurada; pois o corpo construiu no seu eu mental essa reação que se repete. Assim, compreende e entende o mesmo do ponto de vista espiritual. E quando tais condições começarem, entra antes em sintonia espiritual com as forças mentais do que em tentar visionar o fenómeno tal como aparece... Assim, como verificaremos, viremos a ver não só a luz, mas — pela meditação profunda — poderemos entrar nela e tornar-nos parte da luz, que pode trazer atributos curativos úteis às condições psicológicas do corpo. Por isso, guarda-te pelo Infinito. Ou quando houver essas reações, entra — usando esta afirmação: Que nenhuma influência, Pai, esteja nesta experiência que não fale da Tua glória para os Teus filhos. Que a luz do Teu rosto seja apenas aquela que agora me possa vir. Pelas promessas que fizeste, eu reclamo, eu procuro, eu peço a Tua proteção. (774-3)

Em conclusão, vou contar uma experiência pessoal com a Luz.

Pois, assim como a morte é um nascimento para outra experiência, também o nascimento o é. Morremos ali, nascemos aqui. É uma porta; outra das portas de Deus.

Edgar Cayce expressou-o assim numa leitura para si próprio e para Morton Blumenthal em 17 de março de 1927, em Virginia Beach:

Contudo, como verificamos, em todo o mundo nada oferece tanta possibilidade como quando o corpo humano nasce no plano material. (5756-4)

Temos dois rapazes, como sabes. Quando a Sally engravidou pela primeira vez, o Dr. Wally Taylor, irmão da Sally, disse-nos que seria um parto difícil. Enviou-a a um especialista, e o especialista disse que seria um parto difícil. Obtivemos uma leitura do Edgar Cayce, e ele disse que seria um parto difícil. Assim, seguimos a leitura, seguimos as indicações do especialista, fizemos tudo o que o irmão dela lhe disse para fazer e tudo o que as leituras diziam para fazer. E rezámos.

Apesar de tudo isso, quando o parto aconteceu, prolongou-se durante horas e horas. Foi bastante duro. A Sally quase morreu, e a criança quase morreu. (Não morreu, está por aí — Charles Thomas.)

Veio a guerra, e eu parti para o estrangeiro, o Pai morreu, a Mãe morreu, voltei e a Sally queria outro filho. Eu também queria.

Rezámos muito sobre isso. Ela estava disposta a tentar de novo, a passar por aquela experiência horrível. Podia acontecer outra vez, ou podia ser fácil, diziam. Mas o problema, o perigo, continuava lá.

O Pai já não estava — não podíamos obter uma leitura. Mas fizemos tudo o que a primeira leitura dizia. Conseguimos outro especialista — o primeiro tinha morrido. O irmão médico dela ainda lá estava para nos aconselhar. Preparámo-nos para esta segunda criança. Muita oração outra vez. Mas à medida que o tempo se aproximava, eu ficava cada vez mais perturbado e preocupado.

Uma noite cheguei de uma palestra, entrei no quarto dela e sentei-me na beira da cama. Ela estava a dormir. E eu rezei.

Estava acordado. Estava mais acordado do que o habitual, embora possas acreditar que estava a dormir, se isso te ajudar a aceitar o que vou dizer. Enquanto rezava, acendeu-se uma Luz — uma Luz branca brilhante no canto do quarto. Era um quarto pequeno, e encheu todo aquele canto. E nela estavam o rosto da minha mãe e o rosto do meu pai, e estavam vivos, cheios de energia e vitalidade. O Pai falou-me — não com palavras, mas na minha cabeça. Sorriu e disse: «Hugh Lynn, não deves preocupar-te, não deves estar preocupado. Vai correr tudo bem. Vamos mostrar-te o que o Amor pode fazer.»

Sorriu, a Mãe sorriu, e moveram-se. Moveram-se nesta Luz, e ao tocar-me, perdi a consciência como a conheço. Perdi-a completamente.

Mas tornei-me consciente do meu pai, da minha mãe e da sua essência, e da minha essência. E estávamos todos juntos no que chamaria um êxtase, um estado de emoção tremenda, beleza, um êxtase — como queiras escrevê-lo. Não há mais do que uma palavra para isto. Não temos linguagem, exceto a linguagem do amor, que se aproxime disto.

Depois movemo-nos — os três com a Luz — para dentro do corpo da Sally e do corpo desta criança por nascer. O êxtase aumentou até se tornar avassalador, e varreu-me como ondas que rebentam por cima. Não aguentei — quero dizer, não restou nada de mim. Estava fora do meu corpo — estava neste outro corpo. E a Vida estava lá no corpo desta criança — a essência — todos os cinco juntos, e era como estar todos juntos.

Depois houve um puxão, e saímos do corpo da Sally, e eu estava de novo na cama, e a Luz estava no canto, e o Pai e a Mãe estavam lá.

Estava a chorar, engasgado. Não conseguia falar. Não conseguia dizer nada. O Pai sorriu-me. Não sorriu, sorriu abertamente, um sorriso grande e largo. E disse: «Vês? Vês o que o Amor pode fazer?»

A Mãe sorriu e disse: «Vai correr tudo bem. Vai ser um rapaz, e vai correr tudo bem.»

Depois a Luz apagou-se, e eu fiquei ali, a soluçar.

A Sally acordou, virou-se, agarrou-me na mão e apertou-a com força. Antes de eu conseguir dizer uma palavra, ela disse: «Hugh Lynn, vai correr tudo bem. Tive um sonho lindo com a tua mãe e o teu pai. Vamos ter um filho. Vai correr tudo bem.»

E correu. O parto foi extremamente fácil. Mal chegámos ao hospital. O especialista não chegou a tempo. O irmão dela não chegou a tempo. Foi um interno que a assistiu. Foi um parto muito fácil.

Por isso, quando alguns de vós perguntam se penso que tive contacto com Edgar Cayce, sabes qual é a minha resposta.

Existe outro plano de consciência. E o amor, mais do que qualquer outra coisa, une esta distância, tal como une as horríveis distâncias aqui na Terra que por vezes colocamos uns entre os outros.